



UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO BRASILEIRA

SAMIA PAULA DOS SANTOS SILVA

**A JUVENTUDE REMANESCENTE DE QUILOMBO DA COMUNIDADE
BASTIÕES(CE): TENSÕES E IDENTIDADE**

FORTALEZA
2016

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação
Universidade Federal do Ceará
Biblioteca de Ciências Humanas

S586j Silva, Samia Paula dos Santos.

A juventude remanescente de quilombo da comunidade Bastiões(Ce): tensões e identidades / Samia Paula dos Santos Silva. – 2016.

120 f. : il. color., enc. ; 30 cm.

Dissertação (mestrado) – Universidade Federal do Ceará, Programa de Pós-Graduação em Educação Brasileira, Fortaleza, 2016.

Área de Concentração: Educação Brasileira.

Orientação: Profa Dra. Joselina da Silva.

1.Quilombolas. 2. Juventude. 3. Identidade. 4.Cultura. I. Título.

CDD 305.8098131

SAMIA PAULA DOS SANTOS SILVA

**A JUVENTUDE REMANESCENTE DE QUILOMBO DA COMUNIDADE
BASTIÕES(CE): TENSÕES E IDENTIDADE**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Ceará, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Educação. Área de concentração: Educação Brasileira.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Joselina da Silva.

FORTALEZA

2016

SAMIA PAULA DOS SANTOS SILVA

**A JUVENTUDE REMANESCENTE DE QUILOMBO DA COMUNIDADE
BASTIÕES(CE): TENSÕES E IDENTIDADE**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Ceará, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Educação. Área de concentração: Educação Brasileira.

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Joselina da Silva

Aprovada em: ____/____/____.

BANCA EXAMINADORA

Prof^a. Dra. Joselina da Silva (Orientador)
Universidade Federal do Ceará (UFC)

Prof. Dr. Henrique Antunes Cunha Júnior
Universidade Federal do Ceará (UFC)

Prof^a. Dra. Sandra Haydée Petit
Universidade Federal do Ceará (UFC)

Prof^a. Dra. Rosa Maria Barros Ribeiro
Universidade Estadual do Ceará (UECE)

Dedico este trabalho aos Bastiões, meu lugar de origem ancestral, que permitiu a aproximação com a sabedoria dos meus ancestrais.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus, por ter colocado em meu caminho as pessoas essenciais para minha caminhada, por ter me dado força para continuar e vencer as dificuldades postas durante essa trajetória.

À espiritualidade, pela proteção e orientação nas horas difíceis de dúvidas e inseguranças.

Aos meus ancestrais, por me darem a oportunidade de retratar nosso lugar a partir de meu ponto de vista.

A minha família, por ter compreendido a necessidade da distância que por muitas vezes se instalou entre nós e pelos momentos prazerosos de relaxamento e alegria quando mais precisava. E, simplesmente, pela existência de cada um de vocês do jeito que são.

A minha querida e amada mãe, pelo amor e carinho, pela força, pelas orações, por nunca ter me cobrado nada, por sempre ter acreditado em mim, pela alegria de te ter em minha vida e por todas as outras coisas impossíveis de descrever.

Aos meus irmãos queridos, Samara Kelly e Francisco Edgleison, por serem minha inspiração, pela troca de informações e conhecimento, pelo apoio no desenvolvimento do trabalho e nas decisões da vida.

Aos meus padrinhos, pela aposta, insistência e paciência de sempre. As minhas amigas(Irmãs) Márcia Lorena e Luana Carla, pelo companheirismo e pela paciência todos esses anos.

A todos os meus amigos, pela troca de conhecimento, pelas vivências felizes e conflituosas que se estabeleceram durante nossa caminhada. Especialmente agradeço a Jair Delfino, por sua presença e de sua espiritualidade em minha vida, todo o apoio e dedicação desse tempo juntos. À Simone Euclides, por todas as correções feitas e todas as dúvidas tiradas e em especial ao companheirismo. À Maria Saraiva (Socorro), por suas contribuições estrutural deste trabalho e à Juliana Alice, por ter enfrentado todas as dificuldades e ter persistido em terminar as transcrições de uma parte das entrevistas e pela irmandade. Ao Jarles Lopes, por

todos os desabafos, por todas as trocas de experiências e todas as gesturas vividas em conjunto e que me fizeram uma pessoa diferente. Ao Gardner Arrais por se torna um exemplo de profissional e pessoa, pelas trocas e pelo imenso carinho.

Ao grupo de pesquisa Ética, Educação e Formação Humana, pelo aprendizado construído todos esses anos, pela imensa corrente positiva e companheirismo entre seus membros que contribui para minha formação pessoal e profissional, por me fazer compreender que há possibilidade de seguir o caminho acadêmico de forma digna e humana.

Agradeço especialmente às professoras líderes desse grupo de pesquisa Lourdes Carvalho, Rosa Barros e Lia Matos (convidada), pelas parcerias que mudaram minha vida, pelas palavras e atitudes de incentivo, pela imensa dimensão humana de suas práticas pedagógicas, principalmente por me ajudar a me ver de forma diferente, eu diria até, por ter me ajudado a me reinventar.

A cada um dos sujeitos dessa pesquisa e entrevistados, pela dedicação, confiança e conhecimento destinados ao trabalho.

A minha orientadora Joselina da Silva, pela confiança e oportunidade na realização de um trabalho para os meus ancestrais. Pelas orientações realizadas para o bom desenvolvimento dele. E especialmente pelas conversas e força em momentos extras profissionais.

Aos professores das disciplinas cursadas durante o curso do mestrado pelo conhecimento adquirido nelas. Em especial aos professores Sandra Petit e Henrique Cunha, pelos inúmeros aprendizados a respeito das africanidades. A este último agradeço também a confiança na organização do seminário “Os Marcadores Atemporais Africanistas na Cultura e Tradição dentro das Comunidades Quilombolas do Ceará”, que muito contribuiu com o desenvolvimento do trabalho.

A todos que fizeram parte de minha trajetória acadêmica, meu muito obrigada. Contem comigo, sempre!

RESUMO

Esta pesquisa problematiza a temática da juventude em uma comunidade remanescente de quilombos. Tem por finalidade investigar como se constitui e se afirma a identidade quilombola dos jovens moradores da comunidade Bastiões, no Estado do Ceará (CE); conhecer o cotidiano dos jovens da comunidade Bastiões, em especial as formas de expressões culturais; compreender como os grupos de expressão cultural influenciam na formação da juventude na comunidade. Para atingi-los, adotei como procedimentos metodológicos a observação livre e as entrevistas semiestruturadas para investigar como se organizam os grupos e como esses desenvolvem suas atividades culturais. Durante a pesquisa contei com a participação de dez sujeitos. Os resultados mostram que os valores sociais da comunidade foram construídos por meio dos antepassados e sobrevivem nos dias atuais. As novas gerações se expressam na comunidade através de atividades cotidianas ou em grandes eventos. A localidade apresenta problemas sociais que atingiram muitas gerações, como a dificuldade de acesso à informação e ao conhecimento. Tal situação afeta principalmente os jovens que têm sua formação prejudicada por falhas na estrutura social. Com o advento do acesso à Internet, os jovens passaram a desenvolver atividades culturais e educacionais que contribuem para a valorização dos costumes locais e melhora a qualidade do ensino no que diz respeito ao acesso amplo à informação e ao conhecimento, dentre essas atividades estão a criação de blogs educacionais, grupos de teatro e dança.

Palavras-chave: Juventude; Cultura; Identidade Quilombola.

ABSTRACT

This research discusses the topic of youth in a community remaining quilombos. It aims to investigate how it is and says the quilombo identity of the young residents of the Bastions community in the state of Ceara (CE), to know the daily lives of youth in the Bastions community in particular to forms of cultural expressions. Understand how cultural expression groups influence the formation of youth in the community. To meet them, we adopted as methodological procedures free observation and semi-structured interviews to investigate how to organize groups and develop their cultural activities. During the research we have the participation of ten subjects. The results show that the community social values were built by the ancestors and survive today. The new generations are expressed in the community through daily or in large events activities. The town has social problems that have hit many generations, such as the difficulty of access to information and knowledge. This situation affects mainly young people who have their training hampered by failures in the social structure. With the advent of the internet, young people began to develop cultural and educational activities that contribute to the development of local customs and improve the quality of education in regard to broad access to information and knowledge among these activities are the creation of educational blogs, theater and dance groups.

Keywords: Youth; culture; Quilombo identity.

LISTA DE SIGLAS E ABREVIATURAS

UECE	Universidade Estadual do Ceará
INCRA	Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária
ONU	Organização das Nações Unidas
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatísticas
ADCT	Atos das Disposições Constitucionais Transitórias
EAD	Educação à Distância
ENEM	Exame Nacional do Ensino Médio

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Ligação dos jovens aos grupos culturais estudadas ou atividades desenvolvidas	64
Quadro 2 - Jovens Sujeitos que se autodeclaram remanescentes ou não.....	94

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	11
2 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS: DESCRIÇÃO DO CAMPO E DOS SUJEITOS	18
3 CAPÍTULO I: COMUNIDADE BASTIÕES: TRADIÇÃO (COSTUMES), RELIGIÕES E CULTURA NA MINHA CONVIVÊNCIA E PELO OLHAR AOS DEPOENTES	23
3.1 Água na serra: boas lembranças, muitas dificuldades	28
3.2 Mobilidade e transporte	35
3.3 Tradições, religiosidade e festas	37
4 CAPÍTULO II: IDENTIDADE E IDENTIDADE QUILOMBOLA	43
4.1 Identidade negra	48
4.2 Identidade quilombola	52
4.3 Educação não formal e identidade	55
5 CAPÍTULO III: EDUCAÇÃO NÃO FORMAL E AS CULTURAS DESENVOLVIDAS PELOS JOVENS NA COMUNIDADE BASTIÕES	62
5.1 Os jovens e a culturas dos blogs	64
5.2 os jovens dos Bastiões e seu olhar através da referência teatral	73
5.3 A cultura do passinho e a sua versão nos Bastiões.....	79
6 CONFLITOS, INGERÊNCIA E FORMAÇÃO JUVENIL NA COMUNIDADE BASTIÕES	87
6.1 Os jovens remanescentes de quilombos e as relações sociais nos dias atuais	92
6.2 A estrutura de formação da juventude local	96
7 CONSIDERAÇÕES FINAIS	105
REFERÊNCIAS	108
APÊNDICES	111

1 INTRODUÇÃO¹

Eu sou apaixonado pelos Bastiões, pelo motivo da minha formação lá como cidadão, porque é uma comunidade pequena, simples e a maioria das pessoas são humildes, e elas não têm orgulho da sua origem histórica. Eu tenho facilidade de apegar-me às pessoas, inclusive quando estas contribuíram para a minha formação. De qualquer forma deixaram sua marca em mim, pelo motivo de ser este o lugar onde nasci e “me criei”. (AAM).

Na minha trajetória pessoal e profissional me afastei por alguns anos dos assuntos relacionados às questões raciais. Esse fato ocorreu como reação e autodefesa da violência simbólica vista nos espaços sociais que fazia parte. O meio acadêmico, durante a graduação, por exemplo, despertava um sentimento de incapacidade, não por não compreender os assuntos estudados, pois sempre consegui problematizá-los a minha maneira, mas o próprio ambiente, os assuntos e a realidade pareciam não me pertencer. O fato de ser descendente da Comunidade Bastiões e sofrer as influências de seus acontecimentos, seus conflitos internos no processo de reconhecimento da mesma como remanescente de quilombo, sempre me causaram grande receio em direcionar minhas pesquisas para essa temática. Vários medos tomavam conta dos que ali moravam, como o de perder as terras, de sofrerem algum tipo de agressão ou violência.

Por essa razão, nas preparações para as seleções de mestrado que participei até aqui nunca havia cogitado essa possibilidade e sempre elaborava projetos que estivessem relacionados a minha prática profissional como professora da Educação Básica. Para o processo seletivo que resultou neste trabalho não foi diferente, apresentei um projeto sobre a arte africana e o Hip Hop. Essa temática havia sido desenvolvida a partir das minhas relações e projetos em salas de aulas na disciplina de Arte. Somente depois de algumas orientações e conversas com minha orientadora sobre a comunidade é que decidimos direcionar a pesquisa para a comunidade Bastiões.

Esta dissertação trata da temática da juventude remanescente de quilombos. O objeto de estudo foram os o sentimento de pertença e as tensões quanto ao reconhecimento na comunidade Bastiões. A comunidade está localizada no Município de Iracema, no Estado do Ceará.

Como remanescente de quilombo, tendo vivido a minha juventude na comunidade Bastiões, fui influenciada por tais experiências. O interesse em

¹ Em alguns momentos o texto está em primeira pessoa, pois como descendente da comunidade também participei do processo de construção histórica da juventude.

pesquisar sobre a construção da identidade da juventude quilombola partiu de inquietações da própria vivência e me encaminham a uma tentativa de compreender como se desenvolvem as relações dos jovens com a comunidade e até que ponto essas relações com a história e a cultura local influenciam na formação da juventude.

Segundo Gomes (2004), as pesquisas que abordam a temática da juventude no Brasil ainda não são tão vastas, pois ainda existem muitos temas que necessitam de investigação, especialmente no diz respeito às questões culturais e raciais.

A temática desenvolvida nesta pesquisa parte inicialmente da minha relação com o campo de estudo, de onde sou descendente. A minha raiz ancestral está ligada a esta comunidade, pelo fato de meus pais serem primos, ou seja, meu pai e minha mãe são provenientes desta comunidade. As relações de parentesco surgem nesse ambiente, já que meus avós paternos e maternos, assim como seus ancestrais, também nasceram e criaram-se nesse território.

Essa relação de pertencimento aos Bastiões, a sua cultura e as suas tradições, tem influências profundas na minha formação pessoal, especialmente através da educação não escolar, que na minha concepção é um processo educacional que parte da relação cíclica do saber e da identidade dos antepassados e que conformam os valores que carrego comigo.

Pertencer ao ambiente significa sentir e vivenciar as dores e os prazeres que afetam as subjetividades, permanecendo fisicamente dentro dele ou não. Dessa maneira, as experiências cotidianas vividas intensamente por mim e minha família nesse espaço tornam os Bastiões parte essencial de minha identidade individual e coletiva.

Em 2007 a Comunidade Bastiões foi reconhecida como Remanescente de Quilombos pela Fundação Palmares. Essa mudança ocasionou conflitos quanto à identidade dos sujeitos. Como consequência aconteceram atritos, que em parte foram sanados, no entanto, muitos problemas ainda persistem. Essa parte específica da história do lugar afetou diretamente a minha formação e me deixou intrigada até resolver propor a presente pesquisa.

A partir desse período as relações sociais mudaram devido aos confrontos em torno do reconhecimento local como remanescentes de quilombos. A imposição do pensamento daqueles que tinham maior poder aquisitivo e as violências psicológicas e, por muitas vezes, físicas, despertavam em mim o medo exagerado

de falar de assuntos relacionados à temática, até mesmo no âmbito da Universidade Estadual do Ceará (UECE), onde estudava a época como estudante de Pedagogia.

A afetividade com o lugar e o conhecimento sobre ele despertaram o interesse para compreender como se forma a identidade daquele povo, em especial dos jovens moradores, pois a juventude é uma parcela da população pouco estudada. Outro fator é que esses jovens presenciaram os conflitos quando estavam transitando da infância para adolescência, fase esta que é determinante na constituição da identidade do sujeito.

Outro fator que determinou a decisão de discorrer sobre esse tema foi o interesse pela temática da identidade negra, a qual vinha estudando em minha trajetória acadêmica. Nesse contexto, o reconhecimento e valorização da cultura afrodescendente sofre direta influência dos diferentes modos de educação que são responsáveis pela formação da personalidade. Dentre esses modelos de educação, estão a educação não escolar presente no cotidiano e a educação escolar.

Considerando essas motivações e os problemas apontados é que formulei como objetivo geral para essa pesquisa investigar como se constrói e se afirma a identidade quilombola dos jovens moradores da Comunidade Bastiões, no Ceará. E, como objetivos específicos: conhecer o cotidiano dos jovens da comunidade Bastiões, em especial as formas de expressão cultural; narrar a história da comunidade a partir da própria experiência e das vivências de outros moradores; saber como os grupos de expressão cultural influenciam na formação da juventude na comunidade; e analisar os conflitos presentes nas falas dos sujeitos e na vida social dos mesmos.

Para fundamentar os escritos que ora apresento, tem-se como referencial teórico alguns autores que discutem a problemática da construção da identidade negra, que possibilita o autorreconhecimento dos grupos étnico-raciais. A formação de uma autoimagem negra positiva se torna um desafio para os grupos, pois a sociedade os obriga cotidianamente a se negar para se relacionar com outros grupos (GOMES, 2012).

Segundo Munanga (2012) a comunicação oral pode se transformar em um elemento importante para a autovalorização e construção de uma identidade negra positiva nos grupos raciais, pois esta contribui para a manutenção das culturas desses grupos, ajudando a contar e repassar a história dos mesmos.

O espaço e o tempo se constituem ambientes propícios para o fortalecimento identitário dos jovens, pois são repletos de informações e manifestações culturais que facilitam a autovalorização e o autoentendimento de si, dentro do contexto social mais amplo (DAMASCENO, 2013).

Desse modo o trabalho está fundamentado nas vivências pessoais e ancestrais dos remanescentes de quilombo. Utilizamos para isso as narrativas históricas dos depoentes para que se possa, assim, analisar, através dos mesmos, como essas relações sócio-culturais e os acontecimentos do território contribuem para lhes constituir como sujeitos sociais.

Como dito anteriormente, os sujeitos sociais envolvidos na pesquisa são jovens residentes da Comunidade Bastiões, todos nascidos e criados sob a influência desse território. Eles são hoje novos representantes das tradições, assim como agem sobre elas fazendo as releituras das mesmas.

A memória é considerada, de acordo com a dimensão social que representa, uma realidade onde se mesclam o individual e o coletivo, possibilitando uma compreensão diferenciada daquela transmitida pela documentação tradicional. Além do mais, ela permite revelar aspectos ou espaços sociais outrora esquecidos ou relegados, fazendo brotar a lembrança dos que se consideravam excluídos do processo histórico (JUCÁ, 2002, p.73).

A manutenção das suas tradições e de sua cultura foi e continua sendo a forma de resistência das comunidades negras, especialmente através das tradições orais que permitem que essa cultura influencie as gerações futuras.

Além das relações socioculturais, esses sujeitos também sofrem a influência dos conflitos ideológicos ocorridos na comunidade. O destaque dado pelo governo para a história de resistência negra da Comunidade Bastiões e a relação com a reminiscência de quilombos causam muitas mudanças de comportamento entre os moradores.

Com a apresentação supracitada da minha relação com a comunidade estudada, em especial com os elementos socioculturais essenciais para a formação juvenil local, esta dissertação está organizada em quatro capítulos que apresento a seguir.

No capítulo 2, *Procedimentos Metodológicos*, trato detalhadamente dos caminhos percorridos durante a pesquisa, assim como destaco as características dos sujeitos estudados e dos grupos aos quais eles fazem parte.

No capítulo 3, intitulado *Comunidade Bastiões: tradição (costumes), religiões e cultura na minha convivência e pelo olhar dos depoentes*, contamos a história da comunidade estudada, a partir de relatos da minha experiência nesse ambiente, das narrativas e da memória dos interlocutores. Ganham destaque nessa parte do texto as produções culturais do lugar, como os trabalhos desenvolvidos com barro, as tradições religiosas, especialmente das manifestações católicas, como a festa em homenagem à padroeira do distrito, Nossa Senhora do Carmo, que é também o principal evento festivo do lugar, e o culto a Xangô, com a representação da festa em homenagem à Preta velha “Tia Maria”. Os problemas sociais e as narrativas da forma de vida do povo também são expostos nesse capítulo, como por exemplo, a busca pela água e seu significado social e o entendimento detalhado de como se manifestam as formas de trabalho nos roçados da região.

Em *Identidade e Identidade Quilombola*, capítulo 4, abordo, no primeiro momento, os aspectos gerais da formação da identidade do sujeito. Posteriormente, discuto sobre as influências da discriminação racial para a construção da identidade da pessoa negra, buscando entender como o racismo contribui para o não desenvolvimento de uma identidade negra positiva. Por fim, trabalho os aspectos relacionados à identidade quilombola. Nesse momento do texto conceituo quilombos e remanescentes de quilombos. Considero que as relações sociais são determinantes para a formação da personalidade e as relações nos espaços educacionais como lugares de socialização do negro agem de forma determinante para a formação de sua personalidade. Para a composição desse capítulo trabalhei com os seguintes autores: Castells (1999), Sodré (1983; 1999), Munanga (1996; 2012), Arruti (2008), Gomes (2012), assim como as falas dos entrevistados.

O capítulo 5, intitulado *Educação Não Formal e Culturas Desenvolvidas pelos Jovens na Comunidade Bastiões*, abordo os elementos da educação não formal para a constituição da juventude como sujeito social. Aqui também conceituo essa categoria com base nos escritos de Dayrell (2003) e Damasceno (2013), no Estatuto da Juventude do Governo Federal e o documento, direitos da população jovem, um marco para o desenvolvimento (2010). No mesmo capítulo analiso, através de entrevista semiestruturada, as produções culturais dos jovens remanescentes de quilombo no Distrito de Bastiões. Na elaboração deste último aspecto, inicio com a relação desses jovens com a tecnologia, apresentando nesse aspecto o *blog*, desenvolvido por eles, e usado como ferramenta para suprir as deficiências com

relação à estrutura da educação local, que não oferece material necessário para a preparação dos alunos para as seleções de nível superior. Posteriormente, discuto a atuação do teatro para a formação dos sujeitos da pesquisa. De início, descrevo a atividade e busco entender como os jovens desenvolvem essa atividade cultural. Essa prática age na formação dos sujeitos de muitas maneiras; uma delas é a manutenção da cultura, linguagem e memória da comunidade, pois a composição das peças é baseada no modo de vida local. Encerro esse capítulo apresentando e discutindo a prática do *Free Step*, também conhecido como passinho, na comunidade.

A inserção dessa atividade no cotidiano local causou um grande impacto não só para os adeptos, mas para os outros moradores. Com movimentos rápidos e diferentes, o estilo de dança, nunca antes visto naquele espaço, é introduzido por um dos jovens sujeitos desta pesquisa que tem acesso a essa modalidade, a partir da introdução da Internet na localidade. Dentro dessa parte do texto problematizamos as ações desse estilo de dança, especialmente nas vidas dos jovens, pois facilmente percebemos neles a linguagem característica dessa modalidade em suas vivências, com incorporação de outras práticas como o *skate*.

O capítulo 6, que chamo de *Conflitos, Ingerência e Formação Juvenil na Comunidade Bastiões*, apresento um importante evento ocorrido na comunidade, que foi a interferência do Estado durante o processo de reconhecimento da mesma como remanescente de quilombos. Aqui analiso através da fala dos interlocutores o quanto e como essa ação externa influenciou em suas formações como sujeitos sociais, residentes nessa localidade. Iniciamos essa parte do texto narrando através de relatos dos depoentes como se deram as ações governamentais nesse período e, especialmente, como a comunidade reagiu a essas ações, pois foi através delas que surgiram transformações no modo de relacionamento social dentro do espaço da comunidade. Posteriormente, discutimos os impactos dessas ações na formação dos jovens interlocutores, buscando analisar de duas maneiras: como essa transformação das relações sociais atinge a juventude a ponto de os levarem a negação quanto à reminiscência de quilombos; por outro lado, também analisamos pelas mesmas vias a resistência de um grupo de jovens que supera o medo do conflito interno e busca a formação e entendimento do processo desenvolvendo atividades em prol do autorreconhecimento de mais pessoas.

Em síntese, o trabalho representa um esforço de contribuir com a reflexão, a partir da exposição da realidade dessa comunidade negra, que resiste culturalmente, mantendo firmada sua identidade quilombola particular, mesmo diante das adversidades que a cercam.

2 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS: DESCRIÇÃO DO CAMPO E DOS SUJEITOS

Bastiões é uma comunidade rural situada em uma região serrana, localizada no sudeste do Estado do Ceará. Distrito do município de Iracema, a comunidade tem a sua história de fundação relacionada à resistência negra e teve seu reconhecimento como remanescente de quilombos no ano de 2007. A pesquisa realizada é do tipo qualitativa etnográfica.

Iniciei a pesquisa em 2014. No dia 26 de dezembro do mesmo ano realizei uma entrevista com sete jovens da Comunidade Bastiões. Inicialmente, foi realizada uma entrevista semiestruturada. A escolha pela juventude se deu pelo fato de que existem poucos escritos sobre o assunto, principalmente sobre a juventude quilombola ou remanescente de quilombos. Esses sete jovens foram convidados a participarem da pesquisa por seu destaque na comunidade em atividades culturais por eles desenvolvidas.² Reconheço, porém, que na comunidade estudada existe uma grande diversidade de jovens que são igualmente produtores culturais, mas que não fizeram parte da pesquisa.

Os primeiros contatos com os sujeitos aconteceram por intermédio das redes sociais, especialmente pelo *Facebook*. Lá entrei em contato com os entrevistados por meio da Internet. Antes de aceitar participar da pesquisa, todos quiseram saber sobre o que se tratava e qual a finalidade da entrevista.

Identificou-se que cada um desses jovens realiza ou participa de atividades culturais na comunidade. Por esse motivo, decidi organizá-los em grupos, de acordo com as principais atividades que desenvolvem. É importante ressaltar que muitos desses jovens participam de mais de um grupo cultural, desenvolvendo assim, mais de uma atividade. Identificou-se mais de cinco grupos que vão desde a quadrilha junina até os *skatistas*. Consegui perceber a diversidade, a influência e a valorização das culturas locais e tradicionais da comunidade, mas também de aspectos culturais externos, que antes não interferiam na dinâmica do lugar, pois não eram vistas no distrito.

As entrevistas com os sete primeiros jovens aconteceram com todos juntos em uma lanchonete no centro da comunidade. Optei por esse formato de entrevista porque senti nos jovens, logo que cheguei à comunidade, uma ansiedade para saber

² Os nomes dos entrevistados serão fictícios para não os expor aos conflitos ideológicos.

quais seriam as perguntas para prepararem as respostas. Um dos jovens precisou ser entrevistado separadamente por *e-mail*, pois não estava na comunidade no período.

O local da entrevista foi escolhido por alguns deles que alegaram se sentirem mais à vontade para falar. O horário também seria um acordo que permitisse que todos estivessem presentes. Em consenso, decidimos que aconteceriam a partir das dezessete horas e trinta minutos. Como já relatei anteriormente, a entrevista foi realizada no dia 26 de dezembro de 2014, período de férias para alguns e feriado para outros. Cheguei ao local acompanhada de dois deles, e fomos à casa de outras duas entrevistadas. De lá, seguimos para a praça e ficamos esperando os demais. Enquanto esperávamos conversávamos sobre a vida e as dificuldades deles, pareciam ansiosos para saber mais sobre a entrevista, expliquei novamente qual a finalidade. Outros jovens estavam presentes no local da entrevista, mas a maioria se manteve calada, apenas observando, enquanto outros brincavam com os entrevistados ou mesmo com os colegas que estavam próximos. Enquanto outros pediam silêncio e tentavam organizar o ambiente.

Durante a entrevista senti nos interlocutores uma forte formação crítica sobre suas condições sociais e a relação dos jovens da comunidade, de uma forma geral, com o meio sociocultural em que estão inseridos. Todos os entrevistados conseguiram, a seu modo, analisar e contextualizar os problemas e alegrias da localidade. Essa criticidade levou a conflitos que nos fizeram tomar outros caminhos metodológicos, a fim de complementar os dados. Para que o leitor compreenda, irei relatar um pouco de como aconteceram esses conflitos.

A educação foi um dos problemas mais enfatizados por eles, pois dois deles já atuaram como professores na comunidade, os outros foram ou são estudantes. Os jovens demonstraram insatisfação com o sistema de ensino, que segundo relatos, desmotiva os alunos.

Para os jovens locais o conceito de juventude está ligado ao momento de tomada de decisões. Em suas concepções é nesse período da vida que eles precisam decidir qual direção tomarão.

Outro tema que os deixaram agitados foi o da questão quilombola. Todos, sem exceção, relataram sofrer preconceito por morarem na comunidade. Dos sete entrevistados, quatro disseram se considerar quilombola e outros três negaram sua relação com a história negra da comunidade. Fato interessante, pois, observa-se em

todos os entrevistados uma relação de apego ao território, independente da sua história. Essa temática, aliás, foi fortemente abordada. O debate aconteceu, com ânimos exaltados. De um lado um grupo dizia que ninguém conseguiria provar a relação da comunidade com a cultura negra, por outro, os que se reconhecem quilombolas apontavam os marcadores negros dentro da comunidade, como a religião de matriz africana, as duas casas de farinha e a própria história local.

Durante essas discussões e o desconforto gerado por elas a todos os presentes, um dos interlocutores lança uma acusação de que nós estaríamos fugindo do tema. Contestando essa acusação, o outro grupo se defendeu afirmando não estar fugindo ao tema, pois estávamos discutindo as coisas da comunidade e ser remanescente era um desses aspectos locais.

A discussão então continua com mais intensidade, quando o mesmo interlocutor, em tom de ameaça, diz a seguinte frase: *Mas é melhor nós mudarmos de assunto, porque se o povo da rua souber que nós estamos falando disso eles vem aqui saber o que estamos fazendo.* No entanto, compreendo que o jovem estava ameaçando a mim e a minha pesquisa. Acalmei o ambiente, dizendo que as pessoas estavam livres para ir onde desejassem, por isso não haveria problemas de que mais gente estivesse ali.

Esse fervoroso debate, porém, fez com que os dois mais tímidos do grupo não se manifestassem, deixando assim de dar sua contribuição ou colocando de forma resumida e rápida seu reconhecimento ou não da questão quilombola.

Diante das dificuldades que tivemos para aprofundar temas importantes para o trabalho, como a participação dos jovens na produção cultural local, realizamos outras entrevistas, no sentido de complementarmos informações. Nesse momento optamos por entrevistá-los individualmente, para que tivessem mais liberdade e segurança para fazer seus relatos.

As coletas, através de entrevistas semiestruturadas, também foram realizadas apenas com os líderes dos grupos estudados, separadamente. Outros três jovens que não estiveram presente no primeiro encontro também foram entrevistados posteriormente, pois as atividades desenvolvidas por eles traziam informações importantes para o trabalho. Portanto, ao todo, entrevistamos 10 jovens da Comunidade Bastiões.

Durante a qualificação do projeto, a banca sugeriu que entrevistássemos alguns idosos, especialmente para que esses ajudassem a contar a história da

comunidade. Por essa razão, escolhemos mais três entrevistados, todos idosos. Um homem e duas mulheres e a Presidente da Associação dos Afrodescendentes, para que pudéssemos esclarecer como aconteceu o processo de reconhecimento de forma mais ampla. A história da comunidade, portanto, foi contada a partir de relatos dos jovens, dos idosos e da presidente da associação.

As entrevistas dessa nova fase foram realizadas em julho de 2015. A maior parte feita no território da comunidade. Apenas uma foi realizada em Fortaleza, pois o integrante do grupo que representa o teatro atualmente mora nessa cidade.

Iniciamos esse novo ciclo com a entrevista a *AAM*, o jovem que já fez pesquisas junto aos Bastiões, a fim de saber a relação da comunidade com a reminiscência de quilombos. Ele fez uma bonita leitura da localidade nos mostrando sua análise da história da comunidade. O jovem, que se autodeclara como remanescente de quilombos, defende com veemência sua perspectiva e fala dos achados da sua pesquisa, com elementos que comprovam a história de resistência negra local.

Na seqüência, conversamos com *TM*, a jovem considerada a líder do *blog* analisado por nós, *Blogando na Serra*. Em seus relatos, ela narra a importância do *blog* e da tecnologia para a juventude local e seus efeitos naquele espaço, assim como conta, a seu modo, a história do lugar, a partir do que falam os mais velhos em suas vivências.

Também entrevistamos o jovem *RM*, a fim de que nos falasse sobre suas experiências de trabalho na roça. Ele mostrou sua posição sobre esse aspecto da vida social, como também nos traz a sua perspectiva sobre a história local.

Posteriormente realizamos a entrevista, conhecido na comunidade como *MM*. O jovem é líder de dois grupos que chamam bastante a atenção dos moradores da comunidade: grupo que dança o *Free step*, também conhecido como “passinho” e os skatistas. Nos seus relatos o jovem narra as influências da tecnologia em sua formação e nos conta os detalhes dessas atividades, especialmente de como foi chegar até elas e quais as reações dos outros moradores a esses elementos novos àquele ambiente.

Ainda na comunidade, entrevistamos os três idosos e a Presidente da Associação dos Afrodescendentes, esses nos mostraram em seus relatos os detalhes da cultura e história local, narrando momentos vividos por eles e seus familiares.

Em Fortaleza, no mês de agosto de 2015, realizamos a entrevista com *GF*, o jovem que escolhemos entre os líderes do teatro. Ele faz um relato das suas vivências na comunidade que nos ajudam a compor a história local, além disso, narrou como funcionam as atividades teatrais naquele espaço e a importância disso na sua formação.

As entrevistas realizadas nos dois momentos foram gravadas em áudio, vídeos e transcritas, posteriormente organizadas nas seguintes categorias de análise: *grupos culturais, história da comunidade, elementos que compõem a cultura afrobrasileira na localidade e conflitos sociais que atingiram a formação dos sujeitos*.

Outro instrumento utilizado para a coleta de dados foi a observação livre. Nessa fase, tivemos a finalidade de saber como se organizavam os grupos estudados e de que maneira eles desenvolviam suas atividades culturais dentro da comunidade. As observações tiveram papel fundamental para o desenvolvimento da pesquisa, pois apenas as análises das entrevistas não permitiriam entender as constituições dos grupos, a participação de cada um dos sujeitos neles e como se davam as relações entre eles e com a comunidade de forma mais profunda.

Um dos registros das observações se destinava às análises dos elementos do *blog, Blogando na Serra*. Durante os estudos desse item foram observadas a forma de comunicação, a aplicação dos diversos conteúdos nesse espaço, a linguagem aplicada nesse instrumento e a participação dos jovens locais no desenvolvimento dessa atividade.

Em outro registro, destinamos atenção às peças teatrais desenvolvidas pelos jovens locais. Os estudos desse elemento foram feitos a partir de vídeos das apresentações disponibilizados pelos integrantes. Voltamos nossa atenção para o texto que comunicava o cotidiano e a memória da comunidade e como se desenvolviam as relações entre os membros do grupo durante as apresentações.

Os registros de observação relacionados ao grupo que desenvolve o *Free Step* na comunidade foram realizados considerando a linguagem empregada por eles no cotidiano da mesma, as análises de vídeos de outras duas atividades desenvolvidas por eles, assim como da própria atividade cultural em destaque com a intenção de entender as relações do grupo entre eles e com a localidade, como e onde eles desenvolvem suas práticas.

3 COMUNIDADE BASTIÕES: TRADIÇÃO (COSTUMES), RELIGIÕES E CULTURA NA MINHA CONVIVÊNCIA E PELO OLHAR DOS DEPOENTES

Os idosos lá, principalmente eles, sempre tem algo para contar, não existe um que não tenha. Até hoje, eu nunca conversei com nenhum que não tivesse, e as histórias acabam até virando peça teatral e o ensinamento também como, respeitar os outros e como você ser mais tolerante com os idosos também. Porque os jovens em geral, eles têm uma tendência à não valorizar. Os idosos chegam a relatar tudo isso no que é dito por eles. (GF).

A Comunidade Bastiões, distrito rural do Município de Iracema, está localizada no sudeste do Estado do Ceará, no Médio Jaguaribe. Situada em uma região serrana, a mesma é cercada por uma vasta área verde, com vegetação predominante de Caatinga.

O Distrito dos Bastiões desenvolve atividades de agricultura de subsistência, como o cultivo de milho, feijão e fava. Para tanto, é utilizado o sistema de meia, segundo o qual o dono da terra cede espaço para os agricultores plantarem e recebem uma parte da produção. Outra atividade desenvolvida na comunidade é o artesanato, que é popularmente chamado na comunidade por “tela”³.

Os relatos orais acerca da fundação da comunidade indicam que os primeiros moradores a ocuparem aquele território foram três homens negros da família Bastiões, por isso o nome da comunidade seria o mesmo, que vieram fugidos da Bahia. Essa família sobrevivia da agricultura e da pesca. Seus membros moravam sozinhos nesse terreno que era cercado por mato. Segundo os mais velhos havia nesse período uma única casa no centro da comunidade onde hoje está fixado o cruzeiro na praça do distrito.

Uma das versões que narra o surgimento da padroeira da comunidade conta que foi durante uma dessas pescarias que teve início a relação da comunidade com Nossa Senhora do Carmo, pois, um dos Bastiões ao lançar a rede de pesca puxou nela a imagem santa. Essa relação religiosa se consolida com as duas negras que habitaram a comunidade posteriormente.

Outra versão, também oriunda da tradição oral da comunidade, narra que a imagem da Santa foi comprada pelas duas novas donas das terras junto aos frades pernambucanos que passavam por lá durante uma viagem que faziam.

³ A Tela é um tipo de artesanato feito com linhas que tem como resultado, por exemplo, toalhas de mesa e cortinas.

A família Bastião posteriormente negociou suas terras com duas mulheres negras, Maria Bribiana e Feliciano. Essa família povoou a comunidade e deu origem a descendentes com o surgimento de outras cinco famílias: Sá, Jacob, Assis, Tomé e Rafael. Essas negociações, segundo a memória popular, aconteceram na época de D. Pedro I, não existindo, porém, documentos que provem tal fato. Por outro lado, um dos jovens depoentes, após algumas pesquisas escolares feitas por ele na comunidade, assim descreve o surgimento:

Minha tia e minha avó que já são falecidas, contaram-me que à origem da comunidade (Bastiões), deu-se a partir da vinda de duas irmãs negras que fugiram da Serra da Barriga traziam consigo uma quantidade significativa de ouro. Ao chegarem na comunidade as irmãs passaram pelo sítio de nome, saco pertencente ao vale do Jaguaribe. As duas irmãs foram aconselhadas para que ficassem na comunidade porque lá era seguro para elas. Encontraram uma família onde, o pai e os filhos tinham o mesmo nome e apelido de: Sebastião, assim, surgiu o nome da comunidade: Bastiões (Referência, aos membros da família, com o mesmo nome). Ao chegarem na comunidade as duas irmãs negociaram com o senhor Sebastião à venda das terras no valor de, 28 sortes de terra logo, após a troca ter sido feita a família deixou o local. Minha tia, falava que na época as duas negras compraram as terras do centro da comunidade até embaixo, ali no morcego (Acho que é essa palavra) elas não compraram todas as terras da comunidade porque era só aquele território que pertencia àqueles homens(referência aos antigos donos: Sebastião e filhos),mas depois de um tempo as irmãs começaram a expandir o seu território. (AAM, 20 anos).

Com o passar do tempo, um desses descendentes, Raimundo Assis, tornou-se o grande patriarca da comunidade. Segundo alguns moradores, ele era tão estimado que nem o padre (personagem respeitado pela comunidade há muitos anos) questionava suas decisões. Esse não vendia suas terras para brancos, pois acreditava que quando eles estivessem na comunidade submeteriam os negros à escravidão. Depois da morte de Raimundo Assis, seus herdeiros iniciaram a venda de parte de suas terras para famílias de não negros, então, novas famílias foram incorporadas à vida social da comunidade. Dona AA fala deste momento:

Padrinho Raimundo Assis não deixava ser construído nenhum "barraco" de branco aqui. Não deixava ser feito nenhum barraco por branco, essas casas "novas" aqui, só foram construídas depois que ele morreu padrinho não deixaria serem construídas. Isso aconteceu porque os brancos foram chegando e comprando terras que estavam sendo vendidas aqui. E, é por isso que a "rua foi ficando deste "tamanho", o negro não manda mais em nada, quem manda na comunidade agora são os brancos. (Dona AA, 80).

Segundo Bezerra (2012), os moradores dessa comunidade revelaram uma postura positiva em relação ao Sr. Raimundo Assis, que os protegia de uma provável dominação, caso os brancos chegassem ao distrito.

Com essa nova configuração, as famílias de não negros passaram a ser maioria na comunidade. De certo modo, o receio de Raimundo Assis se concretiza, pois novos grupos de lideranças se tornaram donos das terras e dos pequenos comércios da localidade, tendo assim maior poder de decisão na comunidade.

Durante anos, muitas gerações de jovens moradores da comunidade viam apenas duas opções para suas vidas quando terminasse o ensino médio: tornarem-se trabalhadores rurais ou viajarem para o sudeste do país em busca de empregos remunerados. Essa última opção era a escolha da maioria. Como observamos na fala do depoente:

[...] aqui movimento de trabalho pra você ganhar um dinheiro mais ou menos... É carteira assinada, esse tipo de coisa não tem. O comércio aqui não oferece nada que sirva pra um jovem se manter, então a gente fica fazendo alguma coisa que aparece, trabalhar de servente de pedreiro, fazer qualquer coisa e no momento mesmo eu to pensando em voltar pra São Paulo, já fui em São Paulo, por que basicamente o que é oferecido pra gente não da pra se manter. E a gente é obrigado a voltar em São Paulo, tentar mais alguma coisa, passar um tempo lá pra ver se consigo um dinheiro, alguma coisa. Por que trabalhar no roçado não dá. (BN,21).

É notória a insatisfação da juventude com a falta de oportunidade de emprego e estudo na comunidade. As opções do jovem que deseja dar continuidade aos estudos e se realizar profissionalmente são escassas e de pouca qualidade, muitas vezes os cursos existentes não atendem aos interesses da juventude.

Podemos analisar a fala do BN (21 anos) a partir de dois pontos relevantes: a ausência de mercado de trabalho que permita a juventude local a permanecer na comunidade e suprir suas necessidades de forma digna como qualquer outro trabalhador; o segundo ponto, é que, mesmo com a negação de direitos básicos dos trabalhadores e até mesmo a falta de opções de emprego, os jovens buscam muitas alternativas para permanecer na comunidade.

Em se tratando das necessidades do povo desse lugar, de suas tradições e de seu cotidiano, ao passo que alguns costumes se modificaram, outros ficaram mais fortes e estão presentes na nossa cultura e tradições; observo que, dependendo da época do ano, a forma de diversão dos jovens muda, assim como a comida típica e o trabalho do roçado. A diversão é intercalada entre banhos de riachos e de bica, nos meses chuvosos; as festas juninas, a comemoração da tradicional festa da padroeira no meio no primeiro semestre. Durante o restante do tempo, de forma criativa, os jovens tentam sair da monotonia, pois se reúnem na

pracinha, jogam futebol, fazem teatro de rua e ficam conectados à Internet sempre que podem. Como observamos nos relatos do interlocutor.

Aqui pra o jovem se divertir depende né! Se tiver chuva e água na bica ou nos barreiros nós vamo pra lá, se não tiver, como faz tempo que não tem aí nós vamo jogar bola na quadra, ficar conversando na praça e mexendo na Internet. (RM, 18).

Como somos privilegiados com um clima bastante agradável, com temperatura amena na maior parte do ano e um clima frio durante os períodos chuvosos, tornamo-nos ainda mais criativos quando se trata de aproveitá-lo. Em um ponto alto que fica acima da comunidade de onde se tem uma vista privilegiada, denominamos de Santo Cruzeiro e lá se costuma fazer piqueniques. Consideramos que é um ponto turístico do lugar, não há quem o visite e não tire uma fotografia. Outro lugar bastante visitado por jovens no período chuvoso é uma bica d'água na descida da serra.

Da serra se ver o Vale do Rio Jaguaribe, e a comunidade rural, como foi dito anteriormente, pratica a agricultura de subsistência, utilizando para isso o “sistema de meia”, que se realiza da seguinte maneira: o proprietário da terra disponibiliza uma parte da mesma para o arrendatário plantar e “cuidar” (limpar o terreno e deixá-lo pronto para o plantio), na colheita os arrendatários precisam deixar uma parte da produção para o proprietário. O Jovem relata suas experiências com esse tipo de trabalho.

O trabalho na roça é plantar, limpar, encoivará e quando der o legume nós apanha ele e separa o que é nosso e o que é dos donos da terra. Tem que levar lá pra pesa o de todo mundo. (RM, 18).

O dia de quem trabalha nos roçados começa bem cedo. Logo de madrugada os trabalhadores, mulheres, homens, jovens e idosos já estão de pé. As mulheres, além de trabalhar na roça, também são donas de casa e precisam deixar tudo organizado para que as crianças possam ir à escola. Por volta das quatro horas da manhã elas iniciam a caminhada com destino ao trabalho. Se na casa há muitos filhos, algumas mulheres são escolhidas para permanecerem em casa e realizarem os afazeres domésticos. Práticas que atravessaram gerações como observamos na fala da presidente da associação dos afrodescendentes.

Quando eu era jovem eu não ia para o roçado. Minha mãe ia pra roça e eu ficava em casa, fazia as lutas de casa. Pilava milho, pilava arroz, moía, cozinhava feijão. Fazia tudo da lida de casa. (ZA, 54).

A caminhada é longa, a maioria dos roçados é distante da comunidade. Vestidos com camisas de mangas longas, calças jeans, botas, e chapéis nas cabeças para se protegerem do sol e dos espinhos, eles seguem caminhando, carregando no corpo o bornó⁴ por entre as matas, superando os espinhos e se equilibrando nos desníveis existentes nos terrenos irregulares. Dentro dos bornós, estão alguns utensílios que auxiliaram os trabalhadores na atividade, como as sementes, os fósforos e o facão. Lá também são carregadas duas garrafas, uma com água e outra com café, uma merenda, o fumo e o papel para o cigarro, não podem faltar. Nas mãos carregam outros instrumentos de trabalhos como a enxada e a foice, para limpar o mato que cresce em meio às plantações.

O retorno para casa acontece por volta das treze e quatorze horas da tarde, com o sol em seu horário mais quente. No período da colheita, o retorno para casa se torna mais difícil ainda, pois, além do cansaço físico resultante do trabalho pesado e do forte sol, os trabalhadores precisam carregar sacas de feijão e milhos na cabeça, uma vez que o animal não consegue carregar tudo. Em sua memória, RM se lembra dos anos de infância:

Aqui quando nós vinha do roçado, quando chegava debaixo desse pé de mangueira era minha felicidade. Eu vinha do roçado dali, vinha varado de fome, suor na cara e o sol quente pegando fogo. Quando chegava naquela cancela eu renovava minhas forças, corria e vinha comer manga aqui debaixo. (RM, 18).

O trabalho da agricultura de subsistência da serra é realizado a partir do sistema de meia, em que o proprietário da terra fica com uma parte da colheita e os agricultores com a outra. A divisão da colheita na Comunidade Bastiões acontece de duas formas diferentes, de acordo com o produto produzido. No caso do milho, a cada três carreiras plantadas os donos da terra ficam com uma carreira, portanto os proprietários da terra precisam pagar funcionários para colher seu produto, pois os agricultores só têm a obrigação de colher a própria parte.

Em relação à divisão do feijão entre os agricultores e os proprietários das terras, é feita através da contagem de quilos: a cada três quilos colhidos, um quilo é destinado ao dono da terra. Para ser feita essa contagem os agricultores precisam colher toda a produção nos pés dos legumes, e na volta da colheita levar tudo até ao proprietário que irá fazer a pesagem e a divisão.

⁴ Uma espécie de bolsa grande, feita com materiais resistentes como o jeans, onde são carregados os materiais utilizados nos roçados.

Além de todo esse trabalho, em alguns momentos surgem problemas que dificultam ainda mais a vida dos agricultores da comunidade, como nos períodos em que as plantações são invadidas por pragas. Nessas ocasiões, os moradores, mesmo que de forma individual, porém organizada, conseguem combater as pragas denominadas por eles de cascudos, com o uso de venenos próprios para as plantações de feijão. Esse material utilizado no combate às pragas precisa ser comprado em outros municípios, pois, a comunidade não está preparada para esse acontecimento. Além dessas dificuldades, a escassez de água é mais um problema que se impõem aos trabalhadores dessa comunidade.

Outro problema que atinge os agricultores é o fato de muitas vezes eles terem que retirar os produtos antes do tempo, por que os proprietários das terras avisam que colocaram os seus animais dentro da área que ficam os roçados dos meeiros. Desta maneira os produtos são colhidos antes de estarem apropriados para o consumo e toda a produção de quem trabalha na roça é perdida.

3.1 Água na serra: boas lembranças, muitas dificuldades

A vida na comunidade é regada por muitas dificuldades, provocadas principalmente pela falta ou a escassez de serviços básicos como o abastecimento de água, que influencia desde muitos anos a forma de vida dos Bastiões. O problema mudou apenas a forma como se apresenta, mas permanece até os dias atuais. As dificuldades para se ter acesso à água são um problema para o distrito há bastante tempo. A água encanada, por exemplo, só chegou à comunidade há aproximadamente dez anos. Antes disso, a comunidade teria que ir diretamente aos rios e açudes da região para ter acesso à mesma.

Outro problema é a questão da água porque existe uma má distribuição dela. Mesmo que hoje tenha água encanada, o problema é a má distribuição da encanação porque no início existirão 3 chafarizes que iriam abastecer na época. Porém, as pessoas queriam que o abastecimento fosse direcionado para sua própria residência, contudo, todo mundo começou a realizar "desvios" do abastecimento e, atualmente alguns moradores são abastecidos e outros não. (AAM, 20).

Recordo que na infância e na adolescência para termos acesso à água tínhamos que buscá-la nos rios ou no açude, dependendo da utilidade que daríamos a ela. A comunidade, em virtude da necessidade de beber, buscava água para o consumo nos cacimbões e no açude santo Antônio situado em um dos sitios pertencente aos Bastiões, ou nas cacimbas e cacimbões existente na localidade.

Água para outras necessidades era retirada principalmente do rio (intermitente) que havia dentro do distrito.

Nessa época lembro que meu avô tinha um jumento, que batizamos de Juvinha. Ele foi essencial para a família, pois possibilitava que nós tivéssemos acesso à água com mais rapidez. Era através dele que conseguíamos carregar o maior volume de água para armazenar. Também era ele quem carregava a maior parte do peso dos trabalhos no roçado.

Para conseguir água, a fim de atender às necessidades da família, tínhamos que cumprir um processo longo e cansativo, que começava quando íamos buscar o jumento próximo ao roçado onde ele ficava, para que pudesse se alimentar. O caminho até lá era distante e de difícil acesso como já relatamos, mas, como íamos em grupo, brincávamos o caminho inteiro e essas dificuldades eram mais facilmente superadas. Observamos a representação desse processo na fala do entrevistado.

Ao chegarmos a casa, meus tios deixavam o animal descansar por aproximadamente vinte minutos para em seguida prepará-lo para outra “viagem”, que era o percurso que se fazia para conseguir água. A preparação do animal consistia em colocar sobre uma cangalha um instrumento feito de madeira que serve, dentre outras coisas, para prender outros materiais no jumento. No caso do transporte de água, é afixado junto a ele dois barris, feitos com pneus de carros e madeira, que na comunidade recebe o nome de ancoras ou ancoretas. Além do jumento, também, são preparados outros instrumentos importantes para essas atividades, como os baldes e os galões, que são paus médios com uma corrente presa em cada ponta e um gancho para prender os baldes.

Precisa preparar o jumento pra ele carregar a água, primeiro coloca a esteira e depois coloca a cangalha pra não machucar o jumento, e depois colocar as ancas na cangalha, amarrava com cordas a cangalha por debaixo do jumento, pra ela não correr o risco de virar. (RM,17).

A caminhada até o açude levava bastante tempo, por isso meus tios não perdiam tempo com conversas prolongadas, cumprimentavam rapidamente quem estava pelo caminho, mas seguiam a passos firmes em direção a seu destino.

Quando lá chegavam, normalmente o açude já estava repleto de pessoas com os mesmos objetivos. Eles então posicionavam o jumento, pouco afastado da água para não sujá-la, e iam os dois enchendo as âncoras e eram necessários muitos baldes de água para enchê-los por completo. Quando isso acontecia meus

tios tampavam-no, cada um enchia seus dois baldes e prendia-os nos galões, com os baldes sobre ombros e o Juvinha na frente, iniciavam a caminhada de volta para casa. No retorno, os passos eram mais lentos por causa dos pesos que carregavam, mas, não podiam desviar a atenção do animal, pois, corria-se o risco de ele jogar todo o trabalho fora se encrespasse com outro de sua raça. Podemos observar parte desse processo na fala do jovem morado.[...] *antes, aqui na comunidade tínhamos que acordar 1:00 ou 2:00 da manhã para "pastorar" água da cacimba ou do cacimbão (poço). Buscávamos água com a utilização do jumento[...]. (AAM, 20).*

A água retirada do açude era utilizada para o consumo (beber) e nas casas das comunidades ela era, em alguns casos, ainda, armazenada em potes feitos de barro. Quando chegávamos, em casa com a água, encontrávamos o pote já lavado e as âncoras eram descarregadas. Para retirar as impurezas que por ventura tivessem vindo junto, colocava-se um pano limpo na "boca" do pote antes de colocar água em um processo de coar-la. Esses trabalhos se repetiam algumas vezes para atender às necessidades da família.

O clima na comunidade na maior parte do ano é frio. Por se localizar em uma região serrana a água armazenada nos potes fica, na maioria das vezes, em uma temperatura agradável, nem muito quente e nem muito gelada, por essa razão ainda hoje algumas pessoas preferem beber a água dos potes do que as retiradas das geladeiras.

Algumas atividades relacionadas à água movimentavam a vida social da comunidade e davam um sentido cultural às atividades cotidianas, no período em que não havia água encanada, como a ida aos açudes para lavar roupas.

A lavagem das roupas é um exemplo disso: existia nessa época todo um processo para que de fato fossem lavadas. Essa, por sinal, era uma atividade esperada pela molecada, que aguardava o momento para acompanhar suas mães até o rio e brincar a manhã inteira ao redor dele, principalmente os meninos, pois, só teriam que colocar água junto às mães, diferente das meninas que ajudavam na lavagem por mais tempo.

Recordo que nos dias que antecediavam à lavagem das roupas, a expectativa que se formava junto às crianças era enorme: os meninos iniciavam o processo de convencimento para que as mães os levassem, mas certo mesmo é que as meninas iriam, então, nós (as meninas) especulávamos e os deixávamos mais ansiosos.

Quando o grande dia chegava, acordávamos bem cedo, por volta das quatro e meia da manhã, as mães preparavam o café. Enquanto tomávamos o café, as mulheres pegavam uma colcha de cama grande, estiravam no chão da sala e iam juntando ao centro todas as roupas que seriam lavadas. Por fim, elas colocavam alguns materiais de limpeza, como os sabões, e fechavam a trouxa amarrando as pontas.

Minha mãe colocava a trouxa de roupas na cabeça e saíamos todos em direção ao rio da comunidade. No caminho encontrávamos outras famílias que iriam fazer o mesmo, as mulheres então iam conversando, cada uma com sua trouxa na cabeça, as crianças caminhavam, corriam e cantavam na frente carregando baldes que continham alguns materiais de limpeza e de consumo junto às bacias.

Ao chegar ao rio cada mulher escolhia uma das muitas pedras grandes que lá existiam, escolhiam a que considerassem melhor para nela bater as roupas mais grossas. Ao redor dessas pedras elas colocavam os materiais de limpeza necessários para lavar as roupas um pouco mais afastados de alguns alimentos que foram levados para a merenda, fumo e papel para fazer o cigarro.

Com o ambiente todo organizado pelas mães, as crianças começam a pegar água no rio para encher as bacias. Depois de fazerem parte de sua obrigação iniciavam as brincadeiras nas árvores e em uma parte mais reservada do rio. Entre uma brincadeira e outra as meninas tinham que parar para ajudar as colocar as roupas para quicar ao sol, além de fazerem o primeiro enxágue. Uma dessas crianças da comunidade, hoje jovem morador, expõe em seus relatos o significado desses momentos na sua história.

[...] chegava no dia de sábado, as mulheres iam lavar roupa no açude, eu me lembro que tinham umas dez pedras, colocavam-se as bacias em cima, e só podia tomar banho depois que todo mundo tinha terminado de lavar roupa, porque senão as roupas iriam ficar sujas. Ai, o pessoal ficava esperando o meu avó, ai quando passava a última lavadeira, as crianças desciam para o açude, e depois era só farra, o açude não era tão pequeno mais cabia todo mundo, e todo mundo se divertia. Essa é uma história que eu me lembro muito, e era bom demais!...]. (GF, 25).

Na volta para casa, o cansaço já estava visível em todos, porém, as crianças ainda tinham energia para se colocarem à frente, caminhando a passos largos e conversando sobre os acontecimentos da manhã. Enquanto isso, as mulheres voltam com as trouxas nas cabeças, conversando sobre o cotidiano.

Quanto aos jovens, muitos deles já eram casados, pois na comunidade é comum o casamento na juventude. Os que não haviam constituído família

contribuíam com as atividades familiares, as mulheres permaneciam em casa para realizar as tarefas domésticas enquanto as mães lavavam as roupas e os homens acompanhavam os pais no trabalho do roçado.

O dia de trabalho das mulheres da comunidade não terminava aí. Quando chegavam a casa, além de organizar as roupas que haviam sido lavadas, as mulheres, que não tinham filhas, também precisavam fazer atividades domésticas e preparar o almoço do dia. As meninas também ajudavam nessas atividades enquanto os garotos brincavam na rua ou assistiam TV até o almoço ficar pronto.

Por sinal, brincar de correr era o divertimento preferido dos garotos, pois quase todas as suas atividades eram organizadas nesse sentido. Enquanto isso, no fim de tarde as crianças brincavam no quintal de casa de bonecas ou de pedrinhas, e os adolescentes jogavam futebol ou carimba, no caso das garotas. Em todos os casos, pela condição financeira, os brinquedos ou brincadeiras eram inventadas ou adaptadas à falta de recursos. É desse momento que o jovem fala:

[...]Na época, como não havia brinquedo nós mesmos que criávamos o nosso próprio brinquedo, eu recorro que antes amassávamos a lata de óleo de cozinha, deixávamos ela no formato de um quadrado, fazíamos "buracos" na frente e no verso da lata, em seguida, colocava-se um pedaço de madeira entre os buracos da lata, e a borracha das sandálias havaianas que as pessoas jogavam no lixo, eram cortadas em formato circular para serem feitas as rodas do carrinho. Esse era o nosso carrinho de brincadeiras, quando havia algum tipo de obra na localidade reaproveitávamos restos de madeira que era serrada na ponta, e virava mais opção como brinquedo[...]. (AAM, 20).

As bonecas que brincávamos na serra no período de infância é outro elemento que recorro com carinho. Como não tínhamos dinheiro para comprar brinquedos minha avó materna, Maria Amaro, construía nossas bonecas e para isso ela utilizava como matéria prima o milho e o barro. O trabalho com barro é prática comum na comunidade, com esses materiais muitos moradores fabricavam tijolos e utensílios domésticos, como potes e panelas.

Para fazer uma boneca de milho, minha avó pegava os milhos verdes que não serviam para comer, enfiava dois palitos, um de cada lado na parte inferior do legume, para representar as pernas e outros pouco acima do meio do milho, representando os braços, arrumava os pelos do próprio legume (cabelos de milho) para serem os cabelos das bonecas, em seguida pegava os restos de retalhos que sobravam de alguma roupa concertada e faziam vestidinhos para a boneca e estava

pronto, era só brincar. A bonequinha de milho só poderia ser produzida em épocas de colheita, pois, sua matéria prima só aparecia nesse período.

Em outros períodos do ano, minha avó produzia bonecas utilizando outras matérias primas como o barro, por exemplo. Para isso, ela juntava o barro um pouco avermelhado, molhava-o e moldava-o em cima de um pedaço de tábua até ele ficar no formato que ela desejava, depois, era só deixar secar no sol e estava pronta a boneca para brincar.

Há aproximadamente dez anos a forma de ter acesso à água na comunidade mudou, a partir desse período até os dias atuais, a água passou a ser encanada. Com isso, aconteceram também algumas mudanças culturais, como toda aquela relação com o rio e o açude. Esta já não existe mais.

Apesar de ser encanada a água da comunidade não é fornecida por nenhuma empresa de tratamento. Ela continua vindo do mesmo açude, Santo Antonio, que é um sítio pertencente à comunidade. A encanação foi realizada pela prefeitura do Município de Iracema e funciona da seguinte maneira: próximas ao açude foram construídas duas cisternas que a população chama de *caixas d'água*, nas duas foram instalados dois motores e uma encanação que distribui água para todas as ruas dos Bastiões.

Existe um funcionário da prefeitura responsável por ligar os motores das cisternas e destinar a água para cada uma das ruas. A encanação foi feita individualizando as ruas, cada uma só recebe água duas vezes por semana e durante algumas horas. Esse por sinal é um dos motivos da insatisfação e muitas vezes até de conflito na comunidade. Muitos desencontros e falta de bom senso surgiram com o novo sistema de distribuição de água e isso fez surgir alguns atritos na serra.

Logo nos primeiros anos de instalação desse novo sistema de acesso à água os moradores não tinham conhecimento dos dias que estavam determinados para que suas ruas fossem contempladas com o abastecimento de água. A surpresa da chegada da água nas torneiras muitas vezes fazia com que eles não conseguissem armazenar a água necessária para atender às necessidades das famílias durante a semana e esse fato causava confusões entre as pessoas responsáveis pela liberação da água e a população.

Com o tempo, a comunidade e a prefeitura entraram em consenso, e encontraram uma solução razoável para ambas as partes, ficando então,

determinado para todos em quanto tempo e em quais dias cada rua receberia água. Essa organização, porém, só resolveu os conflitos de forma temporária, pois, outros problemas surgiram em torno da questão da água.

Mesmo com o “acordo” existente entre as partes, outros desacordos apareceram dentro da mesma temática para atrapalhar a calma que cerca a cidade. Os problemas atuais sobre a temática do acesso à água na comunidade surgiram em torno da diminuição do tempo em que cada rua é abastecida.

Há aproximadamente dois anos a água chegava às torneiras das casas umas cinco horas da manhã, e permanecia quase a manhã toda. Isso permitia que os moradores conseguissem armazenar a água que necessitavam para a semana, pois, só teriam acesso durante dois dias. As roupas, por exemplo, eram lavadas ainda com a água saindo das torneiras, e isso permitia que não precisassem utilizar a água armazenada para esse fim.

Hoje esse acesso ocorre dois dias por semana, mas dura um pouco mais de duas horas, por essa razão, nos dias da chegada da água, é preciso deixar todos os recipientes prontos para conseguir armazenar o maior volume possível. Ainda assim, a população sofre com a escassez, pois, a água armazenada não tem suprido as suas necessidades. Em muitas casas com maior número de pessoas, existe a dificuldade até para conseguir lavar as roupas, pois se precisa dar prioridade a outras necessidades das famílias em relação aos recursos hídricos. Em relação a essa dificuldade a interlocutora faz uma análise da sua condição social:

Eu acho que até hoje, inclusive na rua onde eu moro, o maior problema é a questão da água, porque ela não é encanada, e o açude que abastece a cidade, devido a seca já não tem tanta água. A distribuição da água é muito errada, porque na segunda e terça feira ela é distribuída em algumas ruas, e assim vai, na minha rua são duas vezes por semana, mas é tão fraca que não consegue encher a caixa d'água, temos que ficar enchendo "tambores" e enchendo essas coisas. (TM, 17).

Diante dessa situação alguns moradores construíram em suas casas caixas d'água com o sistema de encanação próximo do que abastece a comunidade, e isso fez surgir outro problema para o restante da rua, pois, quando os motores das casas são ligados para direcionar o recurso para as suas caixas d'águas, as famílias que moram depois delas não conseguem pegar água, porque a vazão não tem “força” para chegar até as casas que necessitam. Nessas ocasiões, o mal estar fica explícito entre os moradores. Muitas vezes, a água chega a partir das vinte e três horas e permanecem duas horas somente.

As questões envolvendo os recursos hídricos da comunidade estão sempre a movimentar a comunidade, pois, apesar das instalações de todo o processo de encanação ter sido feito através da Prefeitura de Iracema, qualquer problema que por ventura venha a acontecer com relação a essas instalações, é resolvido pela comunidade.

Recordo de um momento em que um cano da instalação da água quebrou e toda a comunidade ficou sem água por quase uma semana. Como esperar que a prefeitura resolvesse o problema de forma rápida? E qual forma seria racional? Os moradores se reuniram e em grupos saiam de porta em porta buscando colaborações para o conserto e a resolução do problema.

3.2 Mobilidade e Transporte

Outro grande problema enfrentado pela comunidade é a distância para o município sede, Iracema, que é entre quarenta e quatro e quarenta e cinco quilômetros. A dificuldade dessa distância está na necessidade de buscarmos, fora da serra, recursos para a sobrevivência.

Os recursos que buscamos em outras cidades e municípios vizinhos são os que não produzimos dentro da nossa comunidade. Hoje, os Bastiões produzem através da agricultura de subsistência feijão, milho, fava e o jerimum. Por essa razão, existe a necessidade de procurarmos fora da comunidade outros elementos, também, necessários à sobrevivência da população.

Na serra existem comércios e os comerciantes são os responsáveis por irem em busca dos outros suprimentos para a revenda dentro do distrito. Dentre as pequenas mercearias, três se destacam por serem as que mais atendem às necessidades da população. Além de abastecer a comunidade com os utensílios que faltam, os comerciantes também comercializam o frete de seus veículos. Eles são os condutores dos veículos fretados, que chamamos de pau-de-arara.

Os veículos usualmente usados para fretes, pau-de-arara, são caminhões ou caminhonetes com a carroceria aberta, algumas delas são adaptadas com bancos de madeira ou ferro com trançado de material plástico, que são afixados na carroceria, para que as pessoas possam se sentar. Outros carros não têm nenhum tipo de banco, as pessoas ficam agrupadas em pé e se sentam em estepes e de mantimentos como o gás de cozinha por exemplo.

Esses transportes são, para a maioria dos moradores, os únicos meios de locomoção quando precisam resolver seus problemas no município de Iracema ou nas cidades vizinhas, uma vez que a comunidade não dispõe de ônibus ou outros meios de transporte coletivos. Além disso, poucos moradores têm condições de possuir veículos próprios. Sobre essa problemática o entrevistado relata:

Lá essa questão do transporte é outro problema de muito tempo, por que quem não tem sua motinha ou seu carro tem que depender dos carros de frete e são carros demais, pro cara ir ali a Iracema o dinheiro que se paga pelo frete da pra colocar bem três ou quatro litros de gasolina pras motos e se for pra mais longe, como muitas vezes tem que fazer exame em limoeiro ai pode preparar o bolso que o negócio é pesado. (GF, 25).

Sabido de sua importância para a comunidade e da falta de concorrência, principalmente para os serviços de frete, os comerciantes se utilizam disso para ter cada vez mais lucros de dinheiro. O valor cobrado pelo frete da serra para o Município de Iracema ultrapassa os limites do bom senso, que hoje é de sessenta reais. Considerando que alguns problemas não conseguem resolver na cidade de Iracema, é necessário ir até cidades vizinhas como Russas, Limoeiro e Jaguaribe e o valor do frete pode ultrapassar a quantia de duzentos reais. Esse valor já compromete a renda até dos aposentados, que são as pessoas da comunidade que têm uma renda fixa, ainda mais dos agricultores, que vivem do trabalho na roça e dos “bicos” que fazem para ter como manter as famílias.

Por muitos anos, o paus-de-arara serviu até como carro da saúde, uma espécie de ambulância, que por mais de vinte anos acontecia informalmente, através do frete dos carros, e, posteriormente, a Prefeitura de Iracema oficializou e escolheu um dos comerciantes para ser o responsável por esse serviço na comunidade.

Os pacientes transportados no pau-de-arara, além de sofrerem com os seus problemas de saúde, precisavam superar as péssimas instalações desses automóveis. Dependendo do estado do paciente ele era carregado até o hospital na carroceria da caminhonete.

Mesmo com dificuldades que podem ser comparadas a outras comunidades rurais pobres, a população dos Bastiões busca viver em forma comunitária e assim, tentam preservar suas tradições às quais ainda transmitem através das práticas religiosas e da oralidade às novas gerações.

3.3 Tradições, religiosidade e festas

O ambiente nos Bastiões é tranqüilo, é uma comunidade pacata, não se vê muitas discórdias, apenas alguns desentendimentos comuns da convivência próxima entre os moradores. Na maior parte do ano não existe muita movimentação na serra. Há uma circulação de pessoas em número razoável nos encontros religiosos. Nas grandes festas, porém, esse panorama se transforma e a comunidade entra em outro ritmo.

A religiosidade é algo que consegue movimentar e transformar a rotina de vida dos moradores. São três as religiões cultuadas, duas delas compõem a história dos Bastiões: o catolicismo que, segundo relatos de moradores antigos, é presente desde o início da comunidade; outra é uma religião de matriz africana, que na serra é chamada de Xangô, existente entre essa população há bastante tempo; e o culto protestante dos evangélicos é parte da comunidade há aproximadamente dez anos.

As manifestações religiosas católicas são características da comunidade, que tem como padroeira Nossa Senhora do Carmo. Há também grande devoção a São Sebastião. A festa de Nossa Senhora do Carmo, que acontece no mês de julho, é o principal evento religioso que exige dos moradores uma preparação intensa. Nessa época do ano, o ritmo dos Bastiões fica frenético, pois, é o momento em que ela recebe um grande número de visitantes. A interlocutora narra a história desse evento sócio cultural da localidade:

Olha essa igreja começou de nincho, um nincho é uma coisa pequena, uma casa, uma coisa pequena e só cabia a santa dentro quando foi aperfeiçoada pra ser formada uma igreja eles se reuniram e fizeram a metade da igreja, eu ainda me lembro quando ela foi "aumentada", madrinha Lúcia não morava aqui mais não sei se ela lembro que dentro da igreja tinha uma divisão quando ela foi "aumentada". A senhora lembra madrinha Lúcia que ela foi "aumentada" pois ela foi aumentada, e eu lembro que nessa época tinha o lado dos homens e das mulheres, e quando foi "aumentada" e tudo foi feita por negro. (ZA,54)

Também conhecida na região do vale do Jaguaribe como Festa de Julho dos Bastiões, os festejos de Nossa Senhora do Carmo duram dez dias, pois, se inicia no dia sete de julho e termina no dia dezesseis do mesmo mês. Durante esse período, a quantidade de gente circulando pela cidade, noite e dia, é incalculável.

Sons de carros ligados a toda hora e a toda altura, os bares cheios, a praça e a rua (centro da comunidade) lotados de barracas vindas de outras cidades para a venda, de imagens de santos a calçados. A criançada correndo nas ruas, os jovens circulando com suas melhores roupas, como pede o momento. Os idosos em

algumas calçadas de bares ou de casas observando o movimento. Esse é o ambiente dos Bastiões durante os dias de festa. A interlocutora relata os sentimentos relacionados a esse momento cultural e religioso:

É como se a gente vivesse em prol desse mês. Essa data comemorativa passou à pouco tempo e agora que as pessoas começaram à voltar para suas cidades, porque todo mundo sempre vem passar as férias aqui. Agora nesse final de mês, o pessoal não comenta tanto, quando vai aproximando-se do período de julho, as pessoas começam a dizer: "A Festa de Julho já está bem pertinho, daqui a pouco chega de novo". Tem gente que trabalha o ano inteiro, mas no finalzinho de junho já quer "tirar" férias, já para aproveitar a festa. Toda à noite, tem missa e novena, e essa tradição existe até hoje, não sei há quanto tempo existe, mas algumas pessoas falam que uns cem anos, tanto a festa como a novena de Nossa Senhora do Carmo. Não existe referência do tempo dessa cultura, mas, desde o tempo que foi criada essa festa, ainda é preservada a novena em latim, a novena inteira é em latim, a missa é depois e, em seguida, a queima de fogos, e as festas acontecem todos os dias. De alguns anos pra cá, surgiram as cavalgadas e, é o dia que mais têm pessoas aqui, a época em que a nossa comunidade é mais visitada, e que mais vêm pessoas de outros lugares. (TM, 17).

Antes do início da festa e durante, os fieis organizam a Igreja e as procissões com o objetivo de arrecadar donativos para serem leiloados. Essas procissões acontecem tanto na comunidade como nos municípios e vilarejos vizinhos, da seguinte forma: um grupo de pessoas sai nas ruas cantando as ladainhas religiosas específicas para aquele momento, os moradores que desejam contribuir entregam objetos ou outros donativos para os fieis e religiosos que carregam grandes sacos. O dinheiro arrecadado é destinado à festa.

Por volta de cinco horas da tarde, as pessoas começam a se arrumar para acompanhar as novenas e, posteriormente a missa, para só depois aproveitarem a noite de festa. Das nove noites de festa⁵, durante oito dias se fazem homenagens a algumas famílias da região, algumas tradicionais outras por poder político e/ou financeiro. A família homenageada da noite é que organiza a festa e os festejos de sua noite.

Dentro desse período festivo, acontecem outras manifestações culturais, também, em homenagem à Santa como a Moto Romaria, que é uma passeata de moto e a Cavalgada, quando se reúnem vários cavaleiros no Município de Iracema e levam a imagem da padroeira à frente. No dia quinze de julho acontece o leilão dos materiais que foram doados nas procissões. Após o dia dezesseis, a comunidade volta aos poucos à normalidade.

⁵ No dia dezesseis, último dia não tem festa, pois é celebrada a missa da padroeira que acontece às dez horas da manhã.

Outra manifestação religiosa que mesmo em menor proporção chama bastante atenção da comunidade e de alguns municípios vizinhos é o Xangô do Pai de Santo LM, bastante conhecido na região Jaguaribana (onde hoje mora). Mesmo sem data certa para acontecer, a não ser na festa da preta velha, Tia Maria, que acontece no dia vinte e cinco de dezembro, a casa de LM fica sempre lotada. É sobre essa manifestação que fala a entrevistada:

Ontem eu fui lá na festa de Tia Maria, foi bom, comi muitos bombons. É assim Luiz faz os rituais, ai ela vem e começa a dançar e tem algumas crianças sentadas em círculos, as pessoas dançam também ai ela fala algumas coisas pras pessoas e como ontem ela falou sobre como ia ser o ano. (EA, 17).

Os trabalhos de LM são conhecidos na região do Vale do Jaguaribe, por essa razão, pessoas de toda a região sobem a serra para pedir sua ajuda. Esse reconhecimento pelo seu trabalho levou-o a fechar temporariamente sua casa na comunidade e a se mudar para a cidade de Jaguaribe. Interrompendo os cultos de matriz africana por um longo período, porém, quando retornava para visitar a comunidade e a família, ele reabria sua casa espiritual.

Um dos momentos que mais movimentam a casa de Xangô de LM é na realização da festa de Tia Maria, que acontece no dia vinte e cinco de dezembro. Nesse momento a casa fica lotada, os jovens vão para dançar e comer, durante o ritual eles dançam cantam e a entidade responde algumas perguntas dos visitantes e diz algo sobre o ano que vai começar, também são distribuídos alimentos doces e frutas. Caso seja solicitado os trabalhos também são realizados nas casas dos moradores.

Na minha fia, eu vim andar na casa dela, a primeira vez depois que ela morreu agora, porque LM véi fazer um trabalho, ai e era preciso eu ir, no dia 29 de julho interou um ano que ela morreu, ele vei fazer um trabalho porque a menina dela tava vendo ela ai. (AA, 80).

Outra religião com um número considerável de adeptos é de cunho evangélico. Essa, que é relativamente recente, tem seus dias de culto pelo menos duas vezes na semana, dependendo da época e independente dos outros eventos da cidade, ele acontecerá.

A religiosidade do povo se mostra, também, através de outros fatores com a presença das parteiras que recebem o nome de cachimbeiras e das rezadeiras. Há, aproximadamente trinta anos, com as dificuldades de locomoção e a ausência de médicos no distrito, os problemas eram resolvidos, também, através da espiritualidade.

Os partos na comunidade assim como em tantas outras, eram realizados com a ajuda das parteiras que durante os partos realizavam rituais para tirar as dores das mulheres. Enquanto faziam o parto, fumavam um cachimbo, durante o trabalho soltavam a fumaça sobre as mães, segundo as mesmas para tirar as dores. Por essa razão, elas recebem o nome de cachimbeiras. A interlocutora narra sua experiência com essa atividade:

Tive 14 filhos, todos aqui em casa com as parteiras ou cachimbeiras. Elas cortavam o umbigo e depois do parto elas fumavam um cachimbo mesmo. Agora comadre Joaninha fumava cigarro, a maioria dos meus filhos quem pegou foi Joaninha ela quem fez à maioria dos meus partos. (Dona AA,80).

Outro elemento importante para o cotidiano e que traduz a religiosidade do povo são as rezadeiras, mulheres que através de ritos e preces, com algumas folhas de pinhão roxo (uma planta da região), conseguem curar espiritual e fisicamente os moradores. É da relação com esses símbolos culturais locais que Dona HA fala:

Quando os filhos ficavam doentes, era muito difícil levar ao médico, era mais as rezadeiras e remédio caseiro você sabe né!. Era o chá dos matos que a gente tinha aqui era, a hortelã, malvarisco,a corama, o lambedor,eram esses remédios caseiros. Hoje ainda mesmo com médico também chama as rezadeiras (Dona HA,75).

As reflexões desenvolvidas nesse relato levam-nos a constatar que ao falarmos de comunidades quilombolas, precisamos considerar as particularidades de cada povo, cada lugar, visto que cada uma delas guarda na sua história o que lhes torna diferente, o que é particularmente seu.

Os valores sociais dessa comunidade foram construídos através da ancestralidade e sobrevivem nos dias atuais e mesmo sofrendo a concorrência desigual da tecnologia, as novas gerações colocam suas novas experiências nesses valores, porém a essência deles permanece. A valorização da família, do trabalho e a manutenção dos rituais religiosos, são alguns desses ideais facilmente observados.

Uma das marcas culturais da comunidade Bastiões são os trabalhos realizados utilizando o barro como matéria prima. Muitas das casas antigas do distrito foram construídas com tijolos feitos pelos próprios moradores. Essa atividade, porém, só pode ser desenvolvida nas épocas em que o período de chuva permite o abastecimento dos açudes, pois é necessária bastante água pra sua produção.

O processo se inicia com a escavação da terra, enquanto uma pessoa levanta a terra, outra joga água por cima da terra solta para que vire barro. É importante saber o ponto adequado de água para que o barro não fique nem mole demais e nem duro.

Depois de preparar o barro os trabalhadores começam de fato a produção de tijolos, para isso é utilizada uma fôrma, que na comunidade é conhecida como grade, feita de madeira que dará o formato desejado do material, nela será colocado o barro e retirado após da forma. Esse processo era realizado durante o dia.

À noite os tijolos produzidos eram queimados no que eles chamam de calheiras, uma espécie de buraco onde eles colocavam fogo pra queimar o material. Esse último processo só acontecia nesse período do dia para não incomodar os outros residentes com a fumaça. Esse também era um momento de diversão para os jovens, pois enquanto alguns trabalham outros assam carnes, ingerem bebidas alcoólicas e conversavam. Como observamos na fala do jovem, o processo de queimar os tijolos era também um evento em que alguns moradores se divertiam enquanto trabalhavam *Eles iam fazer tijolo de noite ai chamava nós, os mais velhos ia beber cachaça e assar carnes e nós(jovens) ficava comendo as carnes que eles assavam e conversando besteira vendo eles trabalhar.*”(RM, 18 anos).

Após três dias de queimado, realiza-se o trabalho de *desembeijar*, ou seja, passar uma faca dos lados dos tijolos para que as sobras das fôrmas saiam. Muitos dos jovens participavam desse processo acompanhando os seus parentes mais velhos. O interlocutor relata a participação dos jovens nesse processo.

Eu ia mais meu pai, ele trabalhava fazendo tijolo. Nós ia na beira do açude porque precisa ser num canto que tenha espaço e muita água, a parte mais pesada do trabalho eu não fazia, ficava só olhando, mas quando era pra desembear era eu que raspava o tijolo (RM, 18 anos).

Outra atividade cultural desenvolvida na comunidade a partir do barro era a produção de potes para colocar água e panelas. Essa atividade era realizada especialmente por um grupo de mulheres que aprenderam umas com as outras. Dentre elas, dona AA se tornou referência por ter sido uma das primeiras a aprender e a repassar para as outras. Foi através dessa atividade que ela conseguiu criar seus 14 filhos: *Marisa Helena aprendeu a fazer louça comigo que eu ensinei à ela, a Carmélia que vinha fazer também louça comigo.*”(Dona AA, 80).

O processo de produções desses artigos domésticos exigirá um barro específico, na comunidade chamamos de barro vermelho. Diferente do que é

utilizado na fabricação de tijolos, outra diferença entre as duas atividades é que se utiliza menos água na produção de lousas. A interlocutora narra como desenvolve sua atividade.

A louça? eu arrancava o barro, quando eu chegava quebrava o barro e colocava de molho, e quando era com 2 à 3 dias amassava aquele barro pra fazer aquelas panelas, e ainda vendia "baratinho", por 2 ou 3 reais e o povo ainda me enganava. Eu tinha dois jumentos de tirar carga. As pessoas faziam encomendas dos potes, então eu e meus fi ia entregar lá na casa da pessoa (Dona AA, 80).

Os jovens ajudavam nessa produção indo pegar lenhas nos roçados e quando o material ficava pronto, eles ofereciam nas casas para a venda. Com dois jumentos carregados vendiam nos sítios do então vilarejo junto com a mãe. A escolha do momento propicia a produção é essencial para que as panelas.

Assim, vimos neste capítulo aspectos diversos desta comunidade e suas riquezas culturais e religiosas manifestadas no cotidiano de sua existência e vivência. A seguir, discutiremos teoricamente sobre as identidades ali manifestadas que torna possíveis as culturas e a religiosidade tratadas no capítulo atual.

4 IDENTIDADE E IDENTIDADE QUILOMBOLA

O que nos leva a elaboração deste conjunto teórico é o fato de que no capítulo anterior as identidades manifestas estavam presentes em diferentes aspectos da água, do roçado, da Umbanda. Por esta razão, agora trataremos das questões relacionadas à identidade negra e, especialmente, quilombola, buscando conceituar identidade étnica e como ela se constitui. Em seguida, conceituarei identidade quilombola e analisarei sua relação com outras categorias sociais, como educação e formação cidadã.

Iniciamos pensando sobre identidade de modo amplo e geral, para posteriormente tratarmos especificamente da identidade negra. Muitos são os estudos envolvendo esta temática, múltiplas também são as divergências e concepções sobre o que é e como se constitui uma identidade. Dentro dessa perspectiva entendemos que um mesmo sujeito é portador de diferentes identidades relacionadas entre si.

Castells (1999) diferencia identidades de papéis sociais, considerando os primeiros como fonte de significados relacionados à cultura, construídos pelos sujeitos e o segundo uma função social definida e organizada por instituições de uma sociedade.

A identidade do sujeito é algo que está ligada ao seu pertencimento, sendo parte do que lhe constitui socialmente e individualmente, como hábitos, tradições, cultura e oralidade. Essa identidade se constitui a partir de diversos fatores, entre esses, se destacam: aspectos sociais, culturais e históricos. Tais aspectos são determinantes para a formação da personalidade individual e social.

Dizer identidade é designar um complexo racional que liga o sujeito a um quadro contínuo de referências, constituído pela intersecção de sua história individual com a do grupo onde vive. Cada sujeito singular é parte de uma continuidade histórico-social, afetado pela integração num contexto global de carências naturais, psicossociais e de relações com outros indivíduos, vivos e mortos. A identidade de alguém, de um “si mesmo”, é sempre dada pelo reconhecimento do “outro”, ou seja, a representação que o classifica socialmente (SODRÉ, 1999, p.34).

A construção da identidade se dá a partir de um diálogo entre o indivíduo e a sociedade e seus elementos. Nessas trocas o sujeito apresenta as suas características específicas e a sociedade a de seus grupos, proporcionando ao mesmo tempo uma aproximação e um afastamento entre as duas partes.

A identidade está subdividida entre duas categorias que podemos chamar de identidade individual e a coletiva. A primeira tem relação com as particularidades dos sujeitos, interpretações e traduções dos elementos que constituem o seu meio social. A segunda diz respeito ao seu grupo social e às aprendizagens, ensinamentos socioculturais e históricos que o mesmo propicia. Todavia, é preciso ressaltar que essas duas categorias não existem e nem atuam separadamente, pois uma depende da outra na formação do ser social e orgânico.

A minha vida sempre foi aqui, a minha vida minha família e minha história tudo meu foi aqui, sempre foi aqui, meu e da minha família, a gente tem muito orgulho de morar aqui, o laço que a gente tem com comunidade é muito grande. Acho que primeiro pelo o fato de toda a família morar aqui, como aqui é uma comunidade "pequena" todo mundo tornar-se família, quando você vê as gerações notasse que todo mundo pertence à mesma família. Então, como fica sempre todo mundo reunido (TM, 17).

O depoimento acima nos leva a refletir sobre a força que a identidade coletiva tem sobre a formação da individual, que é vista através dos valores da comunidade, e de certa maneira, parece representar a autodefesa dos valores socioculturais familiares.

Para Calhoun (*apud* CASTELLS,1999) identidade são os elementos que fazem distinção entre eu e o outro, nós e eles, como nome, idioma e cultura. Essa é uma construção que está relacionada à necessidade de ser reconhecido socialmente por suas características específicas.

Segundo Munanga (2012) o significado principal da identidade individual é marcar as nossas diferenças com os outros sujeitos. Demonstrar aquilo que o torna único dentro da sociedade em geral e/ou de determinado grupo na qual faz parte. Por essa razão a identidade individual é parte formadora do ser social, pois dá significado a sua existência.

O referido autor destaca ainda que identidade coletiva tem características que definem os grupos e lhes tornam únicos e diferentes de outros grupos, atribuição destas características podem ser designadas pelo próprio grupo com autodefinição ou por elementos externos a ele.

Considerando que a identidade é parte de um sujeito social e que esse é produtor de cultura, essa, assim como as sociedades, sofre modificações de acordo com os novos aprendizados desses sujeitos que a compõem como, por exemplo, a juventude. Temos que levar em consideração dentro da comunidade e das tradições essa categoria que traduz os hábitos e costumes em confluência com a visão

externa e interna do meio comunitário, trazendo a influência da tradução de outros costumes. A interlocutora traz em seu relato um exemplo desse acontecimento na comunidade Bastiões.

Às vezes quando a gente queria dá um aviso, tinha as amiguinhas da escola quando não dava para ir à escola, mandava uma carta ou um bilhetinho avisando por que não tinha ido ou quando queria ir na casa...Pra namorar era assim, tinha que ser por carta ou bilhetinho a gente escrevia e mandava pelo menino ali (TM, 17).

Nesse caso, podemos observar que existe a manutenção cultural identitária que preserva o modo de ser e de conduzir a vida social. Porém os meios com que se realizam essas atividades sofreram as influências das gerações contemporâneas que estão dentro da era da informática.

Para Mello (1986), cultura é todos os elementos que constituem o sujeito social, incluindo as suas simbologias e valores que ele adquire junto à sociedade em que está inserido.

Nas palavras de Sodré (1983), cultura seria uma prática orientada por um sistema de relações internas e organizadas capaz de dar sentido às condições de coexistência dos indivíduos com a natureza, com seu grupo de pertencimento e com os outros grupos sociais.

Na sociedade moderna os novos conceitos culturais desenvolvidos pela antropologia se desvinculam das transmissões de tradições e comportamentos geracionais, passando a ser um complexo diferenciado de relações de sentido implícito ou explícito, que se manifestam nas formas de agir, sentir e pensar dos sujeitos (SODRÉ, 1983). ▲

Dentro da cultura quilombola que presenciei na Comunidade Bastiões, que prevalece pela ciclicidade (em relação ao espaço-tempo) dos costumes ancestrais, a coletividade é uma forma de resistência das gerações que vai se reorganizar nos hábitos e costumes para não se transmitir sem sua identidade. Desse modo, as tradições, hábitos e cultura de uma comunidade são elementos da identidade coletiva que sofrem a influência e as traduções das novas gerações e esses constituem identidades individuais distintas, que por sua vez serão filtradas pela tradição de resistência cultural e identitária reconhecida pela comunidade como identidade ancestral.

Compreender o tempo e o espaço é fundamental para se ter uma visão mais ampla da sociedade estudada, pois sem essa análise da geografia territorial e o

contexto histórico social em questão, dificilmente chegara a compreensão de como se constitui a identidade e cultura local.

Dentro da ciclicidade ancestral da referida comunidade o tempo representa os momentos históricos da formação social e identitária local, considerando quais as influencias sociais que sofreram as populações, ou seja, sobre quais situações políticas os atores sociais estavam submetidos.

O espaço determina em que localidade (território) se desenvolve tais elementos socioculturais e é importante observar e analisar sobre quais circunstâncias climáticas, culturais e sociais a comunidade se desenvolveu, pois todos esses elementos são parte da identidade local. Dentro de tais perspectivas, observamos nas falas de duas de nossas interlocutoras uma divergência intergeracional a respeito de uma das principais manifestações culturais do distrito:

A tradição católica é que hoje a gente ainda vai nela, os mais velhos, e hoje muitas coisas já se acabou e tiraram. E povo "novo" que foi chegando, que foram tirando aquelas tradições e vão acabando; E não acabaram tudo porque nós estávamos sempre por ali, na igreja por isso não acabou-se tudo! (HA, 75).

A jovem entrevistada relata no seu comentário a sua relação identitária com esse elemento da tradição local.

É como se a gente vivesse em prol desse mês. Essa data comemorativa passou à pouco tempo e agora que as pessoas começaram à voltar para suas cidades, porque todo mundo sempre vem passar as férias aqui. Agora nesse final de mês, o pessoal não comenta tanto, quando vai aproximando-se do período de julho, as pessoas começam a dizer: "A Festa de Julho já está bem pertinho, daqui a pouco chega de novo". Tem gente que trabalha o ano inteiro, mas no finalzinho de junho já quer "tirar" férias, já para aproveitar a festa. Toda à noite, tem missa e novena, e essa tradição existe até hoje, não sei há quanto tempo existe, mas algumas pessoas falam que uns cem anos, tanto a festa como a novena de Nossa Senhora do Carmo. Não existe referência do tempo dessa cultura, mas, desde o tempo que foi criada essa festa, ainda é preservada a novena em latim, a novena inteira é em latim, a missa é depois e, em seguida, a queima de fogos, e as festas acontecem todos os dias. De alguns anos pra cá, surgiram as cavalgadas e, é o dia que mais têm pessoas aqui, a época em que a nossa comunidade é mais visitada, e que mais vêm pessoas de outros lugares (TM, 17).

Observamos nos relatos acima que apesar dos choques ideológicos intergeracionais, é notória a importância da manutenção dessa tradição para a Comunidade Bastiões de modo geral. Outro ponto a ser considerado nesse contexto é a que a releitura dessa tradição feita pelos jovens não a tornou menos importante, mesmo que na visão dos mais velhos ela não seja vista de forma positiva.

Do ponto de vista da antropologia, todas as identidades são construídas, daí o verdadeiro problema de saber como, a partir de que e por que. A elaboração de uma identidade empresta seus materiais da história, da geografia, da biologia, das estruturas de produção e reprodução, da memória coletiva e dos fantasmas pessoais, dos aparelhos do poder, das

revelações religiosas e das categorias culturais. Mas os indivíduos, os grupos sociais, as sociedades transformam todos esses materiais e redefinem seu sentido em função de determinações sociais e de projetos culturais que se enraízam na sua estrutura social e no seu quadro do espaço-tempo (MUNANGA, 2012. Pag.3).

A formação da identidade, porém, é um processo em constante construção, pois, as pessoas podem estar presentes na multiplicidade (e pluralidades no sentido de vários conhecimentos adquiridos) de informações em seu processo de formação estando estas dentro da categoria individual, contudo, em um indivíduo de formação de uma identidade sólida (decorrente do reconhecimento e valorização de suas características culturais e sociais) os principais aspectos de sua personalidade serão mantidos, consolidando assim a identidade coletiva. Essa construção constante da identidade fica nítido na fala do entrevistado, que apenas conseguiu se auto declarar remanescente de quilombo, após a realização de pesquisas que lhe localizaram dentro da história da comunidade.

Tendo em vista todas as pesquisas que fiz, o processo que aconteceu, me considero remanescente de quilombolas, se a comunidade é de origem negra, sou descendente das fundadoras da comunidade. Pessoas de grande importância para o cenário histórico brasileiro, tanto socialmente, como historicamente. Não posso negar a minha origem como descendente de quilombola, se eu faço parte de toda desta comunidade, e faço parte da história? e, eu tenho orgulho de fazer parte de tudo isso. Existem muitas pessoas que questionam, por que você se orgulha? orgulho de que? alguns não sentem essa mesma satisfação porque contextualizam o período de escravidão no Brasil; As fundadoras da comunidade exercem sua importância sim, pois libertaram-se da opressão que estavam sofrendo e contribuíram para os rumos da nossa história. Sinto orgulho de ser descendente destas pessoas, e porque faço parte na comunidade quilombola (AAM, 20).

No contexto dos jovens moradores serranos envolvidos por um clima a partir da ingerência do estado, que deixou lacunas no processo de reconhecimento quilombola da comunidade. A sua identidade coletiva de remanescente foi construída a partir de sua busca individual para conhecer as origens da formação de seu povo.

De acordo com Munanga (2012) recebemos referências identitárias de nossos pais ao nascer. Por exemplo, o primeiro elemento é o nome que nos diferencia de outras pessoas, o que irá contribuir com a construção da identidade individual. As primeiras referências identitárias poderão nos caracterizar socialmente.

A comunicação oral é uma das manifestações da identidade coletiva, que influencia a formação dos indivíduos, pois ajuda a contar, repassar e valorizar a história e a cultura de uma sociedade, também insere o ser nos costumes e hábitos

ancestrais. Segundo Munanga (2012, p. 61), os vivos são unidos aos mortos porque é através desses que a força é transmitida. São unidos entre eles, pois todos participam da mesma vida.

A partir do reconhecimento da identidade coletiva o indivíduo identifica sua posição histórica e social, desenvolvendo uma valorização maior em relação à sua cultura. Essa valorização propicia a aceitação e o entendimento de sua autoimagem, ou seja, no momento em que o sujeito compreende o significado histórico-social das características do seu meio, mais facilmente poderá se compreender e se valorizar.

4.1 Identidade negra

O processo de construção da identidade negra possibilita o autorreconhecimento do grupo étnico/racial sobre ele mesmo, sobre seu meio social e sobre outros grupos também pertencentes a esse meio. Por essa razão, para entendermos o processo de formação de uma identidade negra é necessário observarmos a sociedade e as condições políticas/sociais e históricas em que esses sujeitos estão inseridos (GOMES, 2012).

Essa construção de uma identidade negra positiva tem se tornado um desafio para os grupos negros, pois a sociedade lhes obriga cotidianamente a negar-se para conseguir dialogar com os outros grupos sociais (GOMES, 2012). O jovem abaixo liga os elementos socioculturais da comunidade com os da África para afirmar a reminiscência local.

Eu acho que lá existem aspectos e indícios suficientes no que fazemos no dia à dia, faziam ou que ainda é feito, que faça com que tenhamos alguma raiz africana. Alguns costumes podem parecer supérfluos, mas por exemplo, cozinhar em panela de barro, alguns tipos de comida tradicional a África, a cor da pele, o cabelo, o falar, alguns ditos e falas, algumas palavras que achamos que vem de lá, e isso não é por acaso. E isso é bem forte, o Candomblé que é praticado lá também, acho que são alguns aspectos como de uma casa que tem lá, que é muito parecido com uma casa que tinha sido de escravo, uma senzala que era bem próxima de lá, esses aspectos pra mim, já são o suficiente (GF, 25).

As divergências quanto ao processo de reconhecimento do distrito referente à questão quilombola, criou-se um clima hostil para os que se autodeclaravam negros ou remanescentes de quilombos, o que para muitos moradores na comunidade eram sinônimos. As tentativas de negar esse pertencimento seguiam com desvinculação das tradições ao que tinha história negra.

Essa “necessidade” de se negar para se relacionar melhor na sociedade é consolidada pelo pensamento dominante, propagado através da mídia e reproduzido a tempos por pensadores brasileiros.

Antes aqui era só de negro e hoje negro não manda mais em nada. Porque a gente não tem mais direito à nada, uma coisa que ainda resta deixada pelos os negros é a igreja, e a gente não está nem "entrando" porque ela tá fechada (ZA, 54).

Para Santos (2008), a mídia produz os estereótipos negros inferiores e reproduz o preconceitos contra a população negra que dificultará a valorização de seus valores históricos-sociais e por conseqüência diminuirá as chances da formação de uma identidade negra positiva.

A aceitação de uma identidade afrobrasileira por parte da pessoa negra, encontra muitas vezes empecilho no racismo (que aqui definimos como ideologia que discrimina e Descredencia determinada raça humana), pois os atos de racismo inferiorizam a etnia negra, colocando estereótipos que menosprezam os aspectos relacionados aos negros, ou seja, os atos racistas que inferiorizam as pessoas negras causam, nos mesmos receios de se aceitarem como tal, para não serem excluídas socialmente.

Para a população negra a construção e manutenção das identidades, seja ela individual ou coletiva estão submetidas às ações agressivas de estereótipos e do racismo imposto pelo meio social, pois suas características são geralmente relacionadas a aspectos negativos.

Essas ideologias, assim como a identidade da pessoa, são processos em construção e estão por isso em constante transformação. Por essa razão, as ações discriminatórias contra os indivíduos negros têm influência direta na construção de seus ideais e valores morais, atuando de forma determinante na dificuldade de valorização de características inerentes ao negro, pela própria pessoa negra, que se recusa a se vê em uma imagem que é construída socialmente como inferior e submissa.

Os efeitos dessa imagem negativa do negro para a formação de sua identidade racial positiva é o afastamento dessa população dos valores relacionados a sua formação histórica-cultural, a fim de se colocar em uma cultura simbolicamente “superior”.

Quando analisamos o mercado de trabalho para a juventude no distrito Bastiões, percebemos que há uma divisão entre os trabalhos realizados pelos

jovens do sexo masculino e outros realizados pelas do sexo feminino, pois existem duas realidades difíceis, com pontos diferentes e outros próximos. No campo de trabalho, as jovens desempenham principalmente atividades domésticas, tanto em suas casas como na casa de terceiros.

Quanto ao trabalho doméstico realizado pelas moças em suas casas na comunidade, não é remunerado, apesar de tomar bastante tempo de suas vidas sociais, e de exigir das mesmas, bastante dedicação. Em muitos casos, algumas dessas jovens também desenvolvem atividades domésticas na casa de terceiros, nesses casos as mesmas recebem remuneração, mesmo que mínima.

Outra opção observada no mercado de trabalho dessas jovens é o trabalho no comércio, em pequenas lojas, especialmente de roupas. A remuneração desses dois locais de trabalho, assim como no caso dos jovens, não é adequada, chegam ao máximo a cento e cinquenta reais. É sobre essa realidade que a jovem fala:

Bom eu estudo, faço um curso técnico de enfermagem, ta com um ano e sete meses. Em Iracema. Duas vezes por semana, a noite. Quando to aqui, como aqui não tem muito trabalho, essas coisas assim... mas sempre a gente procura algo pra não depender totalmente dos pais, eu arrumo a casa de uma colega minha. Minha diversão, eu gosto muito de pintura, já trabalhei com pintura em tecido, faço unha, decoro unha (IM, 21).

Na fala da entrevistada acima percebemos a necessidade que os jovens da comunidade têm em não depender dos familiares, o desejo da independência, porém, encontra grande empecilho nas poucas oportunidades de emprego e renda dentro da comunidade, por essa razão os jovens moradores dos Bastiões criam alternativas variadas para tentarem suprir minimamente suas necessidades básicas.

Com relação aos jovens do sexo masculino tem em seu mercado de trabalho, o cuidado com a plantação nos roçados da família, pois mesmo a contra gosto alguns ajudam os pais nos roçados das famílias e outros trabalham nos comércios do distrito ou fazendo Bicos em outras profissões, como pedreiro e/ou serventes de pedreiro.

A primeira atividade citada não é remunerada, pois, como relatamos a atividade agrícola desenvolvida nos Bastiões é de subsistência, e mesmo quando os produtos produzidos pelos grupos familiares são comercializados os valores são muito baixos, esse fato leva a alguns jovens a trabalhar em roçados de outras famílias que encontram dificuldades e precisam de mais trabalhadores para cuidar do plantio, porém, esse tipo de remuneração só ocorrerá em alguns períodos do ano especialmente na época de limpar o roçado, tirar o mato que está entre as plantas.

O trabalho no comércio local é remunerado, no entanto, essas remunerações são mínimas, quase “simbólicas”, chegando a duzentos reais por quinzena, ficando desse modo muito abaixo do salário mínimo nacional.

Como observamos na fala do entrevistado acima, os direitos dos trabalhadores também não são assegurados, pois, não existe a prática da assinatura da carteira profissional ou do contrato de trabalho.

Além disso, os trabalhos nesses comércios exigem muito tempo de suas vidas sociais. As atividades desempenhadas pelos jovens do sexo masculino nesses estabelecimentos são principalmente de entregadores e organizadores das mercadorias dentro do comércio, pois as funções de atendimento ao cliente e caixa são desempenhadas pelos proprietários ou por seus familiares. Quanto ao horário de trabalho, essas atividades são desenvolvidas de domingo a domingo, aproximadamente de seis horas da manhã às seis horas da noite.

Com isso podemos perceber que o trabalho retira horas de estudo e da diversão da juventude dos Bastiões. As precárias condições de trabalho exigem bastante dedicação de tempo retirando dos jovens qualquer outra oportunidade.

Nesse sentido, essa desvalorização do negro no mercado de trabalho não seria moralmente aceita, já que, segundo os conceitos morais que estão inclusos na sociedade atual brasileira, deveria haver igualdade de condições para todos os brasileiros, porém não é o que se vê, pois há seleções acontecendo utilizando como critério na cor da pele da pessoa e assim excluindo as pessoas negras do processo seletivo por motivos banais. Como foi observada na pesquisa do Instituto brasileiro de geografia e estatística (IBGE) de 2010:

O rendimento de pretos ou pardos continuam inferiores aos de brancos, embora a diferença tenha diminuído nos últimos dez anos. O rendimento-hora de pretos e de pardos representava respectivamente 47% e 49,6% do rendimento-hora dos brancos em 1999, passando a 57,4% para cada um dos dois grupos em 2009. Os percentuais de rendimentos-hora de pretos e pardos em relação ao dos brancos, em 2009, eram, respectivamente, de 78,7% e 72,1% para a faixa até 4 anos de estudo, de 78,4% e 73% para 5 a 8 anos, de 72,6% e 75,8% para 9 a 11 anos, e de 69,8% e 73,8% para 12 anos ou mais.

A discriminação que afeta os indivíduos negros em vários setores sociais poderá ser determinante para que o sujeito desenvolva uma autoestima negativa. Isso acontece pela confusão entre a imagem do negro que é representada socialmente e a sua autoimagem. Nele, a baixa autoestima efetua-se devidas as pressões sociais agirem de forma mais efetiva do que as convicções ideológicas.

Nesse sentido, as posições sociais em relação à imagem do negro ganha mais força, pois, o indivíduo, nesse caso, ainda não tem convicção de uma identidade cultural negra.

4.2 Identidade quilombola

Segundo Munanga (1996) o Kilombo⁶ africano Banto era uma instituição sociopolítica e militar transcultural, pois recebeu contribuições e influencias de muitas culturas de países do continente africano.

Voltando as discussões para os Quilombos brasileiros e sua formação inicial, percebemos suas semelhanças com os Kilombos africanos, pois os primeiros também são formações sociopolíticas organizadas para combater as repressões impostas pelo regime escravista, ou seja as duas organizações foram criadas para resistir as opressões.

Essas ligações entre as duas organizações podem ser explicadas pela origem da criação ainda na África Bantu, essa também era a região africana de onde foram trazidos a maior parte das pessoas escravizadas no Brasil.

O quilombo é seguramente uma palavra originária dos povos de línguas bantu (*kilombo*, aportuguesado: quilombo). Sua presença e seu significado no Brasil têm a ver com alguns ramos desses povos bantu cujos membros foram trazidos e escravizados nesta terra. Trata-se dos grupos lunda, ovimbundu, mbundu, kongo, imbangala, etc., cujos territórios se dividem entre Angola e Zaire. (MUNANGA, 1996, pág. 58).

No Brasil a definição de quilombo ao longo dos anos passou por grandes modificações e até hoje se encontra dificuldades de conceituá-lo devido a sua enorme diversidade e complexidade. Apesar dessas dificuldades, são muitas as tentativas de dar-lhes sentido único.

No início de sua formação diante das grandes resistências da população negra contra o sistema opressor, as comunidades foram classificadas socialmente como abrigo de escravos fugidos.

Nas palavras de Almeida (*Apud* ARRUTI, 2008) as legislações coloniais definiam quilombos como sendo ranchos organizados que abrigavam cinco ou mais escravos fugidos. A partir da Constituição de 1988 que explicita em seu texto no artigo 68 das ADCT (Atos das Disposições Constitucionais Transitórias) aos

⁶ Quilombos escritos com "K" eram instituições de resistência contra a escravidão existentes na África.

remanescentes de quilombos a propriedade da terra e dever do estado a sua titulação. Outras ressemantizações surgiram numa tentativa de conceituá-lo.

Com base na nova lei constitucional, muitos estudiosos e os movimentos sociais que trabalhavam a favor das comunidades rurais negras não concordavam com a exclusão das comunidades negras não oriundas de antigos quilombos do benefício do reconhecimento e titulação das terras.

As dificuldades de caracterizar as comunidades de quilombos levaram as diversas discussões a fim de reconhecer quem seriam as comunidades beneficiadas pelo artigo 68, desse impasse surgem várias ressemantizações do termo quilombo.

Para Arruti (2008), o termo remanescentes é usado a partir da Constituição de 1988 para designar organizações sociopolíticas de grupos negros que lutam para o reconhecimento de seus direitos historicamente negados.

Enfim, da mesma forma que ocorre entre os remanescentes indígenas, tais suposições implicadas no termo colocam no núcleo de definição daqueles grupos uma *historicidade* que remete sempre ao par *memória-direitos*: em se tratando de *remanescentes*, o que está em jogo é o reconhecimento de um *processo histórico de desrespeito* (ARRUTI, 2008, P.14).

Segundo Fiabani (2007) há diferença entre as comunidades negras rurais e as que descenderam de quilombos antigos, as primeiras são classificadas como “quilombos contemporâneos” e as segundas de comunidades remanescentes de quilombos, o objetivo dessa diferenciação é reconhecer e valorizar a história de resistências dos antigos quilombos brasileiros.

Ratts (2009) ao buscar definição de quilombo dá prioridade à autodefinição de grupos negros, que reconhecem seu lugar de pertencimento como local onde sua ancestralidade desenvolveu seu modo de vida, que suas tradições se mantêm vivas mesmo com algumas mudanças.

O termo remanescente é um dos motivos de rejeição da identidade quilombola em determinadas comunidades. “Algumas lideranças evitam o termo “remanescentes” por sua carga pejorativa (RATTS, 2009, p.57). Na comunidade Bastiões esse termo foi uma das causas de rejeição, para alguns moradores o termo no seu sentido literal significava, resto de quilombo.

A despeito da identidade quilombola devemos ressaltar que esta, mesmo sofrendo a influência de culturas externas mundiais, tem a identidade coletiva firmada e é através dela que essas comunidades conseguem manter suas essências vivas através dos anos. Daí a importância da educação, do território e da

atemporalidade nesse processo de resistência cultural e identitárias dessas populações negras.

A identidade quilombola desperta para a coletividade que agrega a tradição e a cultura. A mesma é uma importante forma de resistência do povo afrodescendente para manter a estrutura de base social onde estão contidos todos os valores e princípios. Ao contrario de outras culturas que não buscam se renovar e sim trazer novos caminhos temos essa forma de expressão presente na estrutura quilombola.

Através da globalização outras culturas ou fenômenos culturais se reproduzem rapidamente alcançando localidades que nunca antes conseguia chegar, influenciando assim na vida social das mesmas. Nesse contexto é importante acrescentarmos que a identidade tem aspectos e funções essenciais para manter a tradição quilombola, pois a mesma é uma forma de resistência que impede através da coletividade a tradução do povo a esses novos elementos.

Nas comunidades quilombolas atuais do Brasil a resistência tem o papel importante, porem diferente dos Kilombos africanos, em virtude do preconceito e racismo que impede as comunidades quilombolas de se integrar a sociedade e também de defender seu território em virtude da especulação imobiliária, posseiros, manipulação através da religião e todas as formas de negação é que se personifica a resistência quilombola, as características dessa resistência vêm através dos tempos se tornando uma forma política através do ativismo para fazer valer os seus direitos e até mesmo buscar o lhe é de direito junto aos órgãos públicos.

Dessa forma, a resistência que observamos ter um caráter ativista vem se estruturando através de uma identidade coletiva dentro das comunidades quilombolas. Essa atualmente na Comunidade Bastiões se encontra endereçadas com os parágrafos supracitados e a mesma se tornou uma forma ou prática entre os remanescentes de quilombo de vencer o medo, com o fim se instituir na sociedade e nos seus direitos. Por este viés entendemos que a resistência também é o caminho do pertencimento, pois a mesma vem sendo uma forma através da identidade que leva o remanescente a não negar de onde ele pertence.

Entendemos que falta igualdade social de forma que as necessidades básicas da comunidade sejam atendidas e mais buscamos dentro desses aspectos favorecer a igualdade através da educação, é importante que não seja somente informal trazendo a escola de base formal igual para todos os moradores da comunidade.

A educação tem grande influência na construção e manutenção de valores, crenças, idéias, normas e pensamentos dos indivíduos. Contribui para a formação das identidades sociais e é compartilhada, de várias maneiras, de modo formal ou informal. Sabemos que é inviável pensar na existência de uma única forma de educação, assim como em um único modelo de educação que seja visto como perfeito, absoluto e eficiente para diversos estilos de vida e de diferentes grupos sociais. Neste contexto o fortalecimento do hibridismo que traz a ideologia educacional européia para as comunidades quilombolas seria uma forma de descredenciamento das tradições das identidades coletivas das mesmas.

Com base nisso atende-se à necessidade de a educação nessas comunidades ser realizada com base na cultura e valores do local, a fim de complementar as necessidades locais. Baseada nessa temática considera-se importante que o processo educativo permita ao educando uma análise não só da sua comunidade mais da sociedade como um todo.

É a partir dessa análise geral da sociedade, assim como, especificamente da comunidade em que vive que o educando e em especial o jovem, poderá ter condições de desenvolver a criticidade em relação ao meio social, à cultura e assim, desenvolver relações que estarão ligadas a sua identidade.

Para a comunidade negra rever seus valores em uma cultura desvalorizada socialmente seria como sair de uma zona de um teórico conforto interno, para se colocar em uma de conflito, onde constantemente teria que provar seus valores, mesmo sobre o julgamento distorcido de uma parte considerável de seu convívio social. Essa alienação da pessoa negra é resultado da negação social da multiplicidade de culturas existentes no país.

4.3 Educação não formal e identidade

O ambiente escolar, nesse contexto, é fundamental para o bom desenvolvimento da identidade e autoestima dos educandos, pois, a escola e a família caracterizam-se como os dois principais espaços para a formação humana, sendo estes os ambientes mais requentados pelo indivíduo em grande parte da vida.

Daí a importância das escolas localizadas nas comunidades serem de fato quilombolas e não apenas instituições externas e descontextualizadas colocadas dentro das comunidades de forma improvisada e sem relação com os hábitos, valores e culturas das mesmas.

O processo educativo considerado informal diferencia-se da educação escolar/ formal, pois é aquele desenvolvido prioritariamente através das relações dos sujeitos com os grupos sociais e sócio/culturais, em que está inserido, esse é um aprendizado que se dá ao longo da vida. Essas duas maneiras de educar se diferenciam principalmente, porque na segunda dar-se mais ênfase ao ensino, tendo objetivo traçado, tempo e local determinado para acontecer; na primeira o processo educativo acontece de forma espontânea, através das simbologias dos grupos e não tem hora e nem local marcado para acontecer.

A educação informal é um processo que parte da compreensão do meio social do educando e por isso contribui para o entendimento de como acontece a cognição epistemológica do aprendizado. Essa também contribui para descobrir a identidade dos sujeitos respeitando as diferenças entre eles e os valores locais afirmando as reconhecidas manifestações culturais das comunidades quilombolas como papel afirmativo pedagógico.

Considerando a cultura um importante meio de praticar a cidadania, entendemos que a educação como ferramenta da sociedade para formação de valores tem a obrigação de conhecer, valorizar e até mesmo produzir cultura, respeitando a diversidade cultural existente nas comunidades, assim como as particularidades de cada cidadão. Segundo Moura (2005, pág.71),

A grande diferença que se deve destacar entre a transmissão do saber nas comunidades negras rurais e nas escolas é que, no primeiro caso, o processo, fruto da socialização, desenvolve-se de forma natural e informal e, no segundo, o saber não está referenciado na experiência do aluno. Isso ocorre, sobretudo, pelo fato de que a experiência educativa das comunidades leva em conta os valores de sua própria história, enquanto na escola os valores da cultura dominante, ou seja, o saber sistematizado, são impostos como únicos, sem qualquer referência às historicidades vividas e aprendidas pelos alunos em seu contexto de origem.

O processo de construção do conhecimento se diferencia de pessoa para pessoa, estando ligada à identidade, a forma como o sujeito constrói suas relações sociais e suas experiências individuais enquanto sujeito social.

A forma como o sujeito se apropria das relações com o mundo determina a maneira como ele busca seus conhecimentos, seus princípios e objetivos pessoais. Ihe orientam a retirar dessas relações os conteúdos com que se identifica que vai ao encontro de seus princípios e identidade. A apropriação nesse caso é retirar o conteúdo exposto e transformar em conhecimento, algo seu, único, e intransferível,

ou seja, identidade individual. Segundo Charlot (2000) o saber se constrói a partir das relações que o sujeito desenvolve com o mundo, ou seja, a relação com o saber se dá com a relação com o mundo, a partir da troca de experiências, das vivências e da cultura e a internalização desses elementos permitem uma afirmação identitária maior e segurança para lidar com as adversidades.

Com base nas nossas vivências consideramos que as relações com o conhecimento, não são construídas apenas nos ambientes escolares. Essas relações acontecem o tempo todo nos ambientes sociais comunitários, através do convívio do sujeito com esse ambiente e com os componentes dele, desde que os elementos expostos para a formação desse conhecimento tenha significado para o sujeito para que ele possa dar novo significado e internalizá-lo.

O conhecimento forma-se primeiramente através do entendimento quando o educador promove o conteúdo ao aluno e posteriormente do aprendizado o momento que o educando sistematiza o conteúdo de forma crítica e internaliza a seu modo tornando-o seu.

Nas nossas percepções as comunidades quilombolas são produtoras de conhecimentos e culturas no sentido de experiências adquiridas e passadas às gerações seguintes através principalmente da oralidade. Vale ressaltar que essa, também, é uma prática muito vista nas sociedades africanas Bantu e marca culturalmente nossas comunidades negras. Altuna nos relata um pouco dessa aproximação cultural:

Estas comunidades não se realizam sem uma prioridade territorial, nem o individuo se concebe sem prolongamento nas suas pertencas. A magia Banto actua sobre unhas, cabelos, roupas, sombra, objectos usados, terra pisada e até fotografias, porque até ali se prolonga a personalidade. “A participação- comunidades de meios existenciais encontra-se assim incluídas na participação- comunidade de vida.(ALTUNA, 1985,p.55).

Nessas comunidades se observa com maior facilidade a utilização da educação informal. Por serem comunidades próximas do que descreveu Achebe (2009), elas são especialmente rural, relativamente pequenas e apresentam valores morais e sociais bem definidos, pautados na ancestralidade e na religiosidade.

Os valores sociais dessas comunidades estão pautados no respeito à ancestralidade, aqui entendemos esta como todos os elementos que nos formam que nos constitui, pois, como relata (CUNHA jr., 2009, pág.9) “ancestralidade representa, também, a preservação de costumes, está referida aos conceitos de tradição, de fundamento da sociedade e de origem”. Nesse sentido, quando falo que

a educação informal dessas comunidades está pautada no respeito à ancestralidade, digo assim, que as mesmas têm apreço pela própria comunidade no tempo e espaço.

Com isso, compreender o tempo e o espaço é fundamental para se ter uma visão mais ampla das comunidades quilombolas, pois, se você não compreende a geografia e o contexto, não conseguirá entender a história social daquele povo.

Dessa forma, situar as características históricas e sócias culturais do espaço a ser analisado é imprescindível para o entendimento da comunidade de uma forma mais ampla, pois, será necessário compreender sobre quais circunstâncias os sujeitos estavam expostos para construir determinado fato histórico.

Cada sujeito tem sua história, essa ao mesmo tempo é social que representa o coletivo e singular identificada como individual, as duas se complementam na formação do sujeito (CHARLOT, 2013).

As características dos locais, o tipo de vida das pessoas é imprescindível para se entender a formação dessa identidade coletiva que está intimamente ligada a esses fatores, pois, essa identidade surge através deles. Assim, como a identidade individual ganha novo elemento, mas, sofre a influência do local e do tempo em que foi constituída. Entender em que tempo o sujeito está inserido (implica em analisar sobre que influência interna ou externa ele está exposto. Esse entendimento é necessário para se desejar entender a identidade.

Nos tempos atuais surgiram meios de comunicação que influenciaram nas formas de educação e de compreensão do ser comunidade e de preservação de valores antepassados e internalização de valores atuais.

O aparecimento dos ecrãs⁷, por exemplo, causou grande impacto social através de transformações na forma de comunicação e entretenimento social e até mesmo na educação. A televisão assim como a internet oferece para o telespectador maior comodidade e uma programação ilimitada com relação à quantidade de programas. Para as comunidades quilombolas essas mudanças também influenciaram na vida social, agindo diretamente nos hábitos e costumes das localidades.

A sociedade exige cada vez mais a constante atualização do conhecimento, dos conceitos, das ciências. Esse fato, por sua vez, acaba exigindo mais dos

⁷ Os ecrãs são telas de vidros feitas para a projeção de imagens, como televisão e computador.

indivíduos cobrando novas posturas, e olhares diversificados. Nessa sociedade que tem como característica a diversidade da informação, onde tudo parece ser descartável, de breve duração (até mesmo novas descobertas científicas), surgem novas configurações na forma de aprender.

As novas tecnologias apresentam uma variedade de informações e culturas ao mundo nas comunidades quilombolas não é diferente especialmente a juventude que utiliza esses recursos para relacionar-se com outros mundos/culturas.

O movimento Hip hop é um exemplo da influência das tecnologias na vida social quilombola, este despertando jovem dessas comunidades a criticidade da juventude face à internalizações de pensamentos e externalizações de novos hábitos e costumes em seu território.

O território, por exemplo, é outro fator importante para se entender a identidade e a cultura quilombola, pois, é importante para a observação e análise de que circunstâncias, climáticas, culturais e sociais onde esse acontecimento surgiu. A ligação dos sujeitos com a localidade é um dos fatores que fortalece a identidade coletiva, principalmente.

Considerando que as transformações sociais afetam as ações dos indivíduos e que cada fato pertence ao seu tempo, pode-se perceber as características de identidades coletivas e individuais, que poderá realizar alteração com a mudança de espaço e tempo.

Compreendemos assim, que as resistências das comunidades negras nascida lá atrás na história do Brasil persistem até os dias atuais com a sobrevivência social e cultural das comunidades quilombolas, através, dentre outros elementos, da manutenção das tradições ancestrais.

A ancestralidade, contudo, une-se à educação não formal nessa luta para a manutenção dos valores e culturas desses povos. Como podemos observar nos escritos acima a comunidade tem valores morais que vem atravessando gerações e mesmo com as grandes mudanças trazidas através de elementos das sociedades modernas como a internet, os ecrãs e toda a tecnologia, muitos desses elementos culturais e sociais, ainda, mantêm-se vivos dentro da comunidade. Diante do exposto, Hall (2000, pág.76) afirma que: “As identidades nacionais, como vimos, representam vínculos a lugares, eventos, símbolos, histórias particulares”.

Dessas particularidades, os valores sociais dessa comunidade se constituíram através da ancestralidade e sobrevivem nos dias atuais mesmo

sofrendo a concorrência desigual da tecnologia, as novas gerações colocam suas novas experiências nesses valores, porém a essência deles permanece.

A valorização da família, do trabalho e a manutenção dos rituais religiosos são alguns desses itens facilmente observados. A manutenção dessas tradições tem um significado positivo e é o que assegura a sobrevivência da ancestralidade, assim, como a continuação do sentido de comunidade. É a comunidade que se torna transmissora destes valores educando através das práticas cotidianas caracterizando a informalidade da educação.

A educação não formal desenvolvida nas comunidades quilombolas, especialmente na Comunidade Bastiões, observa-se principalmente por meio dos momentos de festividade religiosa.

As grandes festas são momentos de trabalho coletivo e de reunião comunitária. São nesses momentos que podemos observar a ligação da comunidade com a descendência africana.

Enquanto trabalham na organização do evento, se divertem, ouvem música, dançam, cantam, tocam. Quando tudo está tudo pronto às pessoas vestem suas melhores roupas de festa que se inicia oficialmente. Nesse contexto, a identidade quilombola está ligada às tradições que incluem hábitos e costumes dentro da ciclicidade do conhecimento ancestral transmitido de boca a ouvido pelos mais velhos.

De acordo com BÂ (2010) A oralidade ancestral transmite pacientemente o seu conhecimento, de boca a ouvido, de mestre a discípulo, se utilizando dos fatores tempo-espaco através dos séculos.

Para tanto, a ancestralidade é a identidade com os valores e virtudes encontrados na farinhada, assim como nas grandes festividades que reúne a comunidade com os conhecimentos para a produção da mesma, que se destacam por exigir através da tradição o conhecimento artífice com especificidade daquele povo.

Deste modo concluo que a sobrevivência das comunidades negras rurais, depende do cultivo e manutenção das tradições e valores deixados e constituídos pela ancestralidade, pois essas, como falamos anteriormente, são também as crenças e a cultura (tradições), como um dos meios utilizados de forma eficaz pelas comunidades quilombolas para alcançar esse objetivo. É a utilização da educação

informal, que se constitui através das vivências e experiências de um povo e um lugar.

5 EDUCAÇÃO NÃO FORMAL E AS CULTURAS DESENVOLVIDAS PELOS JOVENS NA COMUNIDADE BASTIÕES

Em primeiro lugar, os Bastiões é um lugar bonito por natureza. Quem visita o lugar já vislumbra essa diferença, e, é uma das principais características dos Bastiões. A cultura na nossa comunidade era bem mais presente, antes, tínhamos apresentações do bumba meu boi, quase todos os meses havia apresentação de teatro na praça e gincana com a participação da comunidade, e, devido a alguns jovens terem ido embora da comunidade essa tradição ficou um pouco esquecida. Existe um sentimento de esquecimento com relação a cultura do nosso povo, acredito que a cultura de uma determinada sociedade é a sua identidade, então a nossa identidade cultural como remanescente de quilombo está sendo perdida. Acredito que uma comunidade de remanescentes não precisa ser basicamente composta por negros, não possuir saneamento básico e todos viverem na miséria, mesmo que a nossa comunidade seja encarada dessa forma. Essa realidade não precisa existir em nosso modo de identificação como povo quilombola. (AAM, 20).

Essa fala do jovem AAM nos permite elaborar sobre as produções acerca do conceito de juventude seguem diferentes vertentes. Por um lado é destacada a faixa etária em que esse grupo de pessoas está inserido, de outro, enfatiza-se o comportamento social desses sujeitos. Santos, Félix e Morais (2012) consideram que tanto os pensamentos científicos como os de senso comum tratam do desenvolvimento humano como fases da vida que evoluem linearmente em direção ao amadurecimento.

Na perspectiva apresentada pelos autores, a juventude estaria situada no intervalo entre a infância e a fase adulta, não tendo por isso chegado ao seu nível mais alto de maturidade, que dentro dessa ótica só aconteceria na fase adulta. Pensando deste modo os jovens estariam sendo moldados através de suas vivências para alcançar na fase adulta um nível de maturidade elevado. Os referidos autores destacam ainda que cada uma das fases do desenvolvimento humano apresentam uma prática e uma representação social, estas correlacionadas e igualmente essenciais para a formação dos sujeitos sociais.

A Organização das Nações Unidas (ONU), em assembléia geral realizada em 1985, definiu jovem como sendo todas as pessoas que estão com idade entre 15 e 24 anos. A faixa etária que define essa categoria, porém, apresenta algumas variações. Para as leis brasileiras, por exemplo, são adotadas outras faixas de idade. Segundo o Estatuto da Juventude (2013) a definição de jovem envolve as pessoas que estão na idade entre 15 e 29 anos. O documento que dispõem sobre os direitos dos jovens, subdivide essa categoria entre os que têm idade de 14 a 17 anos e 18 a 29, pois os primeiros são também considerados adolescentes e serão

protegidos pelo Estatuto da Criança e do Adolescente. Aos demais que se enquadram nesta categoria aplica-se o Estatuto da Juventude.

De acordo com Dayrell (2003) a imagem social atribuída ao jovem torna-se negativa, pois se refere a alguém no futuro, o que pode “vir a ser”, o futuro adulto que apenas aí poderá contribuir socialmente, ou seja, as ações presentes desses sujeitos sociais são consideradas irrelevantes.

Esse pensamento torna nula as ações desses sujeitos no período da juventude. Espera-se que suas ações sejam irresponsáveis e por isso, mais propícias ao erro, quando na realidade é nessa fase da vida que os jovens começam a desenvolver um pensamento mais crítico sobre sua realidade, através da consolidação de seus valores. O autor define juventude como um processo amplo da constituição dos sujeitos. “A juventude constitui um momento determinado, mas não se reduz a uma passagem; ela assume uma importância em si mesmo”. (DAYRELL, 2003, p. 42)

Não podemos, porém, classificar a juventude como um grupo uniforme e sem mudanças, pois este se configura como um conjunto de pessoas que se formam e se constituem a partir das influências socioculturais que sofrem. Os jovens tornam-se representantes de sua cultura e são influenciados por ela, na mesma medida em que a influenciam.

Para Damasceno (2013) o espaço-tempo constitui-se no ambiente repleto de informações e conhecimentos culturais frutos das experiências e relações vividas pelos jovens com seus pares, assim como com os outros agentes sociais. Essas relações atuam diretamente na formação dos valores carregados pela juventude. Para eles as trocas também funcionam como ambientes, que determinam qual grupo se aproxima de seus ideais identitários e qual se distancia. Nesse contexto, a juventude diferentemente da infância já desenvolveu uma capacidade crítica de escolha. Os grupos sociais tornam-se essenciais para a formação dos valores na juventude. Nesse período da vida os ambientes freqüentados são resultados de suas escolhas e aproximações identitárias, ou seja, o jovem, diferente da criança, tem um maior poder de escolher a que grupo pertencer e com quais pessoas trocará experiências. No Quadro 1, abaixo podemos observar as relações dos jovens sujeitos com os grupos sociais desenvolvidos por eles nos Bastiões.

Quadro 1- Participação dos jovens nos grupos

NOME	ATIVIDADES CULTURAIS
GF	Teatro
TM	Teatro/Blog
MM	Free Step/Skate/Vlog
CS	Teatro
EA	Blog
RM	Vlog
AAM	Pesquisador da comunidade
IM	Teatro
L F	Blog
BN	Teatro

Fonte: Elaboração própria.

Damasceno (2013) considera que dentre os principais valores desenvolvidos pelos jovens, dentro dos grupos, estão a amizade e a reciprocidade, pois os jovens ajudam ao que mais precisa para que quando precise também seja ajudado pelo coletivo.

A necessidade do jovem de se comunicar com os grupos de aproximação identitária ganha força com a expansão das culturas digitais, com elas as redes de comunicações conseguem ultrapassar as barreiras territoriais no menor espaço de tempo, ligando o maior número de pessoas aos mesmos desejos. Segundo Lévy (*apud* Santana, 2006) as tecnologias digitais caracterizam-se por serem os novos locais de sociabilidade e arranjos sociais, assim como na contemporaneidade os principais espaços para o acesso à informação e ao conhecimento. O ambiente de aprendizagem tradicional, com um professor repassando o conteúdo para uma sala de aula superlotada, já não é a única forma de adquirir conhecimento.

5.1 Os jovens e a cultura dos *blogs*

O surgimento da internet tem um impacto para a vida social igual a outros grandes acontecimentos que modificaram o modo de vida da sociedade, tais como o surgimento do telefone, da eletricidade e de tantas outras ferramentas sociais, principalmente por que transformaram as formas de comunicação social, cada um atendendo as necessidades de seu tempo.

Essas mudanças são na maioria das vezes substituições desses modelos de comunicações por outros mais completos, que satisfazem o desejo humano de descobrir novos olhares sobre objetos às vezes semelhantes, como foi o caso do

Orkut com o Facebook, mas com o formato mais aprimorado e com novos elementos.

Apesar dos benefícios da chegada das novas tecnologias muitos malefícios também são facilmente detectados, como a super exposição das pessoas e a diminuição do relacionamento físico/afetivo. Como já relatamos, a nova era tecnológica permite uma aproximação com pessoas fisicamente distantes, do mesmo modo que ocasiona um afastamento físico de pessoas próximas, e as relações interpessoais estão ficando cada vez mais em último plano.

A vida privada das pessoas, de modo geral, está exposta nas redes em detalhes. Essa é uma necessidade do novo contexto social, mas é principalmente uma exigência e prática do público jovem, que sente necessidade de mostrar-se, de se fazer perceber. Nos grupos modernos a juventude sente enorme necessidade de mostrar-se, para sentir-se parte de um grupo. Isso muitas vezes significa adaptar-se a um padrão, uma maneira comum de aparecer.

É também através dessas mudanças que muitas necessidades antes sem solução conseguiram ser abrandadas, como a aproximação da educação a pessoas que sem a tecnologia não tiveram condições de acesso ao conhecimento de forma ampla. Um exemplo disso é a grande expansão da educação a distância.

A Educação a Distância firma-se cada vez mais na sociedade tecnológica, uma vez que o indivíduo não dispõe de tempo suficiente livre para dedicar-se às atividades de lazer e educação presencial. Desse modo, a EAD surge como mais uma possibilidade de aprender, uma vez que o sujeito passa a ser responsável por esse processo. Processo esse que exige autonomia e dedicação, sendo o aluno quem decide o momento de estudar, sem o olhar atento e inquisidor do professor presencial. Não se trata de substituir a aula presencial pela EAD, e sim apresentar mais uma possibilidade de ensino.

Outras iniciativas também têm proporcionado um rápido e diversificado acesso à informação, como vídeo aulas facilmente localizadas na rede. Elas proporcionam aos alunos a visualização dos conteúdos através de imagens, músicas e outros elementos audiovisuais, além da possibilidade de ver o conteúdo por didáticas diferentes.

As culturas digitais chegaram à comunidade Bastiões há aproximadamente oito anos. No início só se tinha acesso a essas mídias através de uma única *lan house* situada no cento do distrito. Essa, porém, possui poucos aparelhos e não

conseguia atender a demanda e suprir as necessidades dos moradores, sendo necessária uma grande espera para quem desejasse acessar os computadores.

Apenas quatro anos depois, pela necessidade de acesso mais rápido à informação e ao entretenimento, outros moradores conseguiram instalar a internet em suas casas. Hoje ainda apresenta algumas limitações, grande parte dos moradores têm acesso à internet, através do compartilhamento das redes sem fios.

Os jovens e as crianças são os principais usuários das mídias digitais, estas são utilizadas por eles para a diversão e para a busca do conhecimento. É notória a influência e as mudanças comportamentais percebidas, especialmente nessas duas categorias de sujeitos, que com o surgimento dessas mídias passaram a ter acesso mais próximos e rápidos as culturas praticadas a algum tempo no mundo. Entre as principais mudanças está a aproximação com estilos como o *funk*, o *Hip Hop*, o *Rock*, a música eletrônica e a prática do *skate*. Na fala do nosso interlocutor observamos as transformações nas relações sociais da comunidade. O interlocutor fala de suas impressões sobre as mudanças sociais ocorridas na comunidade com o advento da tecnologia:

Hoje as coisas estão modernas demais, antes, saíamos de casa, brincávamos, íamos em busca dos nossos amigos para brincar, hoje, raramente você encontra crianças divertindo-se com os amigos, vejo somente quando vou à praça a noite. São poucas as crianças que tem o hábito de brincar e esse fenômeno acontece não só aqui na comunidade, Por exemplo, em época de aniversário, na hora de presentear uma criança, ela não irá querer um carrinho ou boneca, ela exige um tablet ou celular; e essa cultura da tecnologia também chegou em nossa comunidade. E percebo que a tecnologia está "tomando" de conta das nossas crianças. (AAM, 20).

Os grupos de jovens admiradores dos estilos musicais supracitados são verdadeiros fenômenos das novas redes de interações, nesse caso as redes são usadas de todas as maneiras possíveis, mas principalmente para divulgação de seus modos de ser e agir. As tecnologias são usadas por esses e outros grupos para divulgar e manter suas ideologias e assim agrupa o maior número de pessoas.

Com a parca possibilidade de diversão a juventude serrana da comunidade Bastiões cria formas diferentes de se divertir utilizando a cultura e a internet. Os jovens utilizam a internet para várias finalidades, dentre elas a distração que vem através das redes sociais e dos jogos *online*.

Mesmo com as mudanças sociais ocorridas pelo advento da tecnologia o modelo de educação formal ainda é deficiente, especialmente no que diz respeito à preparação dos alunos para as seleções de nível superior. As críticas a esse

respeito são direcionadas pelos estudantes, especialmente a estrutura das escolas e a falta de recursos para que eles possam ter acesso às principais informações necessárias para uma boa preparação. Podemos observar um pouco dessa realidade na fala da entrevistada: *A escola tem que ser atrativa, de longe ela já não é atrativa. Primeiro que você vê que a escola é quase isolada, é o último prédio do lugar, é lá escondido lá. A forma de você chegar lá é no barro. (GF, 25).*

O criticado modelo de educação segundo os entrevistados não se modernizou, segue padrões de educação que não permite ao aluno a crítica, assim como também não utiliza recursos tecnológicos nas atividades. Para os alunos, que são jovens e vivem as modernidades das técnicas computadorizadas, as aulas tornam-se desanimadoras e fora de sua realidade.

O Ensino Médio que atende a comunidade é uma extensão de uma das escolas públicas de Iracema, esta fica instalada em uma das salas da Escola Municipal Francisco de Assis Filho, por essa razão a biblioteca da escola além de contar com apenas 60 livros, esses não suprem a necessidade dos alunos do Ensino Médio. Como relata à interlocutora:

A escola de Ensino Médio, que no caso, a nossa extensão, porque lá eles estudam manhã e tarde, e aqui nós estudamos a noite. Os professores são de lá e a escola daqui do município funciona manhã e tarde. A biblioteca daqui que a gente usa, no caso, a do Ensino Médio, usamos a biblioteca do município da escola que é daqui, nós que somos a extensão. Utilizamos os livros de lá e temos que agendar, já que a biblioteca não é da nossa escola, o agendamento que acontecer. Na minha opinião, eu acho muito pouco, não dá para suprir as necessidades tanto do Ensino Fundamental como do Ensino Médio. Os conteúdos do Ensino Médio são diferentes, e as aulas são mais complicadas. (TM, 17).

Com o fácil acesso a redes de internet três dos nossos sete entrevistados desenvolvem um projeto escolar que já foi premiado nas feiras escolares da região, o *blog Blogando na Serra*. Esse, como o nome já sugere, é um *blog* utilizado como ferramenta para melhorar a qualidade do ensino na escola de Ensino Médio da comunidade.

A idéia de formar o *blog* parte das dificuldades encontradas no acesso a informação, causada principalmente pela falta de livros dentro da escola. Pensamos que a escola deveria propor mais acesso por parte do aluno a informação uma vez que biblioteca só tem segundo os entrevistados 60 livros e estes livros limitam a necessidade dos alunos.

A internet neste ponto de vista é necessidade primordial como recurso para o aluno em nível de pesquisa e também de estudos, uma vez que uma das coisas

mais importantes e latentes da comunidade está na preparação dos alunos para os vestibulares.

Na contemporaneidade é de grande interesse social o acesso às mídias digitais, uma vez que os alunos dependem disto para tentar o ingresso nas Universidades em outros municípios. Outro ponto a ser destacado está relacionado à importância da comunicação que não existe da forma como deveria, pois como especificamos anteriormente, o acesso não é amplo. Os jovens mais pobres acessam, via *wi-fi*, em redes de amigos, a internet, pois não tem condições de pagar por este serviço.

Segundo os entrevistados, a escola municipal situada na comunidade, que atende alunos do Ensino Fundamental durante o dia e à noite sede espaço para o anexo de uma escola estadual, que atende aos alunos do Ensino Médio do distrito. Possui um pequeno laboratório de informática, que dependendo do número de alunos por turma ficaria um computador para dois estudantes. Além disso, essas aulas acontecem esporadicamente. O entrevistado narra os momentos e o sentimento dos alunos com relação a essa realidade: *As aulas no laboratório de informática eram uma vez perdida no mês e tinha mês que nem acontecia. Quando tinha nós íamos comemorando. Nós íamos pra fazer trabalhos da aula. (RM, 18)*

A existência do anexo escolar para a comunidade, mesmo sendo ela a única que oferece o Ensino Médio, é importante, pois agrega valores para a sociedade, que se vê indiretamente estimulada a crescer no seu papel social. Mas reconhecemos que é preciso investimento e uma pedagogia adequada à cultura, em virtude da formação do aluno para o mercado e, principalmente, para a continuidade dos estudos em outro município.

O distrito Bastões não precisa somente de titulação, como ao longo do discurso estamos apresentando, é de grande preocupação manter a cultura e a tradição, mas sabemos que somente estas não viabilizam a sustentabilidade da comunidade. Contudo seria necessário o preparo que só pode ser alcançado através estruturação de base da escola formal. Vendo desta forma ela se torna a porta de acesso ao otimismo do aluno em consequência do aprendizado e aplicabilidade nos estudos.

O que se faz necessário e, no entanto sentimos falta é a conscientização do preparo em virtude de profissionalizar o estudante para trabalhar em função da comunidade e do crescimento da mesma, ou seja pleiteamos a condição futura

através dos alunos de poderem tornar o distrito altamente sustentável a ponto de mudar a sua realidade.

Neste contexto o jovem mostra-se extremamente capaz de trazer retorno e caminhos de investimento para o distrito, fazendo do mesmo capaz de produzir e gerar capital de giro com mais igualdade para todos. Ao pensarmos no governo gestor nós remetemos a esse dar condições para a manutenção cultural e transformação social.

Entendemos que a informação e o acesso a internet é na verdade o meio de viabilidade do conhecimento, ou seja, é a tecnologia proporcionou aos estudantes um campo mais abrangente para pesquisas. Toda sistemática da internet que envolve o jovem também abre possibilidade para o mesmo em relação ao sonho e idealizações, esse é o meio em que eles buscam para ter mais possibilidade futuras de realizações.

A escola preocupada com o ensino formal ainda não participa diretamente deste conhecimento, daí a necessidade de trazer para esta educação uma metodologia implicada com a formação não somente para o social, mas voltada as necessidades básicas de sustentabilidade. Poderia se incluir a necessidade digital também a formação técnica.

As especificidades a serem desenvolvidas poderiam estar focadas na sustentabilidade bem como no valor que tem a comunidade e o quanto ela pode ser auto-sustentável. Isto de certa forma poderia trazer o olhar para as questões internas primeiramente preocupada em formar o seu jovem com o foco na comunidade e ao mesmo tempo despertar o interesse por formação técnica ou superior que o qualifique e atraia investidores nesta comunidade. Tendo em vista esta questão poderíamos vislumbrar a importância futura de uma cooperativa dos moradores a fim de tirar do trabalho o seu sustento.

Nessa perspectiva a internet como meio de acesso pode ser a ferramenta que ajuda no preparo do aluno na busca do ensino técnico ou superior e ajuda como forma de linguagem universal, ou seja, permite que esses alunos possam ter mais possibilidades na preparação para as seleções nacionais. Deste modo, esse veículo de informação se torna um meio de inserção e acesso ao conhecimento.

O fator que faz diferença para essa questão está atrelado a necessidades específicas de cada grupo social e depende da escola se adequar tornando-se efetivamente parte dessa sociedade para que permita o preparo adequado do

jovem. A escola orgânica é a escola preocupada com o social e a valorização da cultura local, que desenvolve sua organização a partir dos valores e tradições de uma comunidade.

Mas tem aspecto muito parecido, pois valoriza a cultura da terra, bem como as habilidades de cada pessoa, permitindo a interação e o desenvolvimento das mesmas. A preocupação dos jovens em terem acesso à internet, em virtude de abrir as portas para campos de formação profissional é muito grande dentro da comunidade.

Com a iniciativa de um dos professores de língua portuguesa da escola de ensino médio se criou a princípio um Blog com a função de acesso ao ensino de português que passa a ser mais tarde de suporte geral, ou seja, de acesso a todas as disciplinas. O mesmo Blog é de acesso do professor, porém controlado e monitorado pelos alunos. Essa ferramenta é utilizada por eles como forma de entretenimento e informação. A interlocutora relata os problemas educacionais vividos por ela que a ocasionaram a criação do blog.

E já foi com esse objetivo... eu sinceramente como estudante, algumas aulas eu to ali, por que é o jeito. Eu gosto muito de estudar, mas tem aula que não dar. Sinceramente não dar, eu acho chato, é sempre a mesma coisa e agente já pensou em criar o blog com esse objetivo de por uma coisa diferente, é atrativo. (TM, 17).

Esse instrumento de comunicação é utilizado por eles como complementação dos conteúdos escolares, especialmente português. A escolha do material a ser trabalhado acontece da seguinte forma: o professor pede que pesquisem determinado conteúdo e coloquem de forma diferente na rede de internet. Como a atualização do blog é feita pelos próprios jovens, a comunicação dos conteúdos torna-se mais agradável.

Os organizadores do site fazem uma pesquisa junto a outros alunos para saberem onde eles estão tendo mais dificuldades nas aulas já trabalhadas em sala de aula e pedem a opinião dos mesmos sobre quais assuntos deveriam ser abordados no blog. A partir desse levantamento os jovens escolhem o material que pode estar postado em outro site na rede ou produzem um novo que se adéque melhor à mensagem que desejam passar.

Na comunicação e exposição de conteúdos são utilizados pelos alunos a muita criatividade, ora são usados outros conteúdos da rede e em outro momento os próprios jovens desenvolvem materiais multimídias para repassar a informação.

Os conteúdos de português que são o foco principal do blog são amplamente trabalhados e para sua divulgação é dada atenção especial para gêneros textuais diferentes, a forma de postar os conteúdos relacionados

Nos períodos próximos ao ENEM (Exame Nacional do Ensino Médio) o “blogando na serra” torna-se instrumento importante para a preparação dos alunos, pois, outras disciplinas, também importantes para essa seleção são trabalhadas de forma a facilitar o entendimento dos educandos.

A utilização do blog como ferramenta de estudos e aprofundamento fora dos muros da escola, permite-nos refletir sobre a importância de a educação fazer parte efetivamente do universo do estudante, para assim, ter melhores resultados não só na obtenção de números em seleções, mas também para a formação pessoal.

Forma de entretenimento o blog é uma atividade realizada pelos jovens nos curtos momentos de lazer. Como já relatamos anteriormente a comunidade é carente de opções de diversão para a juventude, além desses jovens não disponibilizarem de muito tempo para diversão. Nesse contexto o ensino torna-se agradável para os estudantes por eles serem colocados como agentes da sua própria formação e por ser realizado como forma de diversão, despertando o prazer pelo aprendizado.

Os blogs são como diários escritos e compartilhados em rede. Eles podem estar interligados com outras diversas ferramentas de compartilhamento, podendo ser anexados, fotos, vídeos e postes (conteúdos disponibilizados pelo organizador. Outro elemento diferencial dessa mídia é a interatividade com o leitor, existente através da ferramenta de comentários, a partir desse elemento os leitores conseguem opinar sobre o conteúdo.

As ferramentas digitais das culturas contemporâneas mostram-se essenciais na organização social, sendo a educação um imprescindível elemento da sociedade torna-se importante que esta acompanhe as mudanças para que seu espaço não cause estranhamento aos educandos. As tecnologias agem na educação formal dando oportunidade de acesso às rápidas trocas de informação. Sem elas os alunos não acompanhariam as velocidades socioculturais (BITTENCOURT, 2010). Nesse aspecto as culturas de blogs e outras ferramentas da rede agiram dentro do processo educacional formal como o meio mais agradável de repassar as informações e conhecimentos com a dinâmica que essa sociedade exige.

Com o advento das tecnologias de rede os jovens da comunidade têm acessos mais rápido às culturas desenvolvidas por várias partes do mundo, conseguindo desenvolver dentro de sua identidade e cultura local, novas formas de convivências, agindo de forma a suprir necessidades que afligiram muitas gerações anteriores.

As relações e comunicações com esses meios de comunicação do distrito de modo geral tornaram-se cada vez mais freqüente. Os filhos que saíram em busca de melhores condições voltam a ligar-se mais intimamente aos seus, através das redes sociais, encurtando as distâncias antes só superadas com telefonemos ou cartas. As novas mídias permitem um contato constante, trazendo a imagem real através de vídeos e fotos. É desses benefícios sociais que fala a entrevistada: *A internet eu acho, que se você souber utilizar de maneira correta, ela é uma aliada muito boa na educação (Referência ao blog) e contato com pessoas que moram em outro lugar como forma de comunicação com estas. (TM,17).*

Para a juventude serrana as culturas de mídias têm chamado a atenção pela diversidade de conhecimento educacional. É perceptível a influencia que sofrem das culturas tecnológicas. Isso fica claro nas escolhas das músicas, nas atividades e novas linguagens que desenvolvem. Percebemos essa mudança na fala da entrevistada: *Hoje, a gente caminhando por aqui, conseguimos perceber que o lugar está bem diferente, as pessoas utilizando com uma certa frequência o celular, o pessoal bastante conectados, hoje. (TM, 17).*

A educação de forma geral é quem mais sofre a influência desse meio de comunicação. O ensino formal beneficiou-se por conseguir sanar um problema estrutural do anexo de educação de ensino médio que não oferece uma biblioteca que correspondesse ao nível médio aos estudantes.

Para reparar essa deficiência no ensino médio, o site “blogando na serra” traz em seu material um acervo que serve de complemento e aprofundamento das atividades realizados na sala de aula, com o intuito de preparar o aluno leitor para o ENEM, como percebemos na fala da interlocutora:

Por enquanto agora não, por conta do Enem o que é publicado no blog é só, o material sobre linguagens e códigos, mas como agora está chegando o Enem, todo o material que é necessário fazemos publicações sobre todas as matérias como: matemática e física. A matéria que vemos aqui na escola e que poderá ajudar o aluno postamos no blog também(TM, 17).

Com postagens semanais de conteúdos diversificados em todas as áreas do ensino relacionadas ao exame nacional do ensino médio o blog permite mais oportunidades aos jovens do distrito ao ter acesso a novos conhecimentos e/ou aprofundá-los, tendo assim uma preparação mais adequada para processos seletivos que desejem participar.

Os materiais disponibilizados nessa mídia privilegiam a área de linguagens e códigos, que são trabalhados com profundidade. Os assuntos relacionados à literatura trazem uma idéia geral de muitas obras importantes para a literatura brasileira, através de resumos das obras. Outro aspecto trabalhado com viés nessa área do conhecimento são os trabalhos com a poesia, com a interpretação dos alunos através de áudios e vídeos.

Os temas relacionados a escritas e à gramática são abordados de duas maneiras distintas pelos jovens blogueiros: ora de forma técnica, com a utilização de panfletos trazendo o emprego correto e os eventuais erros na escrita, ora através da utilização de tirinhas abordando a temática de forma engraçada.

A produção textual ganha destaque espacial nas postagens para tratar o assunto essencial em todas as seleções voltadas para o nível superior, são utilizados vídeos aulas de como desenvolver uma boa redação. Esse material já estavam disponíveis em outra plataforma de vídeos em rede.

Em algumas aulas relacionadas à história também são utilizados filmes de grandes eventos mundiais. Apesar das outras áreas do conhecimento os conteúdos são abordados de forma mais técnica através listagem que indica os temas que mais são abordados nas avaliações e como são tratados nelas.

O modelo de educação desenvolvido pelo blog dos jovens da serra tem elementos que tratam da educação formal como os conteúdos oriundos do ensino regular. Ele também é representante da educação não formal por desenvolver conhecimentos e aprendizados através das trocas de experiências entre a juventude.

5.2 Os jovens dos Bastiões e seu olhar através da referência teatral

A vida humana está intrinsecamente ligada à educação, pois essa visa à evolução da pessoa transformando-a em sujeitos mais humanos. O saber acaba fluindo pelo ato de conviver e assim estamos cotidianamente em contato com o

processo de ensino e aprendizagem, sendo educados e educando, simultaneamente, e participando na construção do conhecimento.

Por essa razão, entendo que o processo educativo visa à cidadania, a produção cultural, por isso deve respeitar a liberdade e as particularidades de cada pessoa, de cada povo.

Para os jovens atores a atividade é essencial para a formação pessoal, pois contribui para a construção de um ciclo de amizades entre os que participam, além disso, o teatro serve como meio para perder o medo de se expor ao público. Na fala do entrevistado abaixo observamos os efeitos das produções culturais na sua vida.

Sim, como eu falei anteriormente, influenciou muito no meu desenvolvimento pessoal, eu acho que hoje em dia, eu tenho muito mais amizades do que eu tinha naquele tempo, porque o teatro influencia nisso todo mundo quer falar com você, e é uma coisa que eu gosto de fazer. (GF, 25).

A produção cultural desenvolvida pelos jovens moradores dos Bastiões, se expressa de diversas maneiras, porém, a que mais nos chama a atenção é o teatro desenvolvido totalmente pela juventude. Cinco dos sete primeiros entrevistados relatam o encantamento por essa forma de arte que na comunidade pode ser vista de duas formas: o teatro na escola com as crianças, e o realizado pelo grupo de jovens na Praça dos Bastiões.

O teatro na comunidade surge em 2010 por iniciativa dos jovens. Inicialmente juntaram-se cinco jovens em seguida esses chamaram os amigos. Toda a produção das peças desde a idéia inicial, à escrita do texto e às apresentações é feita por eles.

A base da inspiração para a produção das peças teatrais são os elementos culturais da própria comunidade, pois, segundo os entrevistados todas as histórias criadas e interpretadas por eles, têm relação com vários elementos culturais dos Bastiões. na fala do entrevistado percebemos os detalhes da criação dos textos:

Pegava uma velha engraçada que guardava coisa, que sofria, dizia coisa engraçada. O ultimo que nós fez, por exemplo, foi o testamento de um velho que morreu e deixou todas as coisas pra uma jumentinha lá. E aí a gente usava aquelas expressões que a gente achava engraçado que os antigos usavam, por exemplo: anta, cangaia, tira de couro, ancureta. Aquelas coisas bem de antigo (GF, 25).

Para pesquisar os assuntos a serem trabalhados nos eventos os jovens que desenvolvem esse trabalho cultural, aproximam-se dos idosos, sentam-se nas calçadas da igreja, onde os idosos, especialmente homens, gostam de conversar. As senhoras idosas normalmente realizam conversas nas varandas de casa,

enquanto tomam o café da tarde e fazem o artesanato comumente chamado na comunidade de “tela”, como relata o interlocutor: *“Eu me sento na calçada da igreja ali, e lá tem três “véi”, e eu lá começo a conversar mais eles, pra tentar resgatar o máximo”.* (CS, 23).

Como percebemos na fala do entrevistado acima, nessas conversas acontece o resgate da memória da comunidade, pois os jovens buscam os marcadores da oralidade muitas vezes esquecida pelos elementos modernos e que são recolocados nas falas dos atores. Talvez por esse resgate da memória e identidade da comunidade é que o teatro nos Bastiões se tornou uma das manifestações culturais realizadas pela juventude que tenha o maior número de admiradores de todas as idades, visto que, as peças teatrais organizadas pelos jovens são para os moradores de todas as idades a sua identidade coletiva.

Outro fator que chama a atenção e aproxima os moradores das peças é que nos seus textos não são usados palavras ou gestos obscenos, segundo os entrevistados, isso é uma forma de respeitar o público, principalmente as crianças e os idosos. Sobre os cuidados na produção das peças o entrevistado relata:

Na verdade a gente se preocupava muito de fazer um texto que agradasse os mais velhos, as crianças, e que não deixasse ninguém com aquela cara, não isso é uma coisa feia falar no meio das crianças. E a gente consegue fazer um texto engraçado que agradasse tanto as crianças quanto.(BN, 23).

As peças teatrais desenvolvidas pelos jovens moradores da comunidade são de fato elemento importante para a educação não formal da localidade, pois além de reavivar as raízes culturais através da manutenção da linguagem ancestral, esta também se preocupa com a formação social e traz nos trabalhos aspetos que ajudam a orientam a população em diversos fatores, como observamos no relato abaixo.

Pra gente também trabalhar o social. A gente trabalhou com questão desde a gravidez, o alcoolismo. Trabalho Infantil. O modo dos jovens se comportar na época, as festinhas, o jovem ia e bebia muito e saía tal. Tinha todas essas situação. (CS, 23).

O teatro escolar também é organizado por um dos entrevistados que é monitor do “Programa Mais Educação”, do Governo Federal, e trabalha com artes e jogos na escola. As peças elaboradas para as crianças são realizadas em sua maioria em datas comemorativas, como o Natal e a Semana Santa.

Não poderíamos deixar de falar da forma de linguagem ao qual a comunidade que integra o teatro incorporou nos seus costumes. É peculiar na expressão os

gestos, a fala, adereços e trejeitos característicos da comunidade remanescente de quilombo. Na maioria das vezes as apresentações acontecem há praça e na escola. Sobre as buscas e resgate da memória cultural local o jovem diz:

Eu me lembro... que a última que a gente criou sentou nós três aqui e vai como é que se fala isso aqui. Hoje em dia... Meu avô falava isso aqui "Bora pa diante", era uma expressão assim " bora pai diante" Hoje não fala mais isso, nós três ficava tentando lembrar como era que os antigos falavam, pra gente jogar na peça.(GF, 25).

Essa expressão artística tem caráter de animação e sugere aos artistas a relação somente entre eles não interagindo com a comunidade. Entendemos que se trata de um estágio primário que caminha para a relação de interação com o público, pois o mesmo já presente como teatro de rua que de certa exige a interação com o público a medida que o público participa. O teatro praticado na comunidade tem relação com a história da mesma, daí mais uma importante observação que foco da peça é a interação com público, mesmo que de forma indireta.

As peças tomam corpo de expressão através dos artistas que busca no dia-dia dos ensaios e apresentações incorporar gestos e adereços para dar mais significados e sentidos ao trabalho. Por este viés percebemos que se desenvolvem neste a linguagem, mas também a criatividade. Não estamos falando do teatro acadêmico, mas da vontade e cultura de linguagem popular na representação artística.

O teatro tem um papel importante como integrador da sociedade, pois o mesmo une pessoas e desenvolve no artista a capacidade de relacionamento e expressão, bem como a capacidade de analisar para poder expressar. Temos como já dito antes, uma forma de linguagem informal que desinibe e tira os medos. Diante destas características encontramos a presença da oralidade que é o meio pelo qual se mantém a tradição, através das histórias contadas na comunidade.

A capacidade tão importante quanto o raciocínio lógico em um ser humano é a subjetividade que potencialmente pode ser desenvolvida no teatro. Por meio desta, perdemos os medos e descobrimos a importância de vencer os desafios e sutilmente desinibimos por que deixamos nossos fantasmas para trás.

Essa representação artística é parte da organização social local de interação e desenvolvimento para o jovem e adulto. E a forma de acesso para todos não é só cultura e tradição, mas o meio de superação das dificuldades e medos que o

quilombola tem em relação o estereótipo e com a discriminação social. Como dito antes, perde-se os medos.

Analisando as apresentações percebemos que os artistas dessa atividade praticada na comunidade remanescente de quilombo Bastiões transformam o trágico em cômico e dessa forma as apresentações se tornam leves. As mesmas. Porém, podem causar impactos e reflexões sociais, pois não teríamos um teatro jovem se não houvesse o criticismo como forma de jogar para fora os impasses e as dificuldades encontradas por eles na sua relação com o cotidiano.

Essa atividade permite ao jovem ser conhecido dentro da sociedade, não somente de forma cultural, mas também com identidade social. Este processo permite a renovação dos valores na comunidade, pois o olhar da sociedade sobre a juventude e o deles sobre o meio permite a interação e discussão nos assuntos pertinentes. Assim, o teatro é uma forma oral com linguagem de corpo e fala e o mesmo permite através da subjetividade ser parte de formação jovem.

A prática teatral desenvolve, por meio da oralidade, a capacidade individual de memorização visto que nos tempos atuais o aluno não tem o desenvolvimento dessa habilidade dentro das escolas por conta das informações estarem à disposição na Internet. Nesse sentido as atividades desenvolvidas pelo grupo de atores contribuem com a educação escolar auxiliando os estudantes na aquisição dos conhecimentos.

O teatro na comunidade fortalece a questão da coletividade e permite a interação coletiva e cosmovisionaria do praticante. Nessa relação surge a capacidade não somente de memória, mas de interpretar para poder expressar o que está internalizado. Desse modo o teatro oferece aos seus participantes o desenvolvimento da memória e ao mesmo tempo a capacidade de criação a partir das informações iniciais.

Essas características agregam valores diferenciais à comunidade quilombola, pois passa a traduzir todo o conhecimento adquirido externamente e introduzi-lo nas práticas coletivas, dentre elas o teatro, de forma que aproxime esses novos hábitos para a cultura local. O jovem ao absorver os conhecimentos externos busca adaptá-los a sua cultura e não o substitui por sua cultura.

A cultura local é bastante valorizada na expressão teatral, as peças são construídas de forma adaptativa em virtudes dos elementos culturais locais. O teatro

local é uma forma não somente de atribuir valores à comunidade, mas uma estrutura não formal de educação que ensina o jovem a assimilar e interpretar fatos para poderem expressar e memorizar textos.

A forma pela qual a linguagem informal está presente entre os jovens desse grupo está no convívio diário onde a relação com o passado, a cultura local e os valores ancestrais instituem a estrutura da mesma e mostra como é importante a sua valorização junto à educação formal. A juventude dessa comunidade assume nesse papel não só a função de artista, mas também de ativista, pois possibilita à comunidade pensar criticamente sobre os seus problemas sociais, afim de encontrar soluções para solucioná-los.

Temas como gravidez na adolescência e trabalho infantil detalham a importância dessa forma de expressão e os inserem como ativistas e críticos quanto às questões sociais. Em uma comunidade com valores de coletividade, como a dos Bastiões, é muito importante o papel do jovem ativista, pois de forma direta ou indireta acaba por favorecer a conscientização da comunidade com os seus problemas locais.

Existe um cuidado do grupo com a cultura da fala de forma que não seja promíscua ou de maneira que seja entendida e apreciada por todos, partindo do princípio de como os mais velhos e os mais novos podem interpretar o conteúdo e a expressão. Essa preocupação do grupo teatral não pode ser interpretada como puritanismo, e sim com o pensamento de engajamento que é a marca da coletividade em função da harmonia local.

O ativismo é uma característica diferenciada dos jovens da Comunidade Bastiões. Essa é a maneira que em meio a tantas dificuldades se fez necessária e se ressalva através da coletividade. É extremamente importante para a comunidade o ativismo, visto que esse se tornou distrito e dessa maneira e as lutas sociais dependem do empenho coletivo dos mesmos.

A criticidade do teatro foca nas necessidades e expõe nas peças o interesse de mudar o modo de vida, sem perder os valores da cultura de onde os princípios da coletividade se tornou a estrutura local. O pensamento do jovem é idealizador, tem sede de mudança e esta é a mola propulsora da expressão artística.

5.3 A cultura do passinho e sua versão nos Bastiões

A chegada das mídias digitais na comunidade Bastiões proporcionou transformações comportamentais. Essas mudanças são referentes especialmente aos jovens moradores e são repassadas à comunidade através das linguagens de rede, internalizadas por eles. Na fala do jovem percebemos as modificações ocorridas no seu modo de vida com a chegada da Internet:

Bem, logo no início eu não fazia quase nada, eu só estudava mesmo. Ai, depois com acesso à internet que foi uma coisa que eu passei à acessar bem depois, então eu vi essas atividades e comecei à praticar. Formamos uma equipe, e tal... (MM, 23)

Não é de hoje que se sabe que as mídias digitais dispõem de uma linguagem própria que agrega elemento que poderão ser compreendidos pelos adeptos desse sistema. Os elementos que a compõem, porém, são divididos entre os de uso comum a todos os que acessam a Internet como grupos de bate papos e as dos subgrupos existentes na rede, por exemplo, os canais de jogos online que se expressão de forma específica.

Dentro do grande sistema de redes de Internet se observa uma grande diversidade de grupos, cada um deles com uma linguagem específica, de maneira que independente e se conhecer o sistema gerais da internet, para entendê-los faz-se necessário ser parte deles. As informações que vêm através da internet permitem a interação com outras culturas.

Os aspectos que irão influenciar a formação dos jovens estão contidos também nas culturas diversas. Apresento como forma expressiva o Free Step (Passos Livres) que através do advento da internet passou a incorporar várias culturas e como os jovens do distrito Bastões.

Nesse aspecto de interação entre os jovens remanescente do quilombo com o Free Step, permitiu-se que eles pudessem mostrar a diversificação de culturas que podem ser assimiladas e se traduzirem na cultura regional, sem influenciar a tradução em outras formas que denigrem a cultura coletiva.

O Free Step foi muito bem assimilado pelo jovem da comunidade e permitiu inovações, pois se trata de uma expressão livre através da dança. Desta forma podemos dizer que não é moda do momento e sim mais forma de expressão cultural.

Percebe-se que a formação do jovem se tornou mais diversificada e também mais acolhedora de novas culturas. Importante ressaltar que as manifestações culturais locais ganham um aspecto de renovação sem perder os seus valores, sem se traduzir.

Qualquer tipo de novidade e interação desperta a atenção da juventude, que em período do desenvolvimento pessoal quer sempre experimentar novas relações, ou seja, comunicar-se. Uma vez que essa forma de expressão permite ser uma forma de linguagem. A característica do jovem serrano é de cultura interdisciplinar, pois o mesmo consegue se relacionar com diversas informações e deduzir através delas o seu significado, aprendizado e entendimento.

A capacidade inter-relacional do jovem é diversa e ainda pouco aproveitada dentro do ensino formal. A cada dia esta capacidade toma força dentro da educação informal e institui uma infinidade de possibilidades para estes sujeitos. A juventude serrana vive esse momento a todo tempo com mais intensidade e capacidade maior de interrelacionar, pois a mesma já traz esta capacidade da cultura oral da ancestralidade local.

Posso dizer que a cultura da ancestralidade na comunidade tem se mostrado presente em todos os aspectos sociais e coletivos, de forma que o jovem desenvolve os seus conhecimentos sempre partilhando e absorvendo através de trocas os aprendizados e informações. O que queremos dizer com isto é que essa juventude vive as histórias locais, pois as mesmas são memórias vivas.

As memórias vivas são a forma de acesso aos conhecimentos ancestrais e culturais e permite o desenvolvimento auto-relacional e assimilativo com uma característica peculiar que busca induzir o jovem a ser participativo no sentido não somente de fazer história, mas manter a cultura social viva.

A dança sempre foi uma prática cultural relacionada ao lazer na comunidade Bastiões, variações e ritmos foram incorporados à vida cotidiana, mesmo tendo o forró como principal estilo. Isto cria nos jovens as expectativas por inovar e o cuidado por manter a tradição. Pode-se observar um jovem numa festa de forró (mesmo que apenas para interagir) e praticar Free Step sem sentir mal por isto.

É dessa forma que ficou perceptível que os jovens da comunidade têm o perfil inovador capaz de interagir e adaptar outras culturas às tradições locais. Os mesmos demonstram capacidade de se relacionar com a cultura externa a

comunidade fazendo delas importantes para a melhorias na forma de vida cotidiana, além disso estão bem envolvidos com as manifestações culturais do distrito.

Ao mesmo tempo em que se observou a diversidade de talentos e uma imensa capacidade de criação e transformação social, percebeu-se a invisibilidade dos mesmos frente ao Estado em virtude das limitadas oportunidades de trabalho e estudo que lhes permitam realizar-se profissionalmente e permanecer na comunidade. Dessa forma a falta de apoio e incentivo limita suas ações a poucas condições do momento.

A vontade de representar está no jovem praticante do Free Step na comunidade, esses aprimoram sua técnica cotidianamente gravando e compartilhando nas mídias digitais tendo visualizações de simpatizantes de várias regiões do Brasil.

O processo de divulgação tem uma enorme importância em relação não somente ao que os alunos são capazes de fazer ou criar, mas também é uma forma de trocar linguagem através da rede internet. Essas trocas dentro da rede através da dança nos remetem à capacidade interrelacional que passa a ser externalizada sem se subjugação diante de outras culturas. Observa-se através dessa ação que a prática e capacidade de otimização dentro da sua cultura permite o jovem se integrar através da Internet globalmente, buscando vencer o preconceito e as diferenças.

Na fala do MM acima, percebe-se a transformação na sua vida social dentro da comunidade, que sai da morosidade de quem não sabia e/ou não tinha o que fazer para se divertir e construir sua cultura, para a euforia das várias descobertas e aproximação de um mundo novo que complementa o seu já existente.

Assim como na Internet onde as informações se propagam de pessoa para pessoa até chegar ao maior número delas, as novidades descobertas pelos jovens na rede também saíram dela para ser apresentada à comunidade que nunca havia apreciado algo parecido.

Ainda na infância, aos 12 para 13 anos de idade esse grupo que hoje é de jovens moradores, apresenta à comunidade novos elementos culturais. O primeiro deles, o Free Step, popularmente chamado de passinho, estilo de dança que se caracteriza por exigir dos seus adeptos uma boa elasticidade no corpo, além de muita velocidade nos movimento que não são convencionais. Muito dessa aproximação com esse elemento cultural é narrado pelo interlocutor: *“Eu cheguei até o Free Step por meio da internet, várias pessoas compartilharam nas redes sociais .*

Ai, eu vi, e gostei da dança, falei que queria aprender, comecei a treinar, fui incentivando os outros a aprenderem a dança.” (MM, 23).

O grupo, que é composto por no máximo seis integrantes, todos jovens, do sexo masculino, desenvolve suas atividades de ensaios nas ruas, nas calçadas das casas ou da Igreja Católica ou nas residências dos participantes. O objetivo é claramente se divertirem enquanto aprimoram a técnica. Nessa modalidade de dança quem consegue realizar a sequência de movimentos corporais escolhida de forma mais rápida é considerado o mais habilidoso.

O aparecimento dessa modalidade de dança, nunca vista antes nessa comunidade do interior do ceará, causou o estranhamento entre os moradores, gerando muitos comentários desagradáveis direcionados aos participantes e esses julgamentos terminaram por afastar alguns integrantes das atividades.

No que diz respeito aos motivos que os levaram a escolher esse estilo de dança, dentre tantos outros disponíveis na rede, destacam-se a amizade tendo como o objetivo principal, manter juntos, os amigos que praticam e os que os prestigiam.

Uma coisa que me encantou muito no Free Step, foi o fato da amizade. Por conta da dança eu fiz muitos amigos no Free Step tem muito isso, se você dança, e eu não lhe conheço se você dança e eu danço, por exemplo, se eu danço e só o fato de você ver, nos tornamos amigos só por causa da dança. E, aí foi por conta mais disso, da amizade e de adquirir mais amigos por conta da dança, foi por isso, que eu comecei á a dançar o FREE STEP. (MM,23).

Percebe-se na fala do entrevistado que o prazer de pertencer e ser útil ao grupo, especialmente por causa da amizade é o que impulsiona sua relação cultural com a dança e a música. O conjunto formado por admiradores e praticantes é que os permite-os não superar às críticas externas a ele.

Damasceno (2013) destaca em sua pesquisa que o valor da amizade, muito presente entre os grupos juvenis, é parte primordial para qualquer processo educativo, pois é através dela que a juventude desenvolve trocas que produzem aprendizado e/ou aquisição do conhecimento mútuo.

No contexto social que envolve os jovens na comunidade, foi a partir das trocas que se permitiram conhecer e construir suas atividades culturais, mas do que isso no que diz respeito ao processo educativo e considerando a educação não formal, o grupo como um todo, aprende a relacionar-se com a visão negativa da sociedade contra si superando-a e fazendo com que sua prática resista apesar das pressões contra.

Considerando que a dança e a música estão intrinsecamente ligadas, o grupo adepto do Free step também internalizou toda a linguagem que envolve essa atividade, a forma de se vestir, de se comportar e as escolhas musicais, junto com o estilo musical.

Importante ressaltar que dentro de toda essa construção da linguagem cultural da juventude serrana, a identidade quilombola, construída através da ancestralidade, permanece firme entre eles, dentre os tantos outros códigos de linguagem pertencente ao seu já relatado mundo cultural, sempre surge, por exemplo, um “mais véi”, expressão característica da comunidade.

Outra atividade cultural desenvolvida pelo grupo e aliada ao passinho é a prática do skate, também fruto da inclusão digital dos jovens serranos, essa modalidade esportiva chamou a atenção de seus adeptos a partir de vídeos assistidos através da plataforma Youtube. O entrevistado narra como se aproximou desse estilo de dança.

Antes, eu assistia uns vídeos no Youtube de uns caras andando no skate, fazendo umas manobras e tal, ai eu comecei à andar, e os meus skates tudo parado em um lugar deixava mais para os meninos brincarem. Ai, quando eu vi os vídeos na internet, de uns caras fazendo manobras e essas coisas, eu comecei a praticar, treinar e aprender. Aprendi um pouco, como era eu sozinho tinha um pouco de vergonha de sair na rua com o skate, e de andar sozinho. Então o que foi que eu fiz, comprei outro skate, eu tinha três skates, ai, chamei os meus amigos para irem andar comigo. (MM, 23).

Com inspiração da sociedade externa a inclusão dessa modalidade esportiva também causou um estranhamento nos moradores. Por ser considerado esporte radical os praticantes foram muitas vezes apontados como loucos e inconseqüentes, dado o risco de acidente. O esporte é praticado nas ruas centrais do distrito, mas principalmente nas ladeiras que liga a comunidade ao Município de Iracema. Em sua fala o jovem narra a ligação entre os dois movimentos culturais que ajudaram a desenvolver na comunidade.

Sim, eram amigos que praticavam o Passinho, então chamei eles pra andarem de skate junto comigo, ai eles falaram que não sabiam, chegou lá, ficamos praticando e andando até aprender, quando a gente aprendeu, quando aprendemos, andávamos todos os dias quase todo dia íamos andar porque como aqui não tem muita coisa pra fazer, íamos andar todos os dias. Depois, eu comprei um skate profissional o meu amigo e mais três pessoas compraram também. Gravamos uns vídeos e postamos na internet, tiveram bastantes visualizações, e, até agora continuamos andando. Agora, eu comprei um bem maior que é o LONGBOARDS porque ele é próprio para descer ladeira já que aqui não têm muitos espaços e nenhuma quadra de esportes para você andar de skate, o LONG, é próprio pra ladeira (MM, 23).

O cenário único, com a vista de uma paisagem verde por todos os lados, ajudam a traduzir essa atividade para a versão dos Bastiões. O grupo de jovens composto por mulheres e homens (maioria), desce a ladeira até certo de moto ou de skate. Como só dispõem de três equipamentos, enquanto uns praticam, outros dançam o passinho e gravam as duas atividades para colocar na Internet.

Esse grupo de jovens se apóia no tripé, skate, passinho e Youtube. Os três elementos parecem ser parte essencial de suas vidas sociais, é o que motiva e lhes permite ser parte importante de um grupo, contribuindo para a formação pessoal dos mesmos. É através desse do último elemento que as duas outras atividades são divulgadas na rede.

Como observado no relato acima, toda a linguagem do grupo é compartilhada na rede, além das duas atividades já descritas eles também produzem vídeos para o canal que têm nessa plataforma, o “hora da zuera”, que é utilizado como forma de humor. Nele um dos membros dos grupos já relatados com a ajuda de amigos, parecem brincar com os internautas, contando fatos do cotidiano e respondendo perguntas de modo engraçado.

Desse modo percebemos que a sociedade contemporânea pode ser caracterizada como a sociedade do consumo exagerado, da tecnologia e da informação. Todas as atividades parecem estar relacionadas a elementos tecnológicos cada vez mais avançados, porém facilmente substituídos, pois tudo parece ser descartável, desde objetos dispensáveis de consumo até as descobertas científicas. A transformação vista dentro dessa sociedade faz com que seus sujeitos busquem estarem se adaptando às suas novas exigências para se sentirem incluídos nela. Tudo dentro dessa vida social é padronizado e até mesmo essa padronização é rapidamente substituível.

Dentro desse contexto de rápidas mudanças os indivíduos buscam se encaixar em “moldes” socialmente determinados, como se todas as pessoas do mundo vestissem o mesmo número de roupa, por exemplo, ou tivessem a mesma altura. A busca por estar dentro desse padrão ressalta também a necessidade de pertencer ao grupo, de ser aceito, de estar inclusa. Essa procura pelo consumo pode ser traduzida como a busca pela realização, pela satisfação e pela felicidade, essa tão volátil quanto o mercado que a abastece. Percebe-se que o consumismo vai servir como preenchimento momentâneo do indivíduo que passa com a mesma velocidade com que aquele bem de consumo passará. É a partir dessa cultura

padronizada que se solidificam as diferenças e o estranhamento aos que fogem do grupo padrão.

Nessa perspectiva, o preconceito racial, existente em todas as esferas sociais, sofre influência direta dos meios de comunicação. Na atualidade, a imprensa normalmente formula os conceitos e, muitas vezes, as ações que a sociedade realiza. Desse modo, os veículos de comunicação brasileiros contribuem para a perpetuação do preconceito, entre os brancos, utilizando argumentos e representações que desvalorizam a cultura negra no país, ao colocarem os negros em funções sociais tidas como inferiores. Os próprios negros também negam sua cultura, por não se reconhecerem nesse lugar de inferioridade. Ao fragmentar a identidade negra os agentes discriminados pertencentes a ela precisaram se refugiar para uma identidade simbólica e ambígua, com a intenção de aproximar-se dos agentes considerados superiores pelas estruturas de poder dominante da sociedade brasileira (MOURA, 1994).

Nos programas transmitidos nas redes de televisão a figura do negro é quase sempre representada de forma desvinculada da cultura dele. Personagens negros em novelas e em seriados, por muitas vezes, são constituídos com características que fogem à origem africana: traços como nariz arredondado e cabelo crespo não aparecem com frequência nos programas televisivos. Para Sodré (1999) a grande mídia desempenha papel central na consolidação do racismo, atingindo uma grande parcela da população brasileira, ela funciona como agente de reprodução dos pensamentos elitistas.

Por outro lado, a comunicação oral é uma das manifestações da identidade coletiva, pois ela não só influencia a formação dos indivíduos e ajuda a contar, a repassar e a valorizar a história e cultura de uma sociedade, também insere o ser nos costumes e hábitos ancestrais.

Através do reconhecimento da identidade coletiva o indivíduo identifica sua posição histórica e social, desenvolvendo uma valorização maior em relação à sua cultura. Essa valorização propicia a aceitação e o entendimento de sua autoimagem, ou seja, no momento em que o sujeito compreende o significado histórico-social das características em que está inserido, mais facilmente poderá se compreender e se valorizar.

Desse modo, a inclusão digital vista na Comunidade Bastiões tem agido de forma a dar suporte aos moradores, em especial à juventude, pois é através dela

que os jovens desenvolvem meios para superar problemas da estrutura social do lugar. Dentre eles, a apropriação de novos conhecimentos, desenvolvimento e divulgação de atividades culturais.

6 CONFLITOS, INGERÊNCIA E FORMAÇÃO JUVENIL NA COMUNIDADE BASTIÕES

Senti sim, um constrangimento... vou falar bem claro porque eu estou no meu direito, e, eu não cedo ele pra ninguém. Algumas pessoas criticavam porque eu estava fazendo essa pesquisa e diziam que...Essa "bomba" que 'estourou foi ano de 2007, e minha pesquisa começou em 2010, e o povo falava que eu estava querendo reacender "essa bomba", querendo resgatar aquela tragédia do passado, querendo trazer o pessoal para ativar esse processo histórico do passado. Porque todo mundo achava que o reconhecimento quilombola estava arquivado, mas não estava. (AAM, 20).

Nos períodos que antecederam o reconhecimento da Comunidade Bastiões como remanescente de quilombos, já observávamos nos relatos dos mais velhos a história da comunidade intrinsecamente ligada à ancestralidade negra, apesar de não se fazer referência à reminiscência de quilombos. Por vezes era utilizada a palavra “cativo” em substituição. Seus descendentes e os emigrantes também residentes locais conviviam há mais de quarenta anos, as rixas ou intrigas que havia eram por motivos cotidianos, especialmente a apropriação das terras, resolvidos pelos próprios moradores.

Para Bezerra (1999) os conflitos nas relações entre brancos e negros na Comunidade Bastiões se dão principalmente pelos primeiros, apesar de serem emigrantes, deterem o controle da maior parte das terras e conseqüentemente político.

No ano de 2007 a comunidade Bastiões recebeu a visita de representantes do INCRA (Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária), assim como, da Fundação Palmares, para tratar do reconhecimento da comunidade como remanescente quilombola.

Foi através desses dois órgãos supracitados que o governo influenciou diretamente no convívio social do distrito, em virtude da constatação da ancestralidade e presença negra nesse território. Os mesmos através de pesquisa antropológica, segundo seus representantes, coletaram dados a fim de haver a validação de uma comunidade remanescente de quilombos, os Bastiões.

A presença dessas instituições na localidade modificou as relações e a convivência entre os moradores em virtude do seu papel e significado social. Observa-se que muito desse estranhamento ocorreu pelo desconhecimento dos residentes sobre o procedimento em discussão e o significado desse acontecimento em suas vidas.

Segundo moradores as instituições governamentais que regulamentam as questões relacionadas aos quilombolas, criaram um ambiente de desconfiança e conflito na serra dos Bastiões, por deixar faltar informação dos residentes da comunidade que, além de desconhecerem a função social e burocrática das mesmas, não sabiam o que esse reconhecimento acarretaria para a sua vida social. O jovem residente relata sua percepção sobre os motivos que levaram ao conflito social.

Porque eu acho... na minha opinião, à falta de informação deixa a gente muita gente cega. Esse processo de reconhecimento foi feito as escondidas, sem o conhecimento da comunidade, quando eles souberam, desse processo de reconhecimento como comunidade quilombola, foi um choque porque ninguém esperava. (AAM, 20).

Essa desinformação acarretou na comunidade um grande impasse sobre as consequências desse reconhecimento. Os moradores passaram a imaginar que os resultados dessa titulação seriam negativos. Conseqüentemente por parte de algumas pessoas, houve discordância do público que não procurou o esclarecimento. Essa divergência teve grande repercussão entre os moradores locais, contribuindo para o surgimento de rixas e ameaças de morte entre eles.

Segundo Bezerra (2012), surgiram muitos boatos na Comunidade Bastiões em que se dizia principalmente que os negros iriam dominar os brancos. Os rumores surgiram após a reunião dos agentes governamentais na igreja local e o que desencadeou foi o desinteresse dos moradores que não se reconhecem enquanto remanescente.

A questão social sempre foi relevante para a comunidade, visto que se fazia necessário o esclarecimento. Buscou-se fazer uma reunião na única igreja católica da comunidade. Nesse encontro dos representantes governamentais com a sociedade local surgiram as maiores lacunas acerca do reconhecimento e duas ganham destaque na fala dos moradores, que relataremos a baixo.

Segundo relatos, na reunião se criou um clima de incertezas aos residentes. Os representantes governamentais chegaram à comunidade com o resultado da análise antropológica pronta e explicaram aos moradores o que aconteceriam a partir daquele momento. Com a grande insatisfação local e o pouco entendimento do que seria esse processo, surge a negação do nome quilombola, como observamos na fala de um dos entrevistados.

As pessoas relacionavam a palavra Remanescente com o significado da palavra encontrado no Dicionário Aurélio que significa: "Resto de quilombo". As pessoas

não queriam essa denominação quilombola, por esta associada com o significado de , "Resto".(AAM, 20).

Para resolver o transtorno gerado pela negação e o medo referente ao que poderia vir acontecer, o representante da fundação Palmares pergunta se dentre os que estavam presentes havia alguém que se autorreconhecesse quilombola.

A indagação feita pelo representante governamental no momento de tensão, usada como meio para resolvê-la e a autodeclaração como remanescente dada como resposta de poucos moradores que tiveram coragem de se reconhecer naquele momento, despertaram muitas questionamentos sobre o processo, entre eles um em especial é frequentemente levantado ainda nos dias de hoje pelos residentes que não se reconhecem. Como observamos no posicionamento do jovem: *"Pô" se ninguém tivesse falado acabava?"(CS, 23 anos)*

A fala do interlocutor exemplifica bem o sentimento e as dúvidas de uma parcela da comunidade que, como já dissemos, não conhecia o e /ou não conhece processo, por essa razão, desconhece o significado desse único ou pouco autoreconhecimento remanescente naquele momento.

Por outro lado, a falta de um cuidado maior ao explicar o que seria remanescente de quilombos para quem nunca tinha ouvido essa expressão e o que isso acarretaria de fato na vida social da comunidade desenvolveu um sentimento de renúncia a tudo que está ligado a esse conceito, na época que se fez presente o governo através do INCRA e a Fundação Palmares. Sobre a relação entre o seu desconhecimento acerca do tema e sua autorelação o interlocutor diz:

Por não tomar conhecimento do que se tratava naquele momento não iria identificava-me como, remanescente de quilombola, para mim o termo(Quilombola), era um termo novo e desconhecido, não sabia o que significava e nunca havia escutado essa expressão quilombola.A primeira vez que obtive conhecimento sobre o assunto foi em 2007.(AAM, 20).

É possível deduzir através dos fatos que marcaram a comunidade quilombola que o Estado, por consequência dos desentendimentos locais, não conseguiu gerir, dar sentido ao processo e ao mesmo tempo ser elucidativo quanto à necessidade que seria pertinente para a comunidade. A fala do entrevistado exemplifica bem o que representou esse momento para a localidade. *"Eu não tenho problema algum em dizer que a gente é ou não somos quilombolas, falta alguém que me prove que os Bastiões é,quando alguém me provar, quando tiver um estudo, quando eles voltarem e voltarem com a cara limpa."(BN,21).*

Percebemos nesses acontecimentos sobre as divergências locais uma série de desencontros de opiniões e posições sociais. Estas por vez seriam de suma importância para a comunidade se fossem esclarecidas, pois as questões que criaram entraves trouxeram consequências para gerações futuras. Atualmente dentro da comunidade envolvem prejuízos para os jovens como o medo de alguns deles de se posicionarem sobre o assunto. O receio de lidar com essa situação fica claro na fala do jovem: “[...] *tenho nada pra falar sobre isso não.*”(LF, 18).

Diante da questão que marca os problemas do distrito temos a ausência do Estado. Nesse contexto, percebem-se poucas ações políticas que ocorreram dentro da comunidade para o fortalecimento da identidade cultural local, dentre elas tivemos o projeto do governo federal chamado “Patrimônio para Todos” que buscava a integração entre os jovens e os idosos, trabalhando os elementos culturais da localidade, através do que eles chamaram de “mestres da cultura”. Aproximadamente há cinco anos atrás e presente até os dias de hoje está entre nós o projeto que vem destinando de tempos em tempos à entrega de cestas básicas para as comunidades remanescentes de quilombos.

Inclusive o projeto que eu falei que veio pra cá, o Patrimônio para todos, só veio por que aqui ficou taxado como uma comunidade remanescente de Quilombo. E foi importante pra nós, até pra dar valor as coisas daqui, deveria ter outro. Por isso... pode até falar que eles tiveram benefício, mas a gente também teve, não foi só os pesquisadores (TM, 17).

Nos relatos acima se percebe a importância das ações governamentais para o autoconhecimento e valorização da cultura local, ao mesmo tempo em que a jovem reconhece a relevância dessas ações pós-reconhecimento para a comunidade ela também deixa claro que essas são descontínuas e por isso deixa lacunas.

No entanto, apesar dessas iniciativas serem conquistas sociais, isoladamente não suprem as necessidades básicas da comunidade remanescente de quilombo Bastões. Muitas outras ações são esperadas, algumas são reparadas pelos próprios residentes e não pelo governo. No relato abaixo o interlocutor especifica as maiores dificuldades vividas no território estudado.

[...] falta estrutura na saúde, na educação e no atendimento social, uma coisa que diz em quando eu fico pensando lá, a gente está vivendo uma seca eu sei que na comunidade existem vários poços artesanais, o prefeito não tem a preocupação de fazer levantamento de quantos poços existem para que a falta de água seja diminuída, não falo só do prefeito, mas da administração em geral que deveria fazer isso. A nossa escola tem o ensino médio, e em outra entrevista comentamos questão da biblioteca é boa, mas não é o suficiente para o ensino médio e o

fundamental. A questão da saúde, é paupérrima lá, acho que tem um médico pra atender quatro vezes por semana, tem um dia que é dedicado ao pessoal do circo, o horário é de oito da manhã às quatro da tarde, e só. Tem uma única ambulância pra atender uma comunidade de mil e quinhentos habitantes, sendo que a gente mora há uns cento e vinte seis quilômetros do hospital mais próximo, uma não é o suficiente. A questão social seria o amparo ao pessoal para saber do que eles precisam e do seu dever como cidadão, eu acho que falta um apoio nesses três segmentos. (GF, 25).

Analisando os fatos percebo o quanto o governo não participa do papel gestor, permitindo através da ingerência que fatos ocorram e, pior, aumentem para prejuízo daqueles que guardam o conhecimento ancestral do local bem como sua migração para fora da comunidade.

Entendo que a comunidade remanescente de quilombo deve ser preservada com seus valores que não somente são encontrados com a identidade daqueles que nasceram e herdaram o conhecimento mas também com tudo que está presente nela fazendo dela uma comunidade importante. Um exemplo seriam as casas de farinha que estão deixando de existir. Como sinaliza a lei abaixo.

O Estado garantirá a todos o pleno exercício dos direitos culturais e acesso às fontes da cultura nacional, e apoiará e incentivará a valorização e a difusão das manifestações culturais. O Estado protegerá as manifestações das culturas populares, indígenas e afrobrasileiras e das de outros grupos participantes do processo civilizatório nacional. (Brasil, 1988, Art. 215)

Desse modo, de acordo com as lei brasileiras, o fato da comunidade ser reconhecida como remanescente quilombola deveria ser assistida pelo Estado para a proteção da sua cultura, a fim de mantê-la viva através das pessoas que lá moram. Isto é responsabilidade do governo federal que reconheceu a comunidade como remanescente de quilombo, porém não foram criadas políticas de assistência para os necessitados e também para a manutenção da cultura local.

Podemos destacar algumas ações corretivas que também ganham destaque nas relações quilombolas dos jovens, mas não poderíamos deixar de apontar que o prejuízo que provocou divisões na comunidade, em virtude de não ter havido um trabalho social esclarecedor para comunidade. Gerando problemas sócias de comunicação e divisões de grupos étnicos dentro da comunidade. Ao falarmos sobre grupos étnicos devemos salientar que na comunidade existe a separação entre pessoas que não se consideram quilombolas e outros que se autodenominam do quilombo.

Percebo que as tensões raciais vistas hoje em Bastiões estão ligadas às questões que cercam o reconhecimento do mesmo como sendo remanescente de

quilombos, pois observamos nas falas dos moradores o conceito de quilombola sendo sinônimo de negros, como relata a depoente.

Que isso só aconteceu, até mesmo quem era branco e quem era negro, aqui mesmo nos Bastiões ficavam dizendo ai "fulano" é quilombola por que é negro, eu mesmo não tenho nada a ver por que sou branco. E pra gente ser remanescente de Quilombo, não precisa ter cor morena, essas coisas assim não. Só basta ta morando na comunidade. (IM,21).

Observa-se que na fala da jovem elementos importantes para entender a construção dos conflitos internos na localidade, a relação do termo com a questão da negritude é crucial para muitos moradores quilombolas ou remanescentes de quilombos são apenas os negros, logo todo o clima hostil surgiu por causa deles.

6.1 Os jovens quilombolas e as relações sociais nos dias atuais

As poucas assistências do Governo Federal não atendem à comunidade em todas as suas necessidades, nem mesmo protege seu patrimônio cultural como é de sua obrigação. O que decorre nesse aspecto vem de encontro com os jovens, pois os mesmos estão buscando meios para atenderem no mínimo suas necessidades.

Entendemos como patrimônio cultural os bens materiais e imateriais que têm referência identitária conjunta ou individual, ligada às memória dos grupos formadores da sociedade brasileira. Como, por exemplo, as diferentes formas de expressões, os modos de viver e criar e as criações artísticas e tecnológicas (BRASIL,1988).

É importante dizer que anos após essas visitas de representantes do governo, aproximadamente entre 2010 e 2011, os Bastiões começaram a receber os programas de incentivo e valorização da cultura quilombola do governo federal. Nesse período até os dias atuais, aqueles jovens que em 2007 eram bem mais novos, agora participam ativamente das ações socioculturais do distrito, com realização de atividades culturais. Entre elas temos as atuações escolares e culturais, como o teatro e as quadrilhas juninas.

Considerando as condições socioculturais em que esses grupos de jovens estavam inseridos, percebemos que eles constroem sua linha de pensamento criticamente acerca da realidade social da comunidade, conseguindo pensar como e porque se deram de alguns acontecimentos naquela comunidade. O depoimento explicita bem essa situação.

A maioria dos jovens da comunidade consome bebida alcoólica porque não existe nenhum outro tipo de lazer, e o bar torna-se esse espaço de diversão para

eles. Antes, tínhamos uma quadra de esportes que não estava em bom estado, o grêmio da escola ajudou na construção de outra... Precisamos de um espaço para à prática de futebol entre os jovens. (AAM, 20).

Nota-se que o entrevistado consegue fazer uma análise segura e detalhada da realidade em que está inserido, pois além de identificar as causas de um dos grandes problemas sociais que vem atrapalhando muitas gerações de jovens do distrito, a ponta caminhos para uma solução.

Observa-se em todas as falas, mesmo que colocadas de forma diferentes, a relação identitária dos sujeitos com o território dos Bastiões. A identidade e a íntima relação com o território e com a sua cultura não os impede de pensar essa comunidade de forma crítica.

Eu não moro aqui atualmente, mas eu "tô" aqui constantemente. Morei dois anos em São Paulo, em dois anos que eu tava lá, vim três vezes aqui, e a terceira foi definitiva, não curti São Paulo. Mas foi como ele falou... a situação obriga a gente sair, justamente a parte financeira. Eu atualmente como moro em Fortaleza trabalho lá, e venho pra cá todo feriado que eu posso venho. Pra trabalhar não é bom, mas pra você passear, você viver. A aposentadoria com certeza vai ser aqui, por que aqui é calmo demais, tendo em vista tudo que eu já vi por aí a fora, aqui é um paraíso. Espero que as coisas não cheguem aqui, e se chegar espero que sejam banidas. (GF, 25).

Analisando a fala do entrevistado, percebo claramente que o mesmo tem uma relação íntima e identitária com o território e sua cultura. No depoimento fica explícito que, mesmo tendo morado em grandes centros urbanos, a cultura desses locais não o deixava confortável, fazendo com que retornasse muitas vezes para a comunidade.

Como observamos anteriormente as relações com o território, os hábitos, os costume são parte essencial para a formação do sujeito. É essa identidade que permitirá que o sujeito torne-se efetivamente parte do meio social, sofrendo as influências de sua cultura e influenciado por ela.

É perceptível na fala dos entrevistados a ligação identitária com o território dos Bastiões. Todos concordam que aquele lugar, é parte de sua formação. Os jovens, porém, divergem quanto à relação desse território com a questão quilombola.

As questões ligadas ao reconhecimento quilombola como sempre geraram na comunidade grandes revoltas e exaltação, as entrevistas mostram isso. Se por um lado seis dos entrevistados se autodefinem e defendem que o distrito seja remanescente de quilombo, por outro lado, três deles demonstraram repudiar essa relação, um dos entrevistados preferiu não opinar. No quadro 2 exposto abaixo,

pode-se observar essa divisão social com relação ao autorreconhecimento como remanescentes de quilombos.

QUADRO 2- QUADRO DE AUTO DECLARAÇÃO

SUJEITOS	AUTODECLARA	NÃO SE AUTO DECLARA	NÃO OPINA SOBRE O ASSUNTO
GF	SIM		
T M	SIM		
M M			SIM
C S		SIM	
E A	SIM		
RM	SIM		
A AM	SIM		
IM	SIM		
LF		SIM	
B N		SIM	

Fonte: Elaboração própria.

Esse ambiente de tensão, criado quando tratamos a questão do reconhecimento, e que irrita uma parte considerável da população, se dá pela incompreensão de como seria e o que aconteceria após o reconhecimento da comunidade como quilombola. Nesse período muitas histórias foram contadas e muitas hipóteses levantadas.

Eu não me considero remanescente de quilombola, por que ninguém me provou que aqui era um quilombo e que era remanescente de quilombo. A informação que chegou aqui foi totalmente distorcida, eu vou falar pra você qual foi a informação que chegou aqui sobre o Quilombo. A informação que chegou pros moradores daqui, é que Bastiões ia virar um Quilombo. Todo esse pessoal que tem comércio ia perder os seus bens, isso ia dividir entre os negros. Aí o que aconteceu, as pessoas começaram a bater de frente, quem era a favor e que não era, houve casos aqui do pessoal falar ate em morte, que era o assunto, o assunto em todos os lugares que você chegava em Bastiões. Tava aqui era assunto Quilombola, teve gente que praticamente se "atracou" no meio da rua. Outros jurados de morte, foi isso que aconteceu nos Bastiões. (BN, 21).

Analisando a fala do entrevistado percebo a influência desses conflitos internos na sua tomada de decisão, uma vez que ele faz um relação entre não se considerar quilombola, e assim como não considera o território, remanescentes de quilombo, com a movimentação negativa que esse reconhecimento gerou.

Para ele, assim como para muitos membros da comunidade, esse assunto tornou-se sinônimo de conflito e "injustiça" e essa seria uma das razões pelas quais muitos negam a relação da comunidade à história quilombola, despertando assim o

preconceito interno contra aqueles que se definem como remanescentes de quilombo.

O preconceito externo, vindo principalmente dos moradores do município sede, Iracema, é outro ponto citado pelos jovens da comunidade para repudiarem essa identidade. Até mesmo os jovens que se definem como remanescentes e defendem essa identidade para a comunidade, relatam que se incomodam com a conotação negativa atribuída a eles e à comunidade através da palavra quilombo. O interlocutor comenta sobre o tratamento recebido por seu grupo na cidade sede. *“Nós ia jogar bola lá em baixo no Iracema se nós ganhava os caras de lá dizia, “como é que pode cês perder pros caras que jogam com côco véi”. É só preconceito e zuação direto.” (RM, 18).*

O jovem demonstra em sua fala o pesar e o constrangimento a que eram submetidos durante suas estadias fora do seu local de origem. Fica nítido nessas ações que o ambiente externo tem uma visão da comunidade e de seus residentes como sendo subdesenvolvidos e esse fato afeta diretamente na formação dos moradores do distrito.

Observo que mesmo desenvolvendo essa relação de afeição ao território percebo que ele consegue fazer uma análise crítica sobre a comunidade, quando relata que ela não dá condições para que os jovens possam permanecer de forma digna.

Dentro do espaço social de Bastiões supracitado, as relações de convivências sempre foram pacíficas entre os residentes. Os poucos desentendimentos que havia eram por motivos banais cotidianos, como acordos não cumpridos facilmente resolvidos entre os mesmos, não chegando a criar um clima de tensão generalizado.

Nesse contexto, noto com relação a construção identidade coletiva do sujeito que esta diretamente ligada a informações absorvidas do ambiente em que o sujeito está inserido, assim as diferenças de opiniões e os constantes conflitos contribuem para identidade dos jovens moradores.

Um bom exemplo da influência das divergências conflituosas de opiniões na formação da identidade do jovem se deu em uma das entrevistas. Enquanto um dos interlocutores mais tímido demonstrava está incomodado e intimidado com as discussões do grupo acerca do tema, outro mais experiente e seguro respondeu a pergunta primeiro dizendo: *“Ele tá pensando muito parecido... Tá pensando se vier alguém aqui e prove, aí beleza”. (CS, 23 anos).*

Nota-se na fala do jovem uma imposição de seu pensamento sobre um de seus pares que ainda tenta se encontrar dentro do conflito, levando-o a se colocar favorável à sua linha de raciocínio, ao mesmo tempo gerando um desconforto e constrangimento diante dos demais que seguiram brincando: *“Ele não tem nada a falar, então ele não pensa nada rsrsrsrsrs”*.(IM, 21 anos).

Faz-se necessário uma gerência de conflitos, pois dentro desse sistema social conflituoso percebo que os jovens da comunidade ao longo do tempo vem tentando manter a política de valorização da cultura mesmo sem os apoios necessário inerentes as necessidade de integração.

A coletividade social representa a manutenção cultural, pois é através dela que apesar dos grandes conflitos existentes na comunidade que os grupos de jovens se apóiam para direcionar sua formação enquanto sujeitos sociais.

6.2 A estrutura de formação da juventude local

As questões que envolvem a juventude remanescente de quilombo nos Bastiões estão atreladas aos conflitos encontrados no convívio social e as dificuldades geradas por eles. Posso dizer que esses impasses se remetem aos recursos não acessíveis e a conseqüente falta de informação mais profundas sobre a origem de seu povo. Sobre essa questão a interlocutora relata.

Fica naquele disse e num disse não, se considera quem quiser e quem não quiser não se considera e pronto, acabou. Eu acho que, se não vier papel provando que é, acho também que não virá comprovando que não é. Então, vai ser aquilo, considera quem quer. (IM, 21).

Percebo no relato acima que a ação do Estado para a orientação dos moradores foi única e aconteceu repentinamente sem que eles esperassem, ou seja após o governo criar o atrito a comunidade não teve mais informações sobre o andamento do processo. Esse fato é um dos motivos da manutenção do impasses sociais relacionados a essa temática.

Como observado anteriormente, as pressões oriundas dos conflitos e os diálogos agressivos dos discursos internos antiquilombola interferem na estrutura de formação da juventude especificamente no diz respeito ao seu pertencimento. Esse é um dos problemas que fazem alguns jovens se omitirem ou negarem suas origens quilombola. Como relata o jovem quando perguntado quanto ao seu pertencimento. *Eu não me considero remanescente. Eu vim de um canto e vim de*

outro, então só metade, metade. Minha família é de uma parte e a outra de outra. São as duas partes, é tipo café com leite. (LF, 18).

O interlocutor demonstra em sua fala incerteza e insegurança quanto ao seu pertencimento, e há contradições em seu discurso, já que relata não saber nada sobre o assunto. Com a continuidade do debate ele posicionou-se de modo agressivo, negando a relação com a reminiscência quilombola, quando questionado sobre essa inconstância no pensamento o jovem volta atrás na negação e se coloca no meio termo.

Percebo nas falas dos jovens moradores o sentimento de impotência diante das necessidades da comunidade e por isto, se remetemos à ingerência do Estado que poderiam viabilizar outras oportunidades de formação para, não somente adequar o jovem a sua sociedade, como também buscar desenvolver à cultura de subsistência. Vemos por este viés que o jovem é primordial para exercerem papel transformador da comunidade, estruturando a cultura e tradição bem como na otimização daquele que poderia migrar por falta de recursos.

A juventude serrana dos Bastiões tem encontrado dificuldades para se integrar socialmente. Percebemos nas falas dos entrevistados abaixo que o desejo de ser aceito socialmente sem estereótipos é de forma geral a primeira coisa a ser conquistada, porém tornou-se um obstáculo, frente ao preconceito interno e externo a comunidade.

Quando esse termo "chegou" para mim, veio de forma pejorativa, porque a comunidade dos Bastiões do município de Iracema sempre sofreu com a questão da discriminação, quando falavam nos Bastiões as pessoas falavam;"Sim, aquele quilombo".E tudo que vinha acontecendo na época agravou cada vez mais, o preconceito em relação a comunidade dos Bastiões.(AAM, 20).

O preconceito externo se faz racial, em virtude da cor e da região e devido o remanescente de quilombo ser considerado com baixo desenvolvimento. Este problema tem causado nos moradores da comunidade remanescente de quilombo o sintoma de negação da sua comunidade e da sua descendência negra.

É por que eu acho que existe um preconceito das pessoas de fora, por que nós somos quilombolas. Existe também um preconceito dentro da comunidade que não aceita. Por que se for taxado de uma comunidade remanescente de quilombo teve um estudo, a pessoa não vai falsificar documento. (TM, 17).

A questão que gera este impasse influencia diretamente o comportamento do jovem que passa a se negar como negro e remanescente de quilombo e ao mesmo tempo ser praticante do preconceito racial com os demais que queiram se assumir.

Na fala acima fica nítido que o preconceito interno se dá na negação da reminiscência quilombola.

Por outro lado, analisando a fala da interlocutora acima se percebe que a negação interna, como quilombola, ocorre em virtude dos preconceitos atribuídos por sujeitos externos, ou seja, fora da comunidade. A negação nesse sentido funciona como uma proteção às agressões externas.

Nessa perspectiva, os conflitos internos desenvolvidos em torno do reconhecimento da comunidade, enquanto remanescente de quilombos, ocasionam prejuízos profundos para a formação dos sujeitos sociais que sofrem com o clima hostil, a dificuldade de se expressar e as muitas divergências locais, assim como também são atingidos pelo preconceito e os estereótipos externos. O interlocutor abaixo narra um pouco de seu sentimento a esse respeito.

Ta sendo preconceito. Onde a gente chega hoje, diante das outras pessoas e do mundo, por que aonde a gente chega. Não sei se os meninas e as meninas daqui já ouviram, ei você é lá do quilombo, eu quilombola véi, vem pra cá. Eles tão zoando com a gente[...] (CS, 23).

Na perspectiva dos moradores que negam a sua descendência negra ou a relação da comunidade com o povo de mesma raça, percebemos que eles agem dessa maneira para serem aceitos pela sociedade ou mesmo para anular uma representação negativa, pois como já relatamos o termo quilombola na concepção de muitos residentes está intrinsecamente ligado a população negra e sua imagem social representada de forma negativa influência para o afastamento e negação de sua cultura.

Diante desse contexto social percebo que a superação das dificuldades encontradas na comunidade se tornou um desafio, dada a necessidade de uma organização coletiva que fortaleça o movimento interno e busque trazer o esclarecimentos frente aos problemas e impasses que encontramos.

Pensando nessa direção, as representações das instituições internas, se bem trabalhadas agem de forma a fortalecer os grupos sociais e assegurar a continuidade de suas existências, pois dão suporte para seus sujeitos conheçam seus direitos e mais do que isso busquem o cumprimento dos mesmos.

Não, eu acho que não teve benefícios! Porque as coisas que vinham, era em nome é daqui de baixo, que fica aqui em Iracema eles não derrubaram, não caiu. A que caiu, as coisas que vem, os recursos que vem, ficam lá. A gente conhece um carro que foi comprado pra lá com, o dinheiro que vinha, e sempre a gente ouvia que vinha esse dinheiro. Às vezes, o povo dizia que vinha de 100 e tantos mil reais, e pra dizer das que não vem pra cá, uma vez nós estávamos na creche, e chegou uma pessoa não sei de onde. Estava fiscalizando e perguntando das

coisas que vinham pra cá, que o povo pedia pra lá, e não tinham nada, não chegava até aqui como é que podia ter? A mulher que veio uma vez aqui vai fazer uns dois anos em outubro que, essa pessoa veio aqui. Era uma fiscal. Ela era uma mulher. Perguntou o que é aquilo dali? Nós dissemos que era uma creche, aí ela perguntou, "Cadê isso Cadê aquilo?" essas coisas que vinham através da associação. (HA, 75).

No relato acima observo que a desarticulação do movimento em favor dos remanescentes de quilombos da comunidade Bastiões que era organizado por uma associação, acarretou muitos prejuízos nos seus direitos, que segundo alguns moradores, têm sido usufruídos por elementos externos à comunidade enquanto a mesma sofre com diversos problemas.

Atualmente, na comunidade Bastiões, existem duas associações: uma representa os remanescentes e a outra os moradores de forma geral. A primeira nos primeiros anos de fundação era chamada de associação moradores quilombolas e teve suas atividades encerradas anos após o reconhecimento da comunidade, por causa de ameaças oriundas dos conflitos. Posteriormente os membros fundaram outra instituição, a associação dos afrodescendentes.

Essa última tem buscado sobreviver frente às dificuldades encontradas pela negação de alguns moradores e os conflitos sociais ainda existentes, quando por inúmeras vezes teve que ficar como se estivesse desativada. Suas ações tiveram benefícios para os que representam em especial, o fortalecimento do pertencimento e da identidade quilombola. A entrevistada abaixo narra atual situação da associação que a representa.

Associação dos Afrodescendentes. Era esse nome mesmo, afro-descente. Ainda tá vigorando porque as pessoas ainda vão lá, atrás da ficha e ainda tem só que nunca mais teve reunião porque nunca mais ninguém foi. Já tá uns dois anos isso, e nós pergunta: "Ó mulher cadê, a reunião, cadê àquela coisa que tinha?" pra àquelas pessoas que escreviam à ata, caíram fora? Ma, ela deixou parar, mas disse que qualquer coisa, ela levantava tudo, levanta à Associação. (HA, 75).

O processo de negação tem apresentado, como dissemos até aqui, dificuldade na relação de autoafirmação e fortalecimento da coletividade em função do bem comum social da comunidade e continuidade cultural da tradição. Para o jovem residente esse processo ocasionou uma série de conseqüências à formação.

Dentro dessa realidade conflituosa, observamos reações distintas da juventude serrana. Uma aparente apatia frente à situação, a negação fervorosa quanto ao reconhecimento e a busca por entender o processo e se descobrir dentro dele.

Frutos dessa relação conflituosa, dado que a maior parte de suas formações têm se dado nesse ambiente, a juventude que se enquadra nesse último grupo é um exemplo dessa relação conturbada, pois ela supera as duas outras categorias e busca entender os acontecimentos. Essa busca por novos conhecimentos e/ou pelo autoconhecimento permitiu o desenvolvimento crítico político sobre sua realidade. Dentro dessas características destacamos duas situações que bem representam esses jovens.

O pessoal chegou, mas não explicou o que era a comunidade remanescente de quilombos. Naquela época eu era contra. Eu naquele tempo era contra. Hoje com a informação que eu tenho sou a favor. Eu me considero uma pessoa remanescente de quilombo. (GF, 25).

Por um lado observo na fala do entrevistado que ele, como muitos outros moradores emersos na crise de relacionamento instalada, no início também rejeitou o título de remanescente de quilombo. É importante ressaltar, porém, que o ambiente hostil ganha contornos diferentes na vida e na formação desse jovem que diante da dificuldade busca sua própria reinvenção.

Para suprir a falta de informações e atenção do Estado, o jovem nesse caso buscou analisar os acontecimentos, compreendendo o significado e as consequências que trariam auto-afirmação, a partir dessa conscientização e do autoconhecimento de sua descendência. Ele consegue se libertar das pressões dos que são contra o reconhecimento quilombola, e mais do que isso se posiciona politicamente em favor do reconhecimento. “*O objetivo dessa associação Era conseguir que a verba destinada para nossa comunidade, viesse realmente para nossa comunidade. Os fins a razão era voltada para as famílias que se autodeclarava remanescente.*” (GF, 25).

Diante da situação GF tentou reabrir a associação quilombola, que havia sido fechada por conta dos conflitos internos de negação. Consciente da importância da instituição para o fortalecimento da coletividade que representava, buscou conhecimentos acerca desse processo. Sobre as ações realizadas no grupo o entrevistado relata:

Fiz um estatuto e uma reunião e expliquei tudo como era, as pessoas idosas que estavam lá, acharam isso desnecessário eles queriam mais ação em si do que eu explicar, esse parágrafo aqui vai tratar disso aqui, as coisas serem dessa forma. Eles não estavam muito interessados até porque, eles só queriam saber dos benefícios da participação naquela associação. (GF, 25).

Percebo na fala do entrevistado o caminho difícil na organização da coletividade remanescentes. Nesse percurso também estava a sua formação política

de líder desse grupo que teve como parte de suas funções a gerência da diversidade de interesses e a dificuldades encontradas, desde a busca pela informação à prática.

Nesse contexto percebemos que o conhecimento adquirido a partir das trocas e relações sociais, efetivamente contribuiu para que o jovem em questão assumisse, mesmo que por tempo, determinado o papel de liderar e organizar um movimento dentro da comunidade.

Dentro desse processo de formação o sujeito torna-se um ativista social e político, no sentido de movimentar e organizar uma parcela da população local para lutar por seus objetivos. Esta ação parte da preocupação do jovem sobre as questões mais urgentes da comunidade, em virtude das dificuldades encontradas. Na fala do interlocutor abaixo percebemos os caminhos de sua difícil busca pela organização de seu grupo.

Esse era da antiga associação, ela me mostrou documentos, mostrou como era o início de um processo para se criar uma associação, eu fui me interessando e nesse tempo eu fazia um curso de informática lá na cidade, eu comecei a pesquisar modelo de estatuto de associação para esse tipo de coisa. Só que, eu entendia pouco, não sabia nem fazer uma pesquisa direito, então me remeti às associações dos trabalhadores que existiam na cidade. Tinha um cara lá nos Bastiões, que tinha uma lan house, e ele tinha feito um estatuto pra esposa dele, lá em cima, na mesma comunidade e lá tinha a Associação dos trabalhadores Rurais que a mulher dele, era a presidente. E ele me explicou como era, o que precisava e explicou mais ou menos porque ele estava por dentro do assunto. Eu pedi emprestado os dois estatutos, daí, me deu uma noção do que era e das regras de um estatuto, têm os órgãos que você tem que ir cadastrar, fazer alguns documentos e passar em cartório, tem todo um protocolo. Foram dois meses eu pesquisando sobre isso e tentando fazer o estatuto, até eu chegar na vice presidente, a Luzineide, o apoio forte, era ela. Ela percebia que eu não tinha conhecimento sobre isso, mas ela tinha experiência, quando eu me "enganchava" com as palavras explicando para o pessoal, até nisso ela me dava apoio. (GF, 25).

Partindo desse princípio fica claro que o jovem remanescente aspira a idéia de coletividade, pretendendo atender a comunidade de maneira geral e especialmente os remanescentes de quilombos. Nesse contexto percebemos a importância da intervenção do Estado na elucidação das dúvidas, pois assim como o interlocutor acima, que supera a negação e torna-se ativista pelo reconhecimento quilombola da comunidade, outros jovens conseguiriam se posicionar com mais segurança sobre os assuntos relacionados a essa temática.

Outro exemplo a ser destacado na perspectiva da procura pela formação e afirmação de uma identidade quilombola é o interlocutor AAM descendente da família Assis, ramificação direta das duas fundadoras da Comunidade dos Bastiões, no início teve a dificuldade de se autoafirmar, por não saber o significado do que

estava acontecendo. Assim como o caso anterior, o mesmo buscou informações sobre a situação que se encontravam a fim de esclarecer suas dúvidas e a da família.

Bom, a minha pesquisa surgiu a partir de uma curiosidade porque quando surgiu essa notícia que a comunidade era descendente, de quilombo foi uma rebelião total na comunidade era ameaça pra cá, era ameaça pra lá, ameaça pra cá. E Já tinha gente apontando: "A casa de fulano de tal vai ser minha, aquela casa vai ser minha, e tal". Ai então, o meu primeiro propósito foi investigar a história da comunidade pra saber se realmente eram descendentes de negros. (AAM, 20).

Para o interlocutor a pesquisa foi a porta de esclarecimento e também o encontro com a importância histórica da sua família para a comunidade. Podemos observar nesta questão é que a falta de informação atingiu a uma grande parcela da população, não fazendo diferença entre as famílias descendentes da localidade ou emigrantes.

Partindo desta conscientização o jovem, ao contrário do entrevistado anterior, se tornou um pesquisador ativista, mesmo sofrendo pressões contra o seu trabalho. A interação que ele desenvolveu nas suas buscas fez dele uma pessoa com o papel importante dentro comunidade sendo assim uma referência da luta dos remanescentes.

Então no começo eu senti muita dificuldade porque à informação ninguém queria fornecer para mim, em relação a isso. Então comecei a ler, livros e pesquisar na internet. Para ter um pouco de conhecimento sobre assunto. (AAM, 20).

Na fala do entrevistado percebo que a busca pelo conhecimento de sua história e a da localidade tiveram que superar a barreira dos resquícios dos conflitos, que deixou como marca um medo insuperável de tratar o assunto. Mesmo com todas as adversidades e os diversos empecilhos provocados pelas tensões, o jovem tornou-se referência para muitos moradores.

As pesquisas do jovem foram submetidas às feiras de ciências escolares do município de Iracema e a da região do vale do Jaguaribe. Para a realização da pesquisa teve muitas dificuldades para conseguir orientação, pois até os professores tinham receio de tratar a temática. Como podemos observar no relato abaixo.

Quando eu comecei a pesquisar senti muita dificuldade em reunir informações sobre o processo inicial da comunidade porque não tive orientação de ninguém, os professores da região não tinham interesse de trabalhar o tema em que estava pesquisando. Minha professora de História resolveu apoiar-me nessa ideia, uma professora de Iracema que eu tinha afinidade resolveu ajudar nesse processo. Eu não podia apresentar o trabalho sozinho como também não poderia ficar sem o auxílio de um orientador. A professora estava orientando-me, mas ela trabalhava à noite na escola então, eu comparecia na Sede da escola no turno da tarde para ser orientado pelo, o coordenador da escola. (AAM, 20).

O medo de se expressar sobre os assuntos relacionados à reminiscência, também foi um dos grandes empecilhos da pesquisa realizada pelo jovem. Esse receio de que todas as confusões retomassem na comunidade com o trabalho fez com que muitos moradores se negassem a participar. Essas dificuldades são relatadas pelo entrevistado.

Tinham algumas pessoas que inventavam desculpas para não fornecer nenhuma informação sobre o assunto. Eu já sabia que não queriam cooperar para que o processo de pesquisa acontecesse. Os mais velhos da comunidade, não conseguiam compreender esse processo de mudança com relação as perspectivas históricas da comunidade. As pessoas tinham medo, de prejudicarem-se, medo de ameaças. (AAM, 20).

O marcante na atual situação que mais uma vez nos deparamos com um caso à parte onde com a ausente gestão do governo se destaca um jovem com conscientização de militante exercendo seu ativista uma vez que mesmo sabendo das dificuldades que encontra em uma das poucas vozes dos ancestrais desta comunidade.

Dessa maneira o reconhecimento do território é um processo documental que a principio identifica a comunidade como remanescente de quilombo e posteriormente abre caminhos para a titulação do mesmo permitindo a certificação da terra aos seus descendentes que lá habitarem.

Na perspectiva das leis brasileiras, através da Constituição Federal (BRASIL, 1988), em seu decreto 48, artigo 2º, são considerados remanescentes de quilombos os grupos étnicos raciais que se autoatribuem esse título e que tenha trajetória histórica ligada ao território, com ancestralidade negra que tenha relação com a resistência a opressão histórica.

Pensando nessa direção observo a importância dada pelos representantes do governo ao autorreconhecimento, mesmo que feito apenas por uma parcela mínima da comunidade naquele momento, ele juntamente com a historia da comunidade relatada no primeiro capítulo é que permitiram a continuação do processo de reconhecimento da localidade como sendo remanescente de quilombos.

Dessa forma, concluo que os conflitos vistos desde o ato de reconhecimento da comunidade como remanescentes de quilombos até os dias atuais causam influências na formação dos jovens moradores. Por um lado, essas ações de extrema violência despertam o medo excessivo que resultam na renúncia ao temo remanescente, por outro, a grande divergência de opiniões desperta em uma

parcela dessa juventude o desejo da busca pelo autoconhecimento histórico e a consequente militância em favor da história de resistência negra.

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pesquisa que resultou nessa dissertação teve como objetivo principal investigar como se constrói e se afirma a identidade quilombola dos jovens moradores da Comunidade Bastiões, no Ceará. Nessa perspectiva, realizamos as análises dos elementos que compõem a construção dessa identidade, principalmente o sentimento de pertencimento, com ênfase sobre os aspectos socioculturais da vida dos sujeitos.

A comunidade apresenta problemas que atingiram muitas gerações de jovens, a exemplo da falta de oportunidade em dar continuidade aos estudos ou um mercado de trabalho que consiga proporcionar melhores condições de salário e emprego aos mesmos. Essa realidade é que leva uma grande parte dos jovens descendentes a se transferirem para os grandes centros urbanos.

Em suas narrativas os interlocutores reconheceram que a necessidade de melhorar as condições de existência é, talvez, o único motivo do deslocamento para outras cidades, pois existe uma relação íntima com o local de pertencimento, mesmo que esse não venha dando a condição necessária para suas realizações pessoais.

Percebi que os jovens desejam mudar a realidade social, principalmente no aspecto que se refere à oportunidade de emprego, pois muitos ao final da formação básica escolar, saem do seu lugar em busca de emprego, de melhor acesso à saúde, de uma formação acadêmica e de mais comodidade em relação a tudo. E ainda há casos de jovens que, por terem que ajudar em casa, desistem dos estudos e ficam desestimulados, sem existir, sequer algum tipo de incentivo ou meio que os amparem em suas necessidades básicas de existência.

Essa relação carinhosa dos jovens com o seu lugar de origem fica explícita no desenvolvimento das atividades culturais realizadas por eles. O teatro é um dos grandes exemplos, pois reativa na memória dos mais velhos e apresenta aos novos residentes os elementos culturais pertencente aos Bastiões. As outras atividades não fogem a essa regra, por mais ligadas às culturas tecnológicas que estejam. A forma como são praticadas dentro do espaço da comunidade as tornam específicas daquele local. O *skate* e o *Free Step*, por exemplo, praticados no meio da ladeira, coberta pela paisagem verde da comunidade se tornam especialmente únicos.

Não diferente disso é o caso do *Blogando na Serra*, que apesar de tratar de assuntos relacionados ao ensino, torna-se peculiar pela forma como é conduzido,

pois a troca de informação dos jovens permite que o conteúdo se transforme em uma linguagem particular da juventude serrana, especialmente as postagens em que eles costumam aparecer.

A formação da identidade da juventude como remanescente de quilombos envolve elementos particulares aos sujeitos e outros pertencentes ao ambiente social. Mesmo dentro dessa divisão ainda observamos que os fatores sociais se subdividem em referências internas à comunidade e outras externas, principalmente do município vizinho.

Considerando os elementos sociais, percebi durante a pesquisa que o conflito interno de reconhecimento tem sido fator preponderante para a formação identitária dos sujeitos da pesquisa. Analisando a situação percebi que nos aspectos coletivos, internos e externos causam medo da autoaceitação como remanescentes. Internamente, existe o receio de que um novo conflito se forme.

Com relação aos elementos externos a negação dos jovens acontece pelo medo de ser excluído ou tratado com preconceito pelos moradores do Município de Iracema, que muitas vezes relacionam os remanescentes de quilombos como uma comunidade menos desenvolvida. Outro fator que percebi durante as investigações é que esse preconceito de dentro ou de fora da comunidade relacionado à questão dos remanescentes de quilombos está ligado à questão racial, pois para muitos moradores da região quilombolas é sinônimo de negros, sendo comum escutar a expressão: “um nego quilombola”.

Dessa forma, observo que a discriminação racial está incluída na sociedade brasileira há muitos anos e com as mudanças sociais ela apenas mudou suas características. Esse fato tem relação direta com as transformações no comportamento moral da sociedade brasileira desde o início de sua formação. Aos povos negros é reservado o lugar de submissão na sociedade, mudando apenas a forma como se expressam. Anteriormente, a discriminação étnica contra a pessoa negra era colocada abertamente, atualmente, com as conquistas alcançadas pelos movimentos negros no país o preconceito aparece de diversas formas, porém, de maneira velada.

Entendo que a formação da identidade da juventude remanescente de quilombos na comunidade Bastiões tem sido prejudicada pelo forte conflito ideológico, o medo da submissão ou mesmo da repressão física, que impede que muitos desses jovens se autodeclarem remanescentes.

Dessa forma, atento para a necessidade de mudança e criação de formas de mediação dos conflitos, a fim de esclarecer as lacunas ainda abertas acerca do processo de reconhecimento e fortalecimento da cultura e dos remanescentes locais, assim como o apoio governamental às condições de vida e formação da população que ainda sofre com a falta de recursos básicos como a água, o emprego e uma educação que permita aos jovens a realização profissional, sem precisar abandonar a contragosto seu local de origem.

Este trabalho teve como objetivo primordial contribuir diretamente com a Comunidade dos Bastiões em diferentes aspectos, tais como o lúdico, o cultural, o histórico e o acadêmico, dentre outros. Norteou nossa expectativa colaborar com os estudos que abordam a Lei 10639/03 no seu aspecto da formação de professores e na efetividade da aplicação do referido texto legal. Estudar os quilombos cearenses, no seu aspecto da juventude que lá reside e desenvolve atividades culturais tradicionais e tecnológicas pode abrir caminhos para diferentes avenidas na construção de um olhar e uma memória da comunidade Bastiões, bem como é mais um pilar na luta contra o racismo.

REFERÊNCIAS

ACHEBE, Chinua. **O mundo se despedaça**: romance. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

ALTUNA, P. Raul Ruiz de Asúa. **Cultura tradicional banto**. 2. ed. Luanda: secretariado Arquidiocesano de Pastoral, 1985.

ARRUTI, José M. Quilombos. **Raça – Novas Perspectivas Antropológicas**, Salvador, v. 1, 2008.

BÂ, Hampatê. Tradição oral. In.: KIZERBO, Josef (Org.). **História Geral da África**. São Paulo: Cortez, 2010. v.1.

BRASIL. Constituição (1988). **Constituição da República Federativa do Brasil**: promulgada em 5 de outubro de 1988, atualizada até a Emenda Constitucional nº 39, de 19 de dezembro de 2002. 31. ed. São Paulo: Saraiva, 2003.

BRASIL. DECRETO nº 4.887, de 20 de novembro de 2003.. Regulamenta no âmbito federal, dispositivos da Lei nº 11.284 de 20 de novembro de 2003, que dispõe sobre os remanescentes de quilombos no Brasil. **Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil**, Poder Executivo, Brasília, DF, 20 nov. 2003.

BRASIL. Estatuto da juventude. Lei federal nº 12.852, de 5 de Agosto de 2013. Distrito Federal, DF: Secretaria Nacional da Juventude, 2013.

BEZERRA, Ana Lúcia Sulina. **Bastões**: uma comunidade de origem negra. 102f. Monografia de graduação. Curso de Ciências sociais, do departamento de Ciências sociais, da UFC 1999.

BEZERRA, Ana Lúcia Sulina. Reconhecimento Étnico da comunidade de Bastões-Ceará(Brasil): Rumores e conflitos. **Revista de Ciências Sociais**, Fortaleza, v.43,n.1,jan/jun,2012,p.50-65. Disponível em :<
http://www.rcs.ufc.br/edicoes/v43n1/rcs_v43n1a4.pdf> acesso em: 10 de agosto de 2014.

BITTENCOURT, I. M.; BITTENCOURT, I. G. S. Como professores concebem o uso das TIC em suas práticas pedagógicas. In: **V Encontro de Pesquisa em Educação em Alagoas - EPEAL**, 2010, Maceió. Pesquisa em Educação: Desenvolvimento, Ética e Responsabilidade Social. Maceió: EDUFAL, 2010.

CABRAL, Moniz Sodré A. **Verdade seduzida**. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1983.

_____ **Claros e Escuros**. Rio de Janeiro: Vozes, 1999. v. 1. 270

CASTELLS, Manuel. **O poder da identidade**- a era da informação. São Paulo: Paz e Terra,1999.

CHARLOT, Bernad. **Da relação com o saber**: elementos para uma teoria. Tradução Bruno Magne. Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 2000.

_____. **Da relação com o saber às práticas educativas**. São Paulo: Cortez, 2013.

CUNHA JUNIOR, Henrique. **História e cultura africana e os elementos para uma organização curricular**. Texto Disciplina Pós-Graduação, Fortaleza: 2009-2.

DAMASCENO, Maria Nobre. **Formação da juventude e valores**. Fortaleza. Expressão gráfica e editora, 2013.

DAYRRELL, Juarez. **O jovem como sujeito social**. 2003. Disponível em <<http://www.scielo.br/pdf/rbedu/n24/n24a04>> Acesso em: 04-set-2015.

FIABANI, ADELMIR. **Quilombos antigos e quilombos contemporâneos**: verdades e construções. 2007. Disponível em: <<http://snh2007.anpuh.org/resources/content/anais/Adelmir%20Fiabani.pdf>> Acesso em: 08-ago-2015.

GOMES, Nilma Lino. Alguns termos e conceitos presentes no debate sobre relações raciais no Brasil: uma breve discussão. **Ação Educativa**. São Paulo 2012. Disponível em: <<http://www.acaoeducativa.org.br/fdh/wp-content/uploads/2012/10/Alguns-termos-e-conceitos-presentes-no-debate-sobre-Rela%C3%A7%C3%B5es-Raciais-no-Brasil-uma-breve-discuss%C3%A3o.pdf>> Acesso em: 18-set-2015.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A, 2000.

IBGE, Instituto brasileiro de geografia e estatística. **Indicadores sociais municipais**: uma análise dos resultados do universo do censo demográfico 2010. Rio de Janeiro: IBGE, 2011.

JUCÁ, Gisafran Nazareno Mota. Fortaleza na visão dos Idosos: onde o público e o privado se inter cruzam. **O Público e o Privado**, Fortaleza, v. 1, n.1, jan/jun 2002. Disponível em <<http://www.uece.br/mahis/dmdocuments/gisapublico.pdf>> acesso em 12 de jan de 2016.

MELLO, Luiz Gonzaga de. **Antropologia Cultural**. Petrópolis: Vozes, 1986.

MOURA, Clovis. **Dialética radical do Brasil negro**. São Paulo: Anita, 1994.

MOURA, Glória. O direito à diferença. In: MUNANGA, Kabengele. **Superando o racismo na escola**. 2. ed. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação, 2005. P. 69-82.

MUNANGA, Kabengele. **Negritude**: usos e sentidos. São Paulo: Ática S/A, 1988.

_____. Negritude e identidade negra ou afrodescendente: um racismo ao averso?. **Revista ABPN**, São Paulo, v.4, jul-out 2012. Disponível em: <<http://www.abpn.org.br/Revista/index.php/edicoes/article/viewFile/358/235>> Acesso em: 12-out-2015.

_____, Kabengele. Origem e histórico do quilombo na África. **Revista USP**, São Paulo, n.28, 1996. Disponível em < http://www.usp.br/revistausp/28/Revista_04-kabe.pdf > Acesso em: 10-set-2015.

RATTS, Alex. **Traços étnicos**: espacialidades e culturas e indígenas. Fortaleza: Museu do Ceará: Secult, 2009.

SANTANA, Camila Lima. **Adolescência e mídias digitais**: considerações iniciais sobre cultura digital e educação. 2006. Disponível em < <http://www.comunidadesvirtuais.pro.br/seminario2/trabalhos/camila.pdf>> Acesso em 5 de setembro de 2015.

SANTOS, Ana Cristina Conceição. **Escola, família e comunidade quilombola na afirmação da identidade étnica da criança negra**. 2008. 128 dissertação (Mestrado em Educação brasileira) – Faculdade de educação, Universidade Federal de Alagoas, Macéio, 2008.

SANTOS, Maria de Fátima de Souza, FÉLIX, Livia Botelho, DE MORAIS, Edclésia Reino Carneiro. Representações sociais de juventude em uma comunidade quilombola no Agreste de Pernambuco. **Revista Psico**. Porto Alegre:PUCRS, v. 28,2012.

UNVPA. FUNDO DE POPULAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS. **Direito da população jovem**: um marco para o desenvolvimento. 2. ed. Brasília, 2010.

APÊNDICES

APÊNDICE 1 - ENTREVISTAS SEMIESTRUTURADAS (PRIMEIRO ENCONTRO)

1. Qual o seu nome?
2. Sua idade
3. Onde você nasceu?
4. Com quem mora?
5. Fale um pouco de você, o que faz?
6. Estamos falando sobre juventude. O que significa isso para você?
7. Fale um pouco sobre a juventude aqui nos bastiões. O que fazem?
8. Existe algum problema que atinge a juventude serrana? De que vocês mais sentem falta?
9. Algumas pessoas, assim com a fundação Palmares consideram os Bastiões uma comunidade quilombola. Você já ouviu falar sobre isso? O que acha disso?
10. O que é para você uma comunidade quilombola ou remanescente de quilombo?
11. Descreva a comunidade onde vive
12. Existe outro meio de comunicação dos jovens da comunidade?

APÊNDICE 2 - ENTREVISTAS SEMIESTRUTURADAS (SEGUNDO ENCONTRO) - AAM

- 1- Apresente-se
- 2- O que você conhece sobre a origem da comunidade
- 3- Gostaria que você falasse um pouco de sua pesquisa ou atividade cultural
- 4- Como se deu o processo de reconhecimento da comunidade?
- 5- Como você reagiu a esse reconhecimento?
- 6- Narre um pouco de seu cotidiano e história na comunidade
- 7- Você consegue "apontar" um problema, uma dificuldade da comunidade desde o início

APÊNDICE 2 - ENTREVISTAS SEMIESTRUTURADAS (SEGUNDO ENCONTRO) - GF

- 1- Apresente-se
- 2- Conte um pouco da sua relação com o teatro
- 3- Você participou das primeiras peças do teatro local?
- 4- Qual a importância do teatro para a comunidade?
- 5- Você percebe à diferença na sua vida antes do teatro, e depois do teatro?
- 6- Quando eu digo, comunidade Bastiões, o que isso representa para você?
- 7- Como é que essa comunidade influenciou na sua formação?
- 8- Você conhece a história da comunidade?

APÊNDICE 2 - ENTREVISTAS SEMIESTRUTURADAS (SEGUNDO ENCONTRO) - MM

1-apresente-se

2- Eu gostaria que você falasse um pouco sobre o seu cotidiano aqui na comunidade, desde a sua infância, como era que passava os seus dias aqui?

3- você começou à fazer essas atividades com quantos anos? qual foi a primeira atividade?

4- onde era que vocês desenvolviam essa atividade?

5- E como era que as pessoas fora do grupo, as pessoas da comunidade viam essa dança?

6- Vocês sofreram algumas consequências desse julgamento?

8- Os outros jovens da comunidade, eles influenciam nos seus vídeos?

9- E os seus vídeos tem relação com os acontecimentos aqui da comunidade?
Do cotidiano aqui das coisas?

APÊNDICE 2 - ENTREVISTAS SEMIESTRUTURADAS (SEGUNDO ENCONTRO)

- TM

- 1- Apresente-se
- 2- Gostaria que você falasse um pouco da atividade cultural que desenvolve na comunidade
- 3- Quem foi o idealizador desse blog? Como foi que ele nasceu?
- 4- Faz quantos anos que esse projeto existe?
- 5- Qual o objetivo da criação do blog?
- 6- O blog atua em quais áreas do conhecimento?
- 7- Quais as mudanças que você consegue perceber do antes do blog e agora com o blog?
- 8- No colégio existe uma preparação para o Enem?
- 9- Eu queria agora que você falasse um pouco da história da comunidade, o que sua família contava pra você. O que você como moradora daqui, e membro dessa comunidade, sabe da história?

APÊNDICE 2 - ENTREVISTAS SEMIESTRUTURADAS (SEGUNDO ENCONTRO)
- RM

- 1- Apresente-se
- 2- Quais são as atividades que vocês desenvolvem aqui na comunidade?
- 3- O que representa para você essa atividade?
- 4- A partir de que horas vocês vão para o roçado?
- 5- Descreva um pouco desse trabalho. Vocês levam alguma coisa de casa?
- 6- Vocês passam quanto tempo no roçado?
- 7- Desde quantos anos você frequenta e trabalha no roçado?
- 8- Conte um pouco de sua história na comunidade, suas vivências

APÊNDICE 2 - ENTREVISTAS SEMIESTRUTURADAS (SEGUNDO ENCONTRO) - IDOSOS

- 1- Eu gostaria que inicialmente a senhora falasse um pouco da sua família o seu cotidiano aqui, e de como vocês trabalhavam?
- 2- Narre um pouco do trabalho das parteiras
- 3- E quando se ficava doente? A senhora falou que tinha dificuldade com médico, e os filhos?
- 4- A senhora como moradora da comunidade. Eu gostaria de saber se, a senhora sabe sobre a história da comunidade?
- 5- E qual é a principal diferença que a senhora nota da comunidade de como era antes, e de como é hoje? Já que a senhora é uma das mais antigas daqui. O que a senhora nota de mais diferente, o que destacaria de mais diferente?
- 6- Aqui na comunidade existiam as casas de farinha? Porque essa manifestação cultural não está sendo desenvolvida?
- 7- A senhora podia contar como eram essas farinhadas que tinham aqui?
- 8- Eu queria que a senhora falasse um pouco das tradições e dos eventos tradicionais aqui da comunidade.
- 9- Na juventude da senhora como vocês faziam pra se divertirem aqui?